

Coletânea de textos fundadores da dramaturgia brasileira de autoria feminina, *Maria Ribeiro: teatro quase completo*, que ora se reimprime pela Editora Mulheres, recupera parte de uma obra extensa produzida por uma dramaturga no Brasil do século XIX, cujos originais, em sua maioria inéditos, constam como perdidos — reduzidos a cinzas durante incêndio no Liceu de Artes e Ofícios (RJ). Autora que, junto a Alencar, Quintino Bocaiúva, Machado de Assis e outros, integrou a vanguarda comprometida com a renovação da cena brasileira em meados do século XIX, Maria Ribeiro, embora tenha escrito muitos textos para teatro, publicou muito pouco e teve uma pequeníssima parte dos seus textos encenados, tal como muitas mulheres do seu tempo (pelo menos cinquenta, cf. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*, publicado pela Editora Mulheres). Esta será uma, e apenas uma, das razões pelas quais ainda não temos em nossas estantes, reunida em *obras completas* — compondo a *coleção clássica do teatro brasileiro* — a produção dramaturgic de autoras brasileiras oitocentistas. Outra razão estará ligada a fatalidades como a referida acima, ainda que o destino esteja sempre pronto a nos apresentar boas surpresas. Outra ainda, talvez a mais nefasta, será aquela fundada no preconceito de que a nossa produção de autoria feminina para o palco foi tão parca no passado, que não haverá como reuni-la em volumes exclusivamente *delas*. Às vésperas do 160º aniversário do primeiro texto escrito por Maria Ribeiro, *Guite* ou *A feiticeira dos desfiladeiros negros* (1855), reeditar estes que ficaram a salvo do silêncio — *Cancros sociais*, *Um dia na opulência* e *A ressurreição do Primo Basílio* é, sim, uma homenagem à autora, a cuja atuação de vanguarda e resistência deve-se a formação de uma tradição dramaturgic que chega aos nossos dias, em plena forma, pela voz de uma Maria Adelaide Amaral, para citar apenas um nome mais conhecido. Mas é também um mimo ao público leitor dos nossos dias, porque leitoras e leitores de todos os tempos, temos a obrigação de conhecer e, sobretudo, de sonhar outras possibilidades de mundo.

ORGANIZAÇÃO

VALÉRIA ANDRADE

# MARIA RIBEIRO

## TEATRO QUASE COMPLETO



  
EDITORA MULHERES

## CANCROS SOCIAES

### ACTO I.

Em casa de Eugenio, a 2 de Julho, de manhã.

Salão, esteirado, com duas portas ao fundo, outras duas á esquerda e duas janellas á direita. Mobília elegante ao gosto da quadra; espelhos, vasos, quadros, candelabros, cortinados, etc. Um divan, uma mesa pequena perto, e em lugar conveniente uma grande moldura com retrato de homem, coberto de gaze verde.

### SCENA I.

O BARÃO E O VISCONDE.

BARÃO.

Se é sobre negocios, que V. Ex. pretende fallar a Eugenio, creio que não escolheu dia muito opportuno (*apresenta-lhe uma cadeira*); a recepção de hoje, é toda em obsequio á menina S. Salvador.

VISCONDE.

Não ignoro essa circumstancia, e é mesmo para comprimenta-la que aqui venho (*assentão-se*); mais tarde, apresentar-me-hei em character official e solemne. (*Serpreza no Barão.*) A filha do Commendador, é uma adoravel creatura! Rica, formosa... Ora... sejamos francos, Barão! Ainda não percebeu que eu gosto muito da joven Olympia?

  
EDITORA MULHERES



MARIA (ANGÉLICA) RIBEIRO

Angra dos Reis, RJ, 5 dez. 1829 -

Rio de Janeiro, RJ, 9 abr. 1880

Pseudônimos: Nenia Silvia, Um Caloiro

Iniciou sua atividade literária ainda na adolescência, passando logo depois a colaborar em diversas revistas. Em 1855 escreveu a primeira das mais de vinte peças teatrais que compõem sua obra. Teve algumas de suas peças representadas com sucesso de público e de crítica, como por exemplo, os dramas *Gabriela* (1863) e *Cancros Sociais* (1865), ambos elogiados por Machado de Assis (1839-1908). Foi sócia honorária da Sociedade Ensaio Literários. Fez da dramaturgia uma atividade profissional, não só como autora, mas também como tradutora de inúmeras peças teatrais.





Valéria Andrade

*Maria Ribeiro*

TEATRO QUASE COMPLETO

Impressão e distribuição

Editora

2007



Valéria Andrade

*Maria Ribeiro*

TEATRO QUASE COMPLETO

Ilha de Santa Catarina

Mulheres

2014



© 2014, Valéria Andrade

*Coordenação editorial*

Zahidé Lupinacci Muzart

*Conselho editorial*

Claudia de Lima Costa (UFSC)

Constância Lima Duarte (UFMG)

Eliane Vasconcellos (FCRB)

Ivia I. D. Alves (UFBA)

Joana Maria Pedro (UFSC)

June Fahnner (New York)

Nádia Gotlib (USP)

Norma Telles (PUC-SP)

Peggy Sharpe (Talahassee)

Rita T. Schmidt (UFRGS)

Susana Bornéo Funck (UFSC)

Simone P. Schmidt (UFSC)

Tânia R. O. Ramos (UFSC)

Yonissa Wadi (UNIOESTE)

*Organização, estabelecimento do texto, ensaio introdutório, bibliografia e notas*

Valéria Andrade

*Capa*

Gracco Bonetti

*Projeto gráfico e diagramação*

Rita Motta

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

Leny Helena Brunel CRB 14/540

M332 Maria Ribeiro, teatro quase completo. / organizadora Valéria Andrade. – Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008. Reedição rev. e atualizada. 2014.  
264 p.  
ISBN 978-85-86501-76-0

1. Literatura Brasileira – Teatro. 2. Mulher Escritora – Literatura Brasileira. 3. Ribeiro, Maria – Dramaturgia. I. Andrade, Valéria.

CDU 869.0(81)-2

REALIZADO O DEPÓSITO LEGAL

Editora Mulheres  
Rua Joe Collaço, 430  
88035-200 Florianópolis, SC  
Fone/Fax: (048) 3233-2164  
e-mail: editoramulheres@floripa.com.br  
www.editoramulheres.com.br

## Sumário

Nota sobre esta edição .....	9
Introdução .....	13
Bibliografia da autora.....	49
Cancros sociais.....	55
Um dia na opulência .....	157
A ressurreição do Primo Basílio.....	225



## *Nota sobre esta Edição*

**C**ancros Sociais, *Um dia na opulência* e *A ressurreição do Primo Basílio* compõem o pequeno relicário do que foi recuperado, até agora, de um extenso repertório de textos teatrais formado por mais de vinte títulos. Produzido com regularidade entre 1855 e 1880, este repertório configura-se como obra fundadora da tradição da dramaturgia brasileira de autoria feminina, sobretudo por ter sido a primeira, assinada por uma nativa, a subir ao palco. A reedição de parte destes textos fundadores cumpre o objetivo de promover seu re/encontro com o público de hoje, seja o público-leitor (incluído o das salas de aula), seja o das salas de espetáculo. Retirados do porão, as duas comédias e o drama que ora se reeditam apostam, portanto, na possibilidade de prosseguir seu percurso de objeto estético mediador do nosso conhecimento do mundo, inclusive o que construímos dentro de nós, com nossas loucuras e nossa lucidez, nossas paixões, nossas dores e sonhos.



10 Ser re/lido, ser re/encenado e re/visto, ser es-  
tudo e re/avaliado, renascer, enfim, como material  
para novas possibilidades de re/criação do mundo –  
esse o projeto de vida dos textos que aqui se apresen-  
tam e, aliás, de inúmeros outros de natureza dramá-  
tica, com destaque para os produzidos por mulheres  
no passado, mas também os que vêm sendo escritos  
contemporaneamente, fora ou não dos grandes cen-  
tros culturais e que, tanto quanto seus pares de on-  
tem, são sistematicamente silenciados – agora, mais  
do que nunca, pela ação de um mercado editorial  
refratário (com raras exceções) à dramaturgia, salvo  
a de autores consagrados, dada sua capacidade de  
assegurar lucros e vantagens de caráter simbólico.

Para a presente edição, foram utilizadas, as  
primeiras edições de *Cancros Sociais* e *Um dia na opu-  
lência* (impresas, respectivamente, em 1866 e 1877)  
e um manuscrito de *A ressurreição do Primo Basílio*, em  
cuja folha de rosto consta a informação de sua pri-  
meira impressão em 1878. No caso das comédias, a  
transcrição foi realizada a partir de cópias em micro-  
filme, localizadas no acervo da Biblioteca Nacional,  
no Rio de Janeiro. Em relação a *Cancros Sociais*, o tex-  
to foi transcrito de cópia xerográfica, localizada no  
acervo da Biblioteca do Museu Lasar Segall, em São  
Paulo. Os textos foram atualizados de acordo com  
as normas ortográficas vigentes, conservando-se a

11 pontuação e o uso de itálico, maiúsculas e minúsculas,  
e corrigindo-se os erros tipográficos óbvios ou que  
truncavam o sentido da frase. No caso de *A ressurreição  
do Primo Basílio*, as especificidades da cópia consultada,  
somadas ao precário estado de conservação em que se  
encontrava o material, agravaram as dificuldades do  
trabalho de transcrição. Dos pouco mais de trinta fó-  
lios que o compõem, sete estão perdidos (situação em  
tudo coerente com a condição de 'sobrevivente' da  
luta contra o tempo e o descaso com que são tratados  
em nosso país esses e vários outros textos, literários  
ou não, que registram nossa memória cultural). Ape-  
sar das inúmeras lacunas deste texto teatral que aqui  
se oferece à leitura, a apreensão do seu sentido mais  
geral não fica, de modo algum, comprometida, como  
se poderá atestar.





## *Introdução*

### MARIA RIBEIRO: a vanguarda feminista no palco brasileiro do século XIX

Valéria Andrade

13

*Sem pretensões e sem nutrir a menor ambição de louvores do público ou da imprensa, e só para satisfazer à vontade de meu marido, remeti o meu drama ao Conservatório Dramático, [...].*

Maria Angélica Ribeiro

Judith Shakespeare, irmã de um dos maiores nomes da dramaturgia ocidental, criada ficcionalmente por Virginia Woolf numa das narrativas que compõem *A Room of One's Own*, nasceu, segundo nos conta a ensaísta, com o mesmo talento e predileção

para a dramaturgia que o irmão William, porém, diferentemente dele, não teve as oportunidades e os incentivos materiais e emocionais para desenvolvê-los. Confrontada com a pressão sociocultural do seu tempo, exercida duramente no sentido de minar iniciativas voltadas ao desenvolvimento intelectual e artístico das mulheres, Judith acaba suicidando-se, antes dos vinte anos, sem ter escrito um único texto para o palco. Neste seu ensaio, pedra de fundação da crítica literária feminista, escrito e publicado em fins da década de 1920, Woolf sugeria que em cem anos uma escritora de talento, dispondo de boa instrução, independência financeira e um "quarto próprio", provavelmente ressuscitaria "o poeta morto que foi a irmã de Shakespeare."<sup>1</sup>

Ao longo desse tempo e, sobretudo, durante os séculos anteriores à publicação do clássico woolfiano, quantas mulheres não terão tido sorte parecida à de Judith Shakespeare? O significado metafórico do suicídio da dramaturga elisabetana explicita-se aqui em relação a incontáveis mulheres que, não só na Europa, obviamente, terão interrompido e/ou anulado suas trajetórias artísticas na área da dramaturgia. Muitas delas também, sem dúvida,

<sup>1</sup> WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 148.

terão lutado para contornar os vários obstáculos postos a sua frente.

No Brasil, já em meados do século XIX, temos confirmação de pelo menos uma escritora que se engajou nessa luta: Maria Angélica Ribeiro. Ainda que outras brasileiras a tenham precedido cronologicamente, sua obra marca a fundação da tradição da dramaturgia brasileira no feminino, seja pela continuidade com que foi produzida, seja pelo fato de ter sido a primeira a publicar-se como espetáculo, além de ter sido impressa em livro individual e em obra coletiva.<sup>2</sup>

Literariamente conhecida como Maria Ribeiro, nasceu a autora em 5 de dezembro de 1829, na vila de Parati (hoje Angra dos Reis), Rio de Janeiro, e recebeu dos pais o nome de Maria Angélica de Sousa Rego. Sua mãe, Maria Leopoldina de Sousa Rego, nascida no mesmo local, tinha ascendência nobre, da linhagem de um ilustrado Capitão-Mor

<sup>2</sup> Pela cronologia, esta tradição remontaria a 1797, quando uma "Anônima e Ilustre Senhora da Cidade de São Paulo" assinou *Tristes feitos do amor, Drama em que falam Paulicéia, a Prudência e a Desesperação na figura de uma Fúria*. Sobre outras duas autoras brasileiras que escreveram teatro no século XVIII, ver MUZART, Zahid L. Maria Josefa Barreto. In: \_ (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 75-81; VASCONCELLOS, Eliane. Beatriz Francisca de Assis Brandão. In: MUZART (Org.), *Escritoras brasileiras...*, p. 82-109; SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 1996, p. 49-50.



(Morgado-nobre de Argemães). Seu pai, o lisboeta Marcelino de Sousa Rego, era moço fidalgo da Real Casa de D. João VI, Capitão condecorado com insígnias de Grão Mérito Militar. Morto em serviço, por afogamento na Lagoa Rodrigo de Freitas, Sousa Rego deixou viúva uma jovem de 19 anos e três órfãs pequenas, das quais a primogênita, Maria Angélica, com 5 anos incompletos.<sup>3</sup>

A exigência de uma educação compatível com a inteligência incomum revelada desde cedo pela menina só viriam a ser supridas pela ação de um tutor, o Brigadeiro Antônio Bracet. Impressionado com a precocidade da filha do amigo e antigo companheiro de armas, Bracet encarregou-se, segundo relata a própria autora, de "facultar-lhe (como ele dizia), os meios de alcançar pela inteligência, uma

16

<sup>3</sup> ALMEIDA, [José Ricardo] Pires de. D. Maria Ribeiro (Dramatista brasileira). *Brazil-Theatro*, Rio de Janeiro, fasc. 2, 1907, p. 391 e RIBEIRO, Maria. *Cancros Sociais*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1866, p. x. A maioria das informações sobre a vida pessoal e literária de Maria Ribeiro foi tirada do seu prefácio à edição. Dedicado "À Exma. Senhora D<sup>a</sup>. Violante de Bivar", o texto é uma homenagem da autora àqueles que, como se verá, direta e indiretamente, abriram-lhe o caminho para a carreira de dramaturga: seu filho, seu tutor e Diogo de Bivar, pai da jornalista Violante de Bivar. Sobre esta escritora, que traduziu vários textos teatrais franceses, italianos e ingleses, ver SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas...*, p. 43-44 e também VASCONCELLOS, Eliane. Violante de Bivar e Velasco. In: MUIZART (Org.), *Escritoras brasileiras...*, p. 194-207.

posição digna e independente no futuro".<sup>4</sup> Desse modo, a exemplo de várias escritoras do passado que chegaram a desenvolver uma carreira profissional proeminente a partir do apoio e do estímulo recebidos de uma figura masculina, geralmente o pai – Narcisca Amália (1852-1924) e Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), para citar apenas brasileiras –,<sup>5</sup> é pelas mãos de seu tutor que Maria Ribeiro tem acesso ao universo da criação literária, a começar por uma educação mais ampla. Sua farta produção, com vinte e dois textos para teatro – em sua maior parte inéditos e, ao que consta, perdidos –,<sup>6</sup> evidencia o bom proveito que fez da chance surgida das circunstâncias difíceis de sua infância.

Bem adubada, a vocação literária de Maria Angélica aflora cedo, nos versos e saudações que, já aos doze anos, escreve às amigas em ocasiões natalícias e, um pouco mais tarde, nas colaborações para várias revistas, em que assina o pseudônimo de

17

<sup>4</sup> RIBEIRO, *op. cit.*, p. viii.

<sup>5</sup> TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil do século XIX*. São Paulo, 1987. Tese (Doutorado) PUC/SP, p. 436-438. Sobre Narcisca Amália, ver também PAIXÃO, Sylvia. *A fala-a-menos: a repressão do desejo na poesia feminina*. Rio de Janeiro: Numem, 1991, p. 81-96.

<sup>6</sup> Segundo informa SABINO, Ignez. *Mulheres ilustres do Brasil*. Ed. fac-similar. Florianópolis: Mulheres, 1996, p. 199-205, os inúmeros originais deixados pela dramaturga foram destruídos pelo incêndio ocorrido no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro.

Nênia Sílvia. Tendo, entretanto, se casado também muito cedo – aos 14 anos, como a grande maioria de suas contemporâneas –, Maria Angélica passa a investir de fato na carreira literária somente a partir dos 25 anos, já mãe de duas meninas e um menino. Em maio de 1855, com a morte do caçula, segundo seu próprio depoimento, ela busca alívio na escrita dramaturgica, para a qual anteriormente sentia-se “com alguma vocação”.<sup>7</sup> Seu primeiro texto teatral, o drama *Guite ou A feiticeira dos desfiladeiros negros*, obteve a aprovação do Conservatório Dramático e os louvores do seu presidente, Diogo de Bivar (1785-1865).<sup>8</sup> Animada pela boa acolhida, Maria Ribeiro continua a escrever e, logo no ano seguinte, assina outros dois dramas em cinco atos também louvados por aquele órgão censor. Nesse mesmo ano, devido ao que refere como “incômodos de família”,<sup>9</sup> sua produção, já promissora, sofre uma interrupção.

Em 1858, trazendo à lembrança “os despachos do Sr. conselheiro Bivar” em relação às suas

<sup>7</sup> RIBEIRO, *op. cit.*, p. viii.

<sup>8</sup> Um dos fundadores do Conservatório Dramático, advogado pela Universidade de Coimbra, Bivar atuou na imprensa da Bahia, antes de transferir-se para o Rio de Janeiro. Sobre sua interessante trajetória, que inclui a condenação por traição à pátria durante a ocupação francesa em Portugal, ver SOUSA, J. Galante de. *O teatro no Brasil: subsídios para uma biobibliografia do teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960, p. 120-121.

<sup>9</sup> RIBEIRO, *op. cit.*, p. viii.

primeiras tentativas dramáticas e, também, com a intenção expressa de homenagear um amigo aniversariante, Maria Ribeiro escreve um novo drama, *O anjo sem asas*, cujo título dialoga, abertamente, com *As asas de um anjo*, de José de Alencar, encenado pouco antes, com o qual o pioneiro do realismo teatral nos trópicos incorpora à nossa dramaturgia o tema da prostituição, recém-introduzido no palco brasileiro com *A dama das camélias*. O novo drama da estreada, também submetido ao julgamento do Conservatório Dramático, foi igualmente louvado pelo júri, recebendo ainda a aprovação de quantos o leram e ouviram a seguir.

Depois disso, sua produção cresce espantosamente e, até 1863, Maria Ribeiro tem escrito perto de quinze textos teatrais. Encorajada pelo “parecer favorável de alguns amigos competentes”,<sup>10</sup> resolve apresentar-se publicamente. Escreve então o drama *Gabriela*, especialmente para ser levado à cena pelo Teatro Ginásio Dramático na festa de benefício da atriz Gabriela da Cunha, sendo aplaudida pelo público e pela crítica. As manifestações mais destacadas aparecem no *Jornal do Comércio*, assinadas por Visconti Coaraci e Machado de Assis, que sublinham a naturalidade dos diálogos e, sobretudo, a moralidade da

<sup>10</sup> Id., *Ibid.*, p. ix.



peça, filiando-a implícita e explicitamente à estética realista francesa.<sup>11</sup>

Em 1865, passados dez anos da primeira experiência de Maria Ribeiro em dramaturgia, o Ginásio Dramático abre suas portas novamente para a encenação de outro texto seu, o drama em 5 atos *Cancros Sociais*. Aplaudido calorosamente pelo público e pela imprensa local – com várias críticas favoráveis em jornais como *Diário do Rio de Janeiro*, *Correio Mercantil* e *Jornal do Comércio* – o drama alcança oito récitas seguidas naquele mês, além de algumas outras nos meses seguintes, tornando o seu nome mais conhecido e principalmente respeitado e prestigiado no ambiente teatral da época, como até então, aliás, nenhum outro nome feminino o fora.

Para se ter uma ideia do prestígio de Maria Ribeiro entre seus contemporâneos, vale a pena ler um trecho de um artigo, de 1890, escrito pela cronista do jornal *Cidade do Rio*, Corina Coaraci, em resposta ao comentário do redator da seção “Palco e Salões” do *Diário do Comércio* após a representação da comédia *O Voto Feminino*, da jornalista Josefina Álvares de Azevedo. Em seu artigo, a colunista reforça sua argumentação evocando o nome e a produção de Maria Ribeiro:

<sup>11</sup> Apud FARIA, João Roberto. *O teatro realista no Brasil: 1855-1865*. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 255.

Maria Ribeiro, escrevendo há vinte e cinco anos o seu grande drama *Os Cancros Sociais* [sic] um dos primeiros gritos lançados contra a escravatura, revelou um profundo conhecimento dos vícios e das torpezas da sociedade de então, sem que o seu puro espírito de mulher sofresse o mais leve ataque por parte do público frequentador de teatros menos habituado naquela época do que hoje a ver a pena manejada por mãos femininas. Maria Ribeiro é uma de nossas glórias literárias, uma precursora da abolição e, se tivesse tido vida mais longa, seria hoje talvez um dos esteios do teatro nacional: o seu talento só se expandiu em produções dramáticas em que eram atacados frente a frente os males e os preconceitos do nosso meio social, afrontando todos os comentários e todos os tartufismos da crítica menos liberal do que a dos modernos tempos. Entretanto, quem se atreveria então como hoje a tomar como base de censura à autora o seu sexo?<sup>12</sup>

Também as palavras de Machado de Assis, publicadas bem antes no *Diário do Rio de Janeiro*, atestam as razões do sucesso e do respeito profissional alcançado pela escritora no decorrer da sua trajetória:

<sup>12</sup> COARACY, Corina apud AZEVEDO, Josephina Alvares de. *O voto feminino*. A *Família*, Rio de Janeiro, 7 jun. 1890, p. 1. Sobre esse confronto na imprensa, cf. SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *O florete e a máscara: Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 2001.

O nome da Sra. D. Maria Ribeiro, não é desconhecido do público. Representou-se há tempos no Ginásio um drama de sua composição intitulado *Gabriela*, e oferecido à nossa primeira artista dramática. [...]

Há, com efeito, entre *Gabriela* e *Cancros Sociais*, uma notável diferença, um incontestável progresso. A mão incerta no primeiro tentame é agora mais segura, mais conscienciosa; a autora desenha melhor os caracteres, pinta melhor os sentimentos; a ação aqui é mais natural, mais dramática, mais sustentada; as situações mais bem concebidas e os diálogos mais fluentes.

O novo drama é ainda um protesto contra a escravidão.

Apraz-nos ver uma senhora tratar do assunto que outra senhora de nomeada universal, Mrs. Beecher Stowe, iniciou com mão de mestre. A ação, como a imaginou a Sra. Dona Maria Ribeiro, tem um ponto de contato com o *Mãe*, drama do Sr. conselheiro José de Alencar: é uma escrava, cujo filho ocupa uma posição social, sem conhecer de quem procede. E se notamos esta analogia, é apenas para mostrar que, na guerra feita ao flagelo da escravidão, a literatura dramática entra por grande parte. A luta que se trava no espírito de S. Salvador, entre o dever do filho e os preconceitos do homem, é estudada com muita observação; a última cena do 2º ato, entre o filho e a mãe, parece-nos a mais bela cena da peça.

Louvamos com franqueza, criticaremos com franqueza. A ação que interessa e

prende, de ato para ato, falece um pouco no último; o estilo ressentido-se da falta de unidade; o diálogo, em geral fluente e natural, peca às vezes pela intervenção demasiada de metáforas e imagens; há algumas cenas, mas poucas, que nos parecem inúteis; e a autora deve ter presente este preceito de arte: – toda a cena que não adianta à ação é uma superfluidade.

Feitos estes reparos ligeiros, resta-nos aplaudir do íntimo da alma a nova obra da autora de *Gabriela*, cujo alento está recebendo do público legítimos sufrágios.<sup>13</sup>

Escrevendo com regularidade ao longo de vinte e cinco anos, Maria Ribeiro traz à história da literatura dramática brasileira uma contribuição digna de nota, sobretudo por abrir espaço para as mulheres num campo literário até então absolutamente vedado a sua atuação. Diferentemente da atuação esporádica de algumas das primeiras sucessoras de Maria Ribeiro, como Júlia Lopes de Almeida e Julieta de Melo Monteiro, a dela teve a marca da assiduidade e da exclusividade com que se dedicou à produção de textos para o palco. Após o sucesso alcançado com a encenação de *Cancros Sociais*, continua a escrever e a publicar seus textos teatrais, inclusive no

<sup>13</sup> ASSIS, J. M. Machado de. *Crônicas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1955, p. 391-392.



palco. Em 1879, ano anterior ao da sua morte, um outro drama de sua autoria, *Opinião pública*, foi também encenado, desta vez no Teatro São Luís. E além de *Cancros Sociais*, publicado em 1866, duas de suas comédias, *Um dia na opulência* e *A Ressurreição do Primo Basílio*, foram também publicadas, respectivamente, em 1877 e 1878. Sem esquecer que, paralelamente a essa produção de originais, Maria Ribeiro traduzia textos teatrais, fazendo, portanto, da atividade literária um ganha-pão.

Considerando-se o preconceito então existente em torno do ambiente teatral, no qual até meados do século XIX a única participação feminina aceitável era como espectadora (e mesmo assim, até 1862, restrita aos camarotes), pois, como atrizes, as mulheres ainda eram quase sempre 'confundidas' com prostitutas, não se pode ignorar que o fato de Maria Ribeiro ser casada com um dos mais atuantes e prestigiados cenógrafos da Corte brasileira em sua época, João Caetano Ribeiro,<sup>14</sup> terá contribuído, em larga medida, para referendar sua atuação como dramaturga, que mesmo inédita para uma mulher da época, teve ótima aceitação, inclusive nos bastidores teatrais (censores, empresários, críticos),

<sup>14</sup> Sobre sua trajetória, cf. ALMEIDA, [José Ricardo] Pires de. João Caetano Ribeiro (Cenógrafo brasileiro). *Brazil-Theatro*, Rio de Janeiro, fasc. 2, 1907, p. 390 e SOUSA, *op. cit.*, p. 454-455.

então monopolizados pelo sexo masculino. Embora se entremostre aí uma segunda fonte masculina de apoio ao percurso profissional de Maria Ribeiro, importa não perder de vista que, depois de viúva, ela continuou muito bem acolhida no ambiente teatral do Rio de Janeiro até o final da vida, o que não deixa dúvidas quanto ao alicerce sobre o qual construiu sua bem-sucedida carreira literária – o seu próprio talento. Não obstante, na maioria dos raros estudos sobre essa autora, as primeiras palavras trazem sempre a informação de que ela era "casada com João Caetano Ribeiro...", ou "esposa do célebre cenógrafo...", como se, por uma concessão, seu nome e seu percurso autoral até se possam incluir na nossa história teatral – desde que referidos ao marido.

É possível também que o fato de sua atuação ter sido voltada especificamente para a esfera produtiva do teatro, isto é, a dramaturgia, tenha contribuído para que Maria Ribeiro conquistasse para si algum espaço (e um espaço 'respeitável', em todos os sentidos) nesse território até então exclusivamente masculino, já que essa atividade, embora essencialmente vinculada ao palco, não trazia em si o estigma da interpretação teatral, que quando aplicado às mulheres era absolutamente desonroso.

Outra contribuição mais direta – mas igualmente contrária ao padrão da época – dada por João Caetano Ribeiro à carreira literária da esposa foi



encorajá-la a submeter seu primeiro texto teatral ao Conservatório Dramático. A justificativa de Maria Ribeiro, de que sua decisão de expor-se ao julgamento daquela instituição visava exclusivamente satisfazer a vontade do marido,<sup>15</sup> deixa entrever a postura corrente entre as escritoras do seu tempo, cuja principal característica era a modéstia irrestrita nas inúmeras fórmulas de humildade, que usavam deliberadamente, por exemplo, nos prefácios de seus livros.<sup>16</sup> Nessa mesma direção, atente-se para a explicação de Maria Ribeiro de que sua primeira experiência dramática surgiu como uma tentativa de "distração" após o período traumático do luto pela morte do filho, quando então, sentindo a própria vida faltar-lhe pela metade, sentiu-se igualmente obrigada a vivê-la para as duas filhas mais velhas. É curioso observar que, com esse argumento, a autora parece querer justificar que sua atividade literária propriamente dita só foi iniciada por ter funcionado como uma válvula de escape útil e necessária à continuidade do cumprimento do seu papel de mãe extremada.

É provável que Maria Ribeiro, então desobrigada dos cuidados maternos para com o único filho

<sup>15</sup> RIBEIRO, *op. cit.*, p. viii.

<sup>16</sup> MUZART, Zahidé Lupinacci. Artimanhas nas entrelinhas: leitura do paratexto de escritoras do século XIX. *Travessia (Mulher e Literatura)*. Florianópolis: UFSC, n. 21, 1990, p. 64-70.

varão, representante da parcela culturalmente mais valorizada da descendência numa sociedade patriarcal, se sentisse autorizada intimamente a desenvolver talentos e interesses pessoais seus já identificados. Isso, decerto, nem ela própria conseguiria reconhecer e nesse sentido não destoou dos padrões sociais da época. Embora se sentisse "presa até morrer" ao "afã das letras", a ele se dedicava para "aproveitar as poucas horas" de sobra da sua "lida de mãe de família",<sup>17</sup> atitude também adotada por algumas mulheres cultas da época, que encontravam na atividade literária o escape aceitável para suas energias, sobretudo por não ir de encontro à ideia da maternidade como prioridade máxima da vida de uma mulher.<sup>18</sup>

À semelhança, no entanto, de Maria Firmina dos Reis (1825-1917), que no prólogo ao seu romance *Úrsula* (publicado em 1859), em meio a expressões de modéstia, protesta contra a falta de condições e oportunidades para as escritoras do seu tempo,<sup>19</sup> Maria Ribeiro, embora se esforçando em provar sua falta de ambição e vaidade, denuncia, no prefácio a *Cancros Sociais*, os preconceitos a que estavam sujeitas suas contemporâneas com aspirações literárias.

<sup>17</sup> RIBEIRO, *op. cit.*, p. xi.

<sup>18</sup> HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 89.

<sup>19</sup> MUZART, Artimanhas..., p. 68-69.

E mais, mostra ter consciência de que, com o seu talento, teria alguma contribuição a dar à literatura dramática brasileira. Impõe-se a transcrição do seguinte fragmento:

Neste meu intuito, que as almas bem constituídas hão de respeitar, não há, nem houve sombra de pretensão. Publico o meu escrito com este desejo, e não por ambição de glórias, que já as tenho bastantes para o meu coração e para as minhas aspirações literárias. Sei que uma mulher, especialmente pobre, não pode elevar-se a certas regiões. O despeito de uns, a intolerância de outros, a injustiça de muitos, e sobretudo, a calúnia sempre ávida de vitimar a fraqueza feminina, cedo ou tarde, com aleives e injúrias, lá a despenham dessas alturas, se porventura soube atingi-las.

Cumpre-nos obedecer aos homens!

A mulher brasileira, se não quer sujeitar-se ao escárnio dos *espirituosos* e às censuras mordazes dos *sensatos*, não tem licença para cultivar o seu espírito fora das raías da música ao piano, e das de algumas frases, mais ou menos estropiadas, de línguas estrangeiras! Nem ao menos para ler Aimé Martin – *Civilização do gênero humano pelas mulheres!*

As européias, sim, essas inteligentes e talentosas podem estudar e escrever; poetar ou compor dramas e romances; podem satisfazer as ambições da sua alma, ter culto, e conquistar renome...

Entre nós, não, que nada disso se pode dar! O que sai de lavra feminina, ou *não presta* ou *é trabalho de homem*. E nesta última suposição, vai uma ideia oculta e desonesta.

E para que compraríamos, nós mulheres, a fama de sermos autoras de trabalhos que não fossem nossos, se com ela nada ganhamos, nem temos possibilidade de obter lugar ou emprego pelos nossos méritos literários? Valem-nos eles de coisa alguma? Será pelos lucros?...

Santo Deus! A calúnia nem reflete nisto! Levando, pois, a efeito o meu tributo, creio cumprir com ele o doce dever da saudade maternal e a respeitosa veneração de discípula, dando também à desprovida história das letras dramáticas da minha pátria, o pequenino contingente do meu minguido talento.<sup>20</sup>

Se a preocupação da autora com a opressão exercida sobre as brasileiras do seu tempo interessadas em “poetar ou compor dramas e romances” é aqui declarada alto e bom som, também em sua obra teatral revela-se a ousadia de uma escritora disposta a utilizar-se da linguagem cênica para discutir suas ideias e reivindicações sobre sua realidade social, como também para protestar, mesmo obliquamente, contra o cerceamento imposto às mulheres.

O rótulo de drama abolicionista, apostado a *Cancros Sociais* pelos raros estudiosos que o mencionam,

<sup>20</sup> RIBEIRO, *op. cit.*, p. x-xi.



não alcança o protesto que neste texto se faz especificamente contra o lugar social aviltante das mulheres escravas no Brasil oitocentista. Outro autor, vale anotar, já havia feito protesto idêntico nos palcos do Rio de Janeiro anos antes de Maria Ribeiro. Em 1860, o Ginásio Dramático abre suas portas para o drama *Mãe*, escrito por José de Alencar no ano anterior, cujo enredo aborda a questão excêntrica da mulher mestiça escrava do próprio filho. Órfão ainda na primeira infância, ele a recebe como herança do pai adotivo e é criado por ela sem saber do vínculo biológico que os unia. No desfecho da trama, Joana, a *mãe-escrava*, se mata, com uma dose de veneno, para poupar ao filho, um bem sucedido estudante de medicina, o repúdio social que o atingiria caso viesse a público o segredo de suas origens.

A julgar pelas palavras de Alencar à própria mãe ao dedicar-lhe o texto – “Rainha ou escrava, a mãe é sempre mãe”<sup>21</sup> –, a tragédia de Joana explicita o ideal romantizado da mãe que sacrifica até a própria vida para o bem do filho. Nesse sentido, parece justificar-se a crítica de que Alencar, nada preocupado com o problema da escravidão e suas implicações morais, jurídicas e políticas, teria escolhido uma

escrava como heroína do drama para mostrar uma situação-limite que lhe facilitava comprovar exemplarmente o alcance do amor materno. No entanto, o auto-sacrifício de Joana sinaliza também para outra postura de Alencar, que, tudo indica, “gostaria que a escravidão, juntamente com a sua herança negra, sumisse de repente da vida brasileira, num passe de mágica que o teatro – não a realidade histórica – mostrava-se capaz de fazer”, como aponta Décio de Almeida Prado.<sup>22</sup>

Por outro lado, ainda que Magalhães Júnior<sup>23</sup> possa ter acertado ao julgar que o desfecho trágico de *Mãe*, “longe de ser um grito de revolta contra a escravidão [...], não constitui senão uma antecipação daquela atitude conformista, ou melhor, reacionária, do homem público ligado ao Partido Conservador”, não nos deve escapar o fato, anotado por Evaristo de Morais,<sup>24</sup> de que Alencar “escrevera seu drama numa época em que era frequente se cochichar contra ricos *senhores*, que vendiam os próprios filhos, havidos de escravas; numa época em que todas as fatalidades da tragédia grega eram possíveis, mercê do cativoiro”.

<sup>22</sup> PRADO, Décio de Almeida. *História concisa do teatro brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 85.

<sup>23</sup> MAGALHÃES JÚNIOR *apud* MENDES, Miriam Garcia. *A personagem negra no teatro brasileiro (entre 1838 e 1888)*. São Paulo: Ática, 1982, p. 59.

<sup>24</sup> MORAIS *apud* HESSEL, Lothar e RAEDERS, Georges. *O teatro no Brasil sob D. Pedro II*. Porto Alegre: UFRGS, IEL, 1979, p. 125-126.

<sup>21</sup> ALENCAR, José Martiniano de. *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro, 1977, p. 255.



Anote-se ainda, como fez Robert Slenes,<sup>25</sup> que, no início da década de 1850, Alencar advogara no Instituto dos Advogados Brasileiros (atual OAB) como assistente de Caetano Soares, jurista que, em 1851, indicara (já pela segunda vez) a necessidade de uma lei que alforriasse a mãe escrava e o filho tido com o senhor. Além disso, continua Slenes, em 1859, ano em que escreve *Mãe*, Alencar teria estado forçosamente atento aos debates jurídicos e às resoluções do IAB sobre essa questão, pois além de sócio do Instituto, desde o começo desse ano ocupou os cargos de chefe de seção e consultor do Ministério da Justiça. Inspiração, portanto, não lhe terá faltado.

É o mesmo estudioso que faz referência, ainda, a um drama real encenado em Campinas, em 1861, em que o protagonista, Isidoro Mascarenhas, que recebera a própria mãe na herança paterna, concede-lhe a alforria ao chegar à maioridade.<sup>26</sup> Apon-tando para a natureza política de *Mãe*, Slenes desce a minúcias e anota que Alencar ambientou a peça no Rio de Janeiro, no início de fevereiro de 1855, justo o local e a data de um Acórdão em que a "família

escrava" do senhor era enfaticamente destituída do seu direito à liberdade. A metáfora que reveste o suicídio de Joana não podia ser mais clara, como indica Robert Slenes: "é a esperança de liberdade de todas as escravas na sua situação que é assassinada pelo Acórdão".<sup>27</sup> Ressalta ainda esse autor que, no tocante ao último ato de mãe, até o dia em que transcorre a ação é exatamente o mesmo da assinatura desse Acórdão (6 de fevereiro), no qual se diz com todas as letras: "o ajuntamento ilícito do senhor com a escrava não é razão suficiente que importe a liberdade da escrava e dos filhos posteriores ao ajuntamento ilícito, depois da morte do senhor".<sup>28</sup> Se, portanto, mais do que retratar e discutir aquela aberração social gerada pelo regime escravista, Alencar pretendeu corrigi-la, sua frustração terá sido enorme, pois *Mãe* não contribuiu para produzir sequer uma mudança na aplicação da lei existente. É forçoso, aliás, admitir que a chance de que isso viesse a acontecer era de fato remota, até porque, como conclui o mesmo Robert Slenes, "a força política dos senhores ainda era, e continuaria a ser por bastante tempo, uma barreira forte contra uma reforma na área, que na verdade explodiria as bases do poder privado".<sup>29</sup>

<sup>25</sup> SLENES, Robert. Senhores e subalternos no oeste paulista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *História da vida privada no Brasil: Império, a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 239-290.

<sup>26</sup> Id., *Ibid.*, p. 234 e ss.

<sup>27</sup> Id., *Ibid.*, p. 261-262.

<sup>28</sup> Id., *Ibid.*, p. 261.

<sup>29</sup> Id., *Ibid.*, p. 262-263.

34 Não por acaso, Maria Ribeiro retoma a questão e, poucos anos depois, em 1865, traz de volta ao palco do Ginásio o drama da *mãe-escrava*. Marta, a heroína de *Cancros Sociais* é uma escrava "parda clara" que, iludida com promessas de liberdade e casamento, acaba seduzida por um patife e torna-se mãe de um menino branco que lhe é arrancado dos braços e vendido por um comparsa do pai do menino. Ignorando totalmente sua ascendência africana, Eugênio cresce julgando-se órfão e, já adulto, empresário bem-sucedido, casado com Paulina, descobre que, ao negociar a posse de uma escrava para alforriá-la em comemoração ao aniversário de quinze anos de sua filha, comprara ninguém menos que a própria mãe. A aproximação com a trama envolvendo os protagonistas de *Mãe* salta aos olhos. Ambos os textos denunciam a anomalia social tornada possível pelo sistema escravista – mães que são vendidas e/ou compradas pelos próprios filhos. De feição abolicionista, a trama tecida por Maria Ribeiro ganha contornos específicos, por recriar – de uma perspectiva crítica em relação à privação do direito da convivência familiar – a experiência de mulheres negras e mestiças no Brasil escravista relacionada com a exploração sexual pelo homem branco, que resultou, com frequência espantosa, na comercialização de mães por seus próprios filhos.

Depois de alguns 'golpes de teatro' e muitas reviravoltas, reconhecimentos e coincidências que beiram o inverossímil, os dois vilões de *Cancros Sociais*, Forbes e Medeiros, que tanto sofrimento causaram a Marta e Eugênio, recebem, de um lado, seus castigos, enquanto mãe e filho, finalmente reunidos outra vez, desfrutam da doce harmonia familiar, ao lado de Paulina e Olímpia. Frente a este desenlace – um *happy end* digno de um discípulo de Pixérécourt, o mestre do melodrama –, percebe-se que Maria Ribeiro traça uma linha paralela à já traçada por Alencar, tomando, no entanto, a direção exatamente oposta.

35 Eugênio, ao contrário de Jorge, hesita em reconhecer publicamente que era filho de uma escrava. Torturado pelo pavor de assumir a mãe-escrava e com isso perder o patrimônio e o tesouro familiar que construía até ali, o filho de Marta adota um comportamento estranho, acabando por levantar as suspeitas da esposa, que o acusa de estar acolhendo uma antiga amante sob o teto de sua família. Quanto a Marta, bem ao contrário de Joana, sequer cogita da opção pelo suicídio. O que não a identifica como mãe desnaturada, incapaz de dar a vida por seu filho. O amor materno, segundo Maria Ribeiro, não tem diferença daquele professado por Alencar: "a mãe é sempre mãe" e é capaz de tudo pelo bem do filho. Marta assim o explicita. Plenamente resignada



a afastar-se de Eugênio para evitar sua ruína conjugal, sentencia: "Só para uma mãe todos os sacrifícios são possíveis! Sei o que me cumpre fazer pela tua felicidade".<sup>30</sup> Sair da casa do filho, sim, mas não sair da vida, como fizera a protagonista alencariana. Para Maria Ribeiro, impunha-se manter viva, junto com Marta, a esperança de se extirpar completamente da sociedade aquele "cancro que solapa[va] a base de nossa emancipação",<sup>31</sup> expressão usada por Matilde, personagem feminina que faz o papel de porta-voz da dramaturga.

Para além dessa perspectiva marcadamente emancipatória, Maria Ribeiro estende um pouco mais sua defesa em torno das mulheres e seus direitos na sociedade, assumindo pioneiramente uma postura favorável, de um lado, à ideia de que o divórcio não significava a desonra feminina e, de outro, contrária à dos casamentos de interesse. Em consonância, no entanto, com o pensamento masculino e moralista da época, a dramaturga põe em causa a capacidade de regeneração da mulher que, levada por circunstâncias inevitáveis, se desvia do caminho da honra. Além disso, ainda no papel de *raisonneur*, Matilde revela, mas aqui sem meias palavras, a convicção da autora – recorrente, aliás, em pelo menos

outros dois textos seus, como se verá – de que os homens, para além de serem "a causa primordial de todos os erros da mulher", eram também "os seus mais implacáveis juízes." É em torno desta ideia, de serem os homens os responsáveis pelos descaminhos das mulheres, que Maria Ribeiro estrutura a trama de *Gabriela*, já apontado como "uma espécie de elogio à esposa honesta".<sup>32</sup> Neste texto, a autora lança-se em defesa da mulher vítima de calúnias e das circunstâncias, injustamente penalizada pelo único e verdadeiro culpado de todos os seus infortúnios – o próprio marido, um oficial da Marinha, que viaja por longo tempo, deixando-a sem recursos para manter a si e a filha. Gabriela, a heroína, aceita a amizade de uma alcoviteira e, embora mantenha a honra, passa a ser vista como 'decaída'. O marido, de volta da viagem, dá crédito aos rumores e separa-se dela. Porém, ao receber uma carta do homem que tentara, em vão, conseguir os favores sexuais de Gabriela, reconhece sua injustiça e busca a reconciliação, confirmando-se a integridade da protagonista.

<sup>32</sup> FARIA, *op. cit.*, p. 254. Referido por OLIVEIRA, Américo Lopes de VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário mundial de mulheres notáveis*. Porto: Lello & Irmão, 1967, p. 1113, como texto publicado em 1868, *Gabriela* não foi localizado. O que se conhece do seu enredo está referido em FARIA, *op. cit.*, p. 12-13, como resultado da leitura de comentários publicados na imprensa sobre sua encenação.

<sup>30</sup> RIBEIRO, *op. cit.*, p. 105.

<sup>31</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 26.



São evidentes os pontos de contato entre *Gabriela* e *Gabrielle*, escrito em 1849 por Émile Augier, autor dos mais encenados no Rio de Janeiro à altura da renovação teatral deflagrada em 1855 pelo Ginásio Dramático. Seu enredo gira em torno de um casamento prestes a desmoronar, ameaçado pelo adultério. Julien, marido de Gabrielle, só cuida dos negócios e esta, sentindo falta da efervescência das grandes paixões, vai deslumbrá-la fora do casamento. Ou quase. Na verdade, Gabrielle resiste à tentação, dando-se conta que sua paixão por Stéphan, secretário de Julien, é um equívoco. Julien percebe a tempo que seu casamento está por um fio e dialogando calmamente com a esposa, consegue convencê-la da loucura que estava por cometer, salvando-a da desonra. No desfecho, ela pede-lhe perdão, ele recrimina-se por sua displicência e a paz doméstica volta a reinar. Retomando este enredo, Maria Ribeiro vira seu final pelo avesso, para mostrar que, se a esposa se via tentada a buscar afeto extraconjugal, era antes por culpa do marido, que, displicente, descuidava-se, às vezes, até da manutenção da família. Por isso mesmo, parecia estar claro: não eram elas que deviam pedir perdão, mas eles.

*Gabrielle*, ao que se sabe, não chegou a ser encenada no Rio de Janeiro, mas em 1856 o público do Ginásio assiste a uma importante peça do repertório

realista francês, *A Crise*, de Octave Feuillet, que discute, do mesmo ponto de vista de Augier, a questão do adultério – que há muito, aliás, deixara de ser içado nos palcos franceses como tábua de salvação da esposa infeliz. Como já anotou Faria,<sup>33</sup> tudo nessa peça de Feuillet, enredo, personagens, desfecho, parece decalcado de *Gabrielle*. É de se perguntar, inclusive, se esta mesma heroína não terá inspirado também outros brasileiros, entre eles Machado de Assis, que teve sua *Gabriela* levada aos palcos paulistas, em 1862, e José de Alencar, que deixou a sua inconclusa.<sup>34</sup> Decalques à parte, *Gabriela*, tanto quanto *Cancros Sociais*, de Maria Ribeiro, nos ajudam a compreender com clareza o quanto a dependência da dramaturgia estrangeira e a de autoria masculina há de ter constrangido – e, de outro lado, impulsionado – a produção das nossas primeiras dramaturgas, além de documentar o esforço de uma autora movida pela intenção seja de contribuir para a criação do teatro de seu país, seja de intervir na ordem social do seu tempo-espácio determinada pelo viés patriarcal.

Já na comédia *Um dia na opulência*, publicada em 1877, ao retratar o cotidiano vergonhoso de uma família que, mesmo totalmente arruinada, tenta manter

<sup>33</sup> FARIA, *op. cit.*, p. 56.

<sup>34</sup> Cf. SOUSA, *op. cit.*, p. 22 e 63.

um padrão de vida luxuoso e ostensivo à custa de infindáveis dívidas, Maria Ribeiro não se coloca propriamente como defensora das mulheres. Na verdade, o comportamento desregrado, perdulário e imaturo da protagonista da comédia, a Senhora Baronesa, é, antes, francamente condenado por ela, porém não mais que o do Senhor Barão, a quem é atribuída senão toda, com certeza, a maior parcela de culpa. O Cônego Silva, irmão da Baronesa, encarnando o *raisonneur* típico da comédia realista, sentencia, categoricamente: "um marido que tem juízo e preza a sua honra, não pactua com as extravagâncias de sua mulher; obriga-a a trilhar o caminho da felicidade real e não a secunda nos seus desvarios."<sup>35</sup>

Do mesmo modo que muitos dos nossos dramaturgos oitocentistas, Maria Ribeiro segue pelas trilhas que José de Alencar, inspirado pela dramaturgia realista francesa, indicara para o teatro brasileiro no final da década de 50. Por outro lado, a exemplo de muitos deles, não se intimida em entrar no debate, levando para o palco questões já discutidas por autores renomados, mostrando-as do seu ponto de vista, só revelado, entretanto, na maioria das vezes, por entre os fios da trama reescrita.

<sup>35</sup> RIBEIRO, Maria [Angélica]. Um dia na opulência. *Ensaios Literários*. Rio de Janeiro: Sociedade Ensaios Literários, 1877, p. 174-221. A citação refere-se à p. 218.

No caso de *Cancros Sociais*, vimos passos atrás, apesar de ter seguido de perto o modelo alencariano quanto à temática, nossa autora distancia-se dele diametralmente no desfecho. *Um dia na opulência*, vê-se muito nitidamente, dialoga com *Luxo e Vaidade*, comédia de Joaquim Manuel de Macedo, encenada em 1860. Embora na primeira seja discernível, para além da busca de interlocução da autora com seus pares, uma afinidade de ideias no sentido de exorcizar os vícios advindos do espírito de luxo e ostentação, que há muito vinha fazendo reféns na sociedade brasileira da época, nota-se ainda, bem claramente, já na lista de personagens, a resistência da autora em seguir estritamente as regras francesas da comédia realista, que não priorizava o riso em sua proposta de corrigir os costumes da sociedade. Não sem uma boa dose de ironia, a lista passa assim uma série de informações, tão vagas quanto esclarecedoras, tais como "Barão da Engenhoca, fidalgo como há muitos", "Cônego Silva, amigo como há poucos", "Guilhermina, original de poucas cópias", "Baronesa da Engenhoca, recordações da mocidade", "Horácio, acessório de salão", "César, calcanhar dos Aquiles pobres", "Mariana, criada mal paga".

Embora defenda uma tese – ainda a mesma: são os homens os maiores responsáveis pelos erros das mulheres –, em *Um dia na opulência*, é no riso que Maria Ribeiro vai apostar como uma das saídas possíveis para



superar a rigidez e a monotonia do modelo francês. Talvez mais do que discutir ideias e levar para a ribalta as primeiras manifestações da consciência feminista em formação, a dramaturga quisesse também sugerir, nas entrelinhas de sua divertida comédia, uma nova forma para aquele gênero, híbrida e menos maçante que a da comédia realista importada, que ao propor um olhar menos carrancudo em cena, talvez viesse a ter até mais eficiência.

E em setembro de 1878, em meio à polêmica que agitava o meio intelectual do Rio de Janeiro desde o início do ano, quando ali desembarcara com seu erotismo desabusado *O Primo Basílio*, Maria Ribeiro, sob o pseudônimo de "Um calouro", dá sua versão dos fatos, publicando pela Tipografia Carioca o "a-propósito" cômico em 1 ato *A ressurreição do Primo Basílio*.<sup>36</sup> Vários autores, como se sabe, entre eles Machado de Assis, com pseudônimo de Eleazar, argumentaram contra o romance 'ultra-realista' de Eça de Queiroz, embora muitos outros o tenham defendido. A imprensa, como era de se esperar, transforma-se em palco da polêmica e

logo surgem também as sátiras, as cartas de leitores, as paródias e charges. E já no final de maio, a celeuma invade o espaço cênico, com a encenação de um "a-propósito" cômico em 1 ato, assinado pelo prestigiado jornalista Ferreira de Araújo. Pouco menos de um mês depois, no dia 4 de julho, *O Primo Basílio* pisava o palco do Teatro Cassino, dessa vez numa adaptação séria, encomendada por Furtado Coelho ao jovem Antônio Cardoso de Meneses, advogado e músico, filho do então presidente do Conservatório Dramático. Contrariando todas as expectativas – sobretudo a do empresário, a quem pareceu lógico que a adaptação atrairia multidões ao teatro, dada a rapidez com que os volumes se esgotavam nas livrarias –, o espetáculo foi um fracasso estrondoso e saiu de cartaz após a quinta ou sexta representação.<sup>37</sup> Condenado pela crítica, sobretudo por certas "deslealdades literárias" cometidas pelo inexperiente Cardoso de Meneses – a mais grave delas introduzida no desfecho, em que Jorge, o marido traído, sentencia, em tom melodramático: "Nem Deus perdoa a mulher adúltera" –, *O Primo Basílio* em versão cênica não agradou ninguém, até porque o adaptador, antecipando-se à ação da censura, suprimiu as passagens mais 'apimentadas' do romance, justo as

<sup>36</sup> Até o momento, foi possível localizar apenas uma versão manuscrita e incompleta dessa comédia, datada de 1879 e com letra do próprio punho da autora. De acordo com a informação constante da folha de rosto desse manuscrito, *A ressurreição do Primo Basílio* foi impressa pela primeira vez em 1878 na Tipografia Carioca e isso permite supor que a autora estivesse preparando uma 2ª edição ou uma nova versão para ser encenada.

<sup>37</sup> FARIA, João Roberto. *Idéias teatrais: o século XIX no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2001.



que o grande público, com ansiedades de adolescente, ardia por conferir 'ao vivo', sob as luzes da ribalta.

Na esteira dessa decapitação sumária ocorrida no Teatro Cassino, Maria Ribeiro, ao que parece, irritada com o lado mercantil da atitude de Furtado Coelho de encomendar a tal adaptação – e, pior, a um iniciante –, decide ressuscitar o 'falecido'. Mais do que uma sátira aos "distintos apologistas da literatura realista" (a quem a autora "D. C. e O.", ou seja, *dedica, consagra e oferece*, seu "a-propósito"), *A ressurreição do Primo Basílio* é uma censura mordaz a autores e, em particular a dramaturgos e empresários de teatro que mercadejavam a literatura, até porque a essa altura, sabemos bem, podia-se contar nos dedos os que se dispunham a preservar algum espaço na nossa cena teatral para montagens menos comerciais. É verdade que Furtado Coelho estava entre esses poucos, mas Maria Ribeiro não parecia disposta a contemporizar. Sua intenção corrosiva vem à tona mediada pelo recurso ao pseudônimo, cuja adoção ganha singularidade ao servir como estratégia de zombaria à moda dos codinomes lançada pelos autores que alimentavam o debate surgido na imprensa do Rio de Janeiro em torno d'*O Primo Basílio*.

Recriando, em tom jocoso, alguns dos principais personagens do romance a arguta e então já experiente dramaturga põe em cena um Bartolomeu

da Silva, despachante abastado estabelecido no Rio de Janeiro, leitor inveterado de Eça de Queiroz. Seu arrebatamento pelo *Primo Basílio* acaba por perturbar-lhe o juízo, levando-o a renomear a si e a todos a seu redor – a esposa, a sobrinha, a governanta da casa, o sócio e até a cachorrinha da casa –, com nomes alusivos ao romance. Termina por anunciar publicamente pela imprensa sua nova identidade civil, "Bartolomeu dos Santos *Basílio*". Incorporando a nova identidade, o amalucado 'basilista'<sup>38</sup> inclui referências específicas a certas passagens do romance e a suas principais personagens, usando várias das suas expressões linguísticas mais marcantes.

Figura que se sobressai n'*A ressurreição do Primo Basílio* é Dr. Panfírio, médico recém-formado, apaixonado por Querubina dos Anjos, pretendente dos mais 'cotados', a quem, no entanto, Bartolomeu da Silva recusa conceder a mão da jovem sobrinha, por temer que as circunstâncias da profissão obriguem-no a sair da capital e deixar sua esposa sozinha, "a suspirar e a cantarolar a *mandolinata*", exposta a tentações idênticas às que perdera Luísa. Ciente de que o futuro 'sogro' só permitirá o casamento de sua amada com "um escritor de romances e dramas ou então com um negociante de Minas", o

<sup>38</sup> Palavra usada pela autora em seu manuscrito como uma espécie de título alternativo.

médico atira-se sofregamente a escrever um drama e tendo-o pronto, solicita-lhe o apoio no sentido de distribuir as listas de assinaturas, pois só assim teria como custear sua edição. Já então vivamente interessado, o tio de Querubina procura inteirar-se do enredo do drama, não sem antes certificar-se da sua filiação realista.

Diante do descontentamento de Bartolomeu com a história da mocinha de família rica, seduzida por um "peralta" pobretão, prostituída e morta, afinal, "vítima de mil sofrimentos do corpo e do espírito", sem qualquer possibilidade de regeneração, o jovem Panfírio não reluta em reescrevê-la, visando adaptá-la à ótica do entusiasmado 'basilista', até porque tudo parecia indicar que ele decidiria patrocinar a edição. Ao ouvir que Panfírio dispunha-se a regenerar a heroína e, ainda, rebatizar o drama – substituindo o batido *Honra e Paixão* pelo 'realíssimo' *O Novo Basílio* –, Bartolomeu, num rasgo ensandecido de entusiasmo, anuncia a decisão de custear-lhe uma edição de dez mil exemplares e, de resto, conceder-lhe a mão da sobrinha, justificando a decisão: "Estou pelo meu dito: não dou a mão de minha pupila a um médico, mas a um dramaturgo eminente, a um sublimado autor realista!" Fica no ar a suspeita de que as mudanças feitas pelo jovem adaptador no enredo do romance queirosiano – responsáveis pela alteração do caráter

das personagens, como observou a crítica da época – teriam sido 'sugestões' do seu 'patrocinador'.

Alinhadas, mas não inteiramente, ao repertório dramaturgico produzido por Alencar e seus adeptos no esforço de 'imitação' ou 'adaptação' do modelo importado, as primeiras incursões femininas no universo da dramaturgia brasileira, sob a regência de Maria Ribeiro, atestam o fazer 'palimpséstico' da nossa autoria feminina neste seu período de formação, indiciando o texto próximo-distante do já existente – um 'mesmo' outro. Carregado de obliquidade, constrói-se como outra possibilidade de real, resposta de uma cultura literária periférica, confrontada pela hegemonia do centro. Sem poder ignorar tal presença, busca a alternativa do diálogo, travado despudoradamente com suas fontes. Diálogo quase sempre mimético, algumas vezes zombeteiro, como adotado por Maria Ribeiro.

## *Bibliografia da autora*

### Obras publicadas

RIBEIRO, Maria. *Gabriela*, drama em 4 atos. 1868. (repres. Rio de Janeiro, 1863).

\_\_\_\_\_. *Cancros sociais*, drama original em 5 atos. Rio de Janeiro : Laemmert, 1866.

\_\_\_\_\_. *Um dia na opulência*, comédia original em 2 atos. In: *Ensaio literários*. Rio de Janeiro: Sociedade Ensaio Literários, 1877.

\_\_\_\_\_. *Ressurreição do Primo Basílio*, a-propósito cômico em 1 ato. Rio de Janeiro : Typ. Dias da Silva Júnior, 1878.

\_\_\_\_\_. *Opinião pública*, drama em 5 atos. [s.l. : s.n.]. 1879. (repres. Rio de Janeiro, 1879).



## Obras inéditas

*Guite ou a feiticeira dos desfiladeiros negros*, drama em 5 atos. (1855).

*A aventureira de Vaucloix*, drama em 5 atos. (1856).

*Paulina, a estrangeira*, drama. (1856).

*São Francisco de Paula*, drama sacro.

*O anjo sem asas*, drama. (1858).

*D. Sancho em Silves*, drama histórico.

*Cenas da vida artística*, comédia.

50

*A cesta da Tia Pulcheria*, comédia.

*O poder do ouro*, comédia.

*Cancros domésticos*, comédia.

*As luvas de pelica*, comédia.

*O onfalista*, comédia.

*As proezas do Firmino*, comédia.

*Os anjos do sacrifício*, drama.

*Ouro, ciência, poesia e arte*, comédia.

*Deus, pátria e honra*, drama.

*Anjo sem lar*, drama.

## Bibliografia sobre a autora

ALMEIDA, Pires de. D. Maria Ribeiro (dramatista brasileira). *Brazil-Theatro*, Rio de Janeiro, fasc. 2, p. 391-92, 1907.

ANDRADE, Valéria. Dramaturgas brasileiras no século XIX: escritura, sufragismo e outras transgressões. *Plural Pluriel: Revue des cultures de langue portugaise*. N. 8 (Les femmes dans le théâtre brésilien), printemps-été 2011. Disponível em: <http://www.pluralpluriel.org/>.

AZEVEDO, Josephina Alvares de. O voto feminino. *A Família*, Rio de Janeiro, 7 jun. 1890. p. 1.

BERNARDES, Maria Thereza C. Crescenti. *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro - Século XIX*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988. p. 197-98.

BLAKE, Augusto Vitorino A. Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883-1902 (Ed. fac-similar, Conselho Federal de Cultura, 1970), v. 4, p. 224.

COARACY, Visconti. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 17 abr. 1863.

COUTINHO, Afrânio e SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: FAE/OLAC, 1990, v. 2, p. 1150.

51

FARIA, João Roberto. *O teatro realista no Brasil: 1855-1865*. São Paulo : Perspectiva: EDUSP, 1993. p. 254-60.

GONÇALVES, Augusto de Freitas Lopes. *Dicionário histórico e literário do teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1975, v. 1. p. 210.

HESSEL, Lothar e RAEDERS, Georges. *O teatro no Brasil sob Dom Pedro II*. Porto Alegre: UFRGS, 1979. Parte 1, p. 27-32.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Crônicas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1950, v. 21, p. 417-19.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1978. v. 3, p. 184, 243, 256; v. 4, p. 15, 47, 66.

MENDES, Míriam Garcia. *A personagem negra no teatro brasileiro entre 1838 e 1888*. São Paulo: Ática, 1982. p. 109-121.

OLIVEIRA, Américo Lopes de. *Dicionário de mulheres célebres*. Porto: Lello & Irmão, 1981. p. 1113.

ORSINI, Maria Stella. Maria Angélica Ribeiro: uma dramaturga singular no Brasil do século XIX. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 29, p. 75-82, 1988.

SABINO, Ignez. *Mulheres illustres do Brazil*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1899. p. 199-205.

SAYERS, Raymond S. *O negro na literatura brasileira*. Trad. Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958. p. 290-92.

SILVA, Inocência Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923, v. XVI, p. 360.

SOUSA, J. Galante de. *O teatro no Brasil: subsídios para uma biobibliografia do teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960, v. II, p. 455.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. "Gabriela" e "Cancros Sociais": a estratégia palimpséstica no teatro de Maria Angélica Ribeiro. In: MALUF, Sheila D. e AQUINO, Ricardo Bigi de. (Orgs.). *Dramaturgia e Teatro*. Maceió: Edufal, 2004, p. 305-318.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. Maria Ribeiro. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.). *Escritoras Brasileiras do Século XIX - Antologia*. 2. ed. Florianópolis, 2000, p. 321-331.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 1996. p. 39-40.

SOUZA, Maria Cristina de. O outro no ponto de visto do outro: Cancros Sociais de Maria Ribeiro. *Revista Dramaturgia & Teatro*, Niterói, GT Dramaturgia e Teatro da Anpoll, n. 0, p. 119-134, 2000.

VINCENZO, Elza Cunha de. *Um teatro da mulher: dramaturgia feminina no palco brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Perspectiva : EDUSP, 1992. p. xvii.

## Pseudônimos

Nênia Sílvia; Um Calouro

# *Cancros Sociais*

DRAMA ORIGINAL EM CINCO ATOS

de Valeria Azevedo

Ilustrações de Marcelo

Alves

1ª edição, 1997. 1ª edição, 1997.

Este livro é uma obra de arte, uma obra de arte que se apresenta sob a forma de um drama original em cinco atos. O autor, Valeria Azevedo, é uma escritora brasileira conhecida por suas obras de ficção e teatro. Este livro é uma obra de arte, uma obra de arte que se apresenta sob a forma de um drama original em cinco atos.

1ª edição, 1997. 1ª edição, 1997.

Este livro é uma obra de arte, uma obra de arte que se apresenta sob a forma de um drama original em cinco atos. O autor, Valeria Azevedo, é uma escritora brasileira conhecida por suas obras de ficção e teatro. Este livro é uma obra de arte, uma obra de arte que se apresenta sob a forma de um drama original em cinco atos.



## Personagens

EUGÊNIO S. SALVADOR, 34 anos, negociante  
BARÃO DE MARAGUGIPE, 58 anos, capitalista  
VISCONDE DE MEDEIROS, 56 anos, negociante  
ANTONIO FORBES, 60 anos, procurador de causas  
PEDRO, 30 anos, criado de Eugênio  
PAULINA, 32 anos, esposa de Eugênio  
OLÍMPIA, 15 anos, filha de Eugênio  
MATILDE, 45 anos, amiga de Paulina  
MARTA, (parda clara), 47 anos  
UM EMPREGADO DA CASA DE CORREÇÃO, 35 anos  
Homens, senhoras, criados, etc.  
Guardas, músicos artesãos, presos, etc.

## Época

ATUALIDADE

## Ação

RIO DE JANEIRO 1862

## ATO I

*Em casa de Eugênio, a 2 de julho, de manhã.*

*Salão, esteirado, com duas portas ao fundo, outras duas à esquerda e duas janelas à direita. Mobília elegante ao gosto da quadra, espelhos, vasos, quadros, candelabros, cortinados, etc. Um divã, uma mesa pequena perto, e em lugar conveniente uma grande moldura com retrato de homem, coberto de gaze verde.*

57

## CENA I

O Barão e o Visconde

BARÃO - Se é sobre negócios, que V. Ex<sup>a</sup>. pretende falar a Eugênio, creio que não escolheu dia muito oportuno (*apresenta-lhe uma cadeira*); a recepção de hoje é toda em obséquio à menina S. Salvador.

VISCONDE - Não ignoro essa circunstância, e é mesmo para cumprimentá-la que aqui venho (*assentam-se*); mais tarde, apresentar-me-ei em caráter oficial e solene. (*surpresa no Barão*) A filha do Comendador, é uma adorável criatura! Rica, formosa...

Ora... sejamos francos, Barão! Ainda não percebeu que eu gosto muito da jovem Olímpia?

BARÃO - V. Ex<sup>a</sup>.?!

VISCONDE - Sim, meu caro Maragugipe! Estou mesmo apaixonado! Brevemente formularei o meu pedido, debaixo de toda a formalidade exigida pelas conveniências da *nossa roda*.

BARÃO - E conta com o assentimento de S. Salvador?

VISCONDE - Creio que ele não desdenhará ter uma filha Viscondessa.

BARÃO - E ela?

VISCONDE - Nenhuma moça rejeita a mão do homem que lhe oferece um título e uma brilhante posição.

BARÃO - Já vejo que o Sr. Visconde não conhece a fundo o caráter das pessoas de quem fala, e com quem trata, há muito pouco tempo! Eugênio S. Salvador preza muito a felicidade de sua filha, para sacrificá-la às considerações de títulos e posição; quanto à sua esposa, senhora de espírito reto, inteligente e ilustrada, penso que não há de entregar às carícias de um esposo da idade de V. Ex<sup>a</sup>., uma menina que mal sai da infância.

VISCONDE (*irônico*) - Como está o Barão ao fato de todas essas coisas!

BARÃO - Posso afirmar ao Sr. Visconde, que são estas as ideias dos meus amigos.

VISCONDE (*fátuo*) - Apelarei então para Olímpia...

BARÃO - Não conte com esse auxiliar. Essa menina é dotada de uma ingenuidade tão franca, tão *límpida*, por assim dizer, que não se deixará seduzir pela vaidade, que perde a maior parte das mulheres.

VISCONDE - O Barão está ainda muito atrasado no conhecimento do coração humano!

BARÃO - Nesta casa, Sr. Visconde, a felicidade não é um *mito*, é uma realidade.

VISCONDE - É por essa razão, que insisto em efetuar um casamento conveniente aos dois lados, pela riqueza e pela posição.

BARÃO (*intencional*) - E pelo sentimento?... 58

VISCONDE - Isso... são frioleiras dispensadas pelos cônjuges da *nossa roda*! Entre nós outros fidalgos, de nada valem essas puerilidades a que chamam - interesses do coração!

BARÃO (*friamente*) - Com semelhante modo de encarar um enlace tão solene, forma V. Ex<sup>a</sup>. uma exceção... na *nossa roda*.

BARÃO - *Costumeiras antediluvianas*, meu caro! (*erguem-se*) Felizmente já nos vamos emancipando de muitos abusos dos nossos antepassados! (*pega no chapéu*) O Comendador demora-se... as Senhoras... 59

BARÃO - Creio que ainda é muito cedo para vê-las.

VISCONDE - Voltarei à tarde. (*vê o relógio*) Já nove horas!

CENA II  
Os mesmos e Pedro

PEDRO (*ao Barão*) - Está aí uma pessoa que pede para falar a V. Ex<sup>a</sup>.

BARÃO - Faça entrar quem é. (*sai Pedro*)

CENA III  
O Barão e o Visconde

VISCONDE - Está bem, não o quero incomodar mais, Barão; até logo.

BARÃO (*friamente*) - Adeus, Sr. Visconde.

CENA IV  
Os mesmos e Forbes

VISCONDE (*ao sair encontra Forbes*) - Antônio Forbes!

FORBES - O Sr. Visconde de Medeiros! (*param à porta*)

VISCONDE - O Sr. Forbes por aqui! Deixou então a Bahia!

FORBES - Sim, Excelentíssimo, o foro por lá nada deixa.

VISCONDE - Isso acontece por toda a parte. Se há tantos *zangões* de tribunais!... Adeus, Sr. Forbes. Se precisar de mim, apareça.

FORBES (*com intenção*) - Não me despeço do favor de V. Ex<sup>a</sup>. (*cumprimentando-o*); sempre pronto para o servir. (*sai o Visconde, e Forbes aproxima-se*)

CENA V  
O Barão e Antônio Forbes

FORBES - Um criado do Sr. Barão!

BARÃO (*assentando-se*) - Já sei que vem concluir o que tratamos. (*indica-lhe uma cadeira*)

FORBES (*assenta-se*) - Foi para esse fim que tive a honra de procurar o Sr. S. Salvador; porém, como não o encontro, creio que com V. Ex<sup>a</sup>. é a mesma coisa.

BARÃO - Acho melhor ultimar com ele próprio esse ato. Se não quiser esperar um pouco, pode passar por aqui mais tarde.

FORBES - Como V. Ex<sup>a</sup>. entender.

BARÃO - Está então resolvido de todo?

FORBES (*suspira*) - Desejo que ela seja feliz.

BARÃO - Parece estimá-la muito!

FORBES - Só a grande urgência das minhas precária circunstância, me obrigaria a receber a importância da sua liberdade, e a privar-me dos seus serviços! V. Ex<sup>a</sup>. não imagina as boas qualidade de que é dotada aquela mulher! É uma criatura inteligente, laboriosa...

BARÃO - E é morigerada?



FORBES - Foi a ambição da liberdade, que a levou à beira do abismo, aonde talvez se precipitasse, se...

BARÃO - Compreendo: foi seduzida com promessas de liberdade.

FORBES - E de casamento... promessas que nunca se realizam. Quem dá valor a juramentos feitos a uma escrava?

BARÃO - É exato. Há, infelizmente, homens que se julgam desobrigados dos mais santos deveres para com a honra da mulher cativa! Mas em que ficamos, quanto ao preço do resgate da sua parda?

FORBES - Não posso aceitar menos de dois contos de réis; e, creia V. Ex<sup>a</sup>., que é bem pouco pelo sacrifício que faço.

BARÃO (*depois de breve reflexão*) - Bem, creio que o meu amigo não fará questão sobre este ponto. (*erguem-se*)

FORBES - Terei a honra de procurar o Sr. Comendador, mais tarde. (*inclina-se*) Às ordens do Sr. Barão! (*o Barão cumprimenta-o, e ele sai*)

#### CENA VI

##### O Barão e depois Pedro

BARÃO (*chamando*) - Pedro! (*aparece Pedro*) Se este homem voltar antes da chegada de seu amo, faça-o esperar. (*sai Pedro. O Barão vai tomar o chapéu, que está sobre uma cadeira e vê Paulina e Matilde que entram*)

#### CENA VII

##### Barão, Paulina e Matilde

BARÃO (*alegremente*) - Oh!... Já acordada! Julgava que os passarinhos não tivessem ainda gorjeado nas janelas do aposento de V. Ex<sup>a</sup>!.

PAULINA (*sorrindo-se e apertando-lhe a mão*) - Acha então que madruguei?

BARÃO - Sem dúvida!

PAULINA (*sorrindo-se*) - Pois só não os passarinhos já voltejaram pelas papoulas e jasmims do meu jardinzinho, como também (*indicando ou tomando a mão de Matilde*) chilreamos meia hora, em coisas agradáveis e variadas.

MATILDE - Como tem passado, Sr. Barão?

BARÃO - Sempre bem, e ao dispor de V. Ex<sup>a</sup>! (*pega no chapéu*)

PAULINA - Como! Já nos deixa! Eugênio pouco pode tardar.

BARÃO - Estarei de volta à hora do almoço - se me guardarem o meu lugar do costume, à mesa.

PAULINA - O seu lugar, meu amigo, é nos nossos corações, aonde ninguém o pode substituir!

BARÃO (*apertando-lhe afetuosamente a mão*) - Eu o sei, minha filha! Até logo. (*cumprimenta a Matilde*) Minha senhora!...

MATILDE (*apertando-lhe a mão*) - Até logo, Sr. Barão! (*acompanham-no até à porta, e voltam a assentar-se no divã*)

CENA VIII  
Paulina e Matilde

PAULINA - Com efeito! Seu marido, pelo que a senhora acaba de contar-me...

MATILDE - Se lhe referisse tudo quanto sofri!...

PAULINA - Nem sei como se casou com semelhante homem! *(entra um criado com duas taças de chocolate sobre uma bandejinha de prata, põe-na sobre a mesinha, e retira-se. Paulina dá uma taça a Matilde e toma a outra. Bebem o chocolate)*

MATILDE - Casei-me por vontade de meu pai; e, para obedecer-lhe, sacrifiquei a ventura de pertencer a um homem, que me teria feito bem feliz!

PAULINA - Avalio o quanto lhe seja penoso um tal sacrifício!

MATILDE *(tristemente)* - Meu pai chorou amargamente a minha desgraça, e, ao morrer, pediu-me perdão da violência que fizera aos meus sentimentos. A sua morte, que me deixou só no mundo, foi o prelúdio de todas as minhas infelicidades! *(larga a taça na bandeja)* É muito mal sujeitar-se o coração de uma menina a cálculos pecuniários. O ouro não dá ao coração a ventura íntima de um afeto compreendido e partilhado.

PAULINA *(larga a taça na bandeja)* - Porém, entregar-se uma filha a um homem que não possa

dignamente sustentar tão melindroso encargo, é fazer dois infelizes.

MATILDE - Não vou ao contrário disso; o que eu digo, é que não se deve só atender às considerações de dinheiro; porque, digam o que disserem: - nem sempre a mulher rica é a mulher feliz!

PAULINA - Isso é bem verdade!

MATILDE - A prova do que digo, tenho-a em mim própria. Quando eu era rica, fui festejada, aca-tada... adulada mesmo! - O que era muito natural... Dávamos esplêndidas funções! Tínhamos sempre uma lauta mesa à disposição dos admiradores da nossa baixela, e adoradores dos nossos cozinheiros!... Julgavam-me por isso a mulher mais feliz da cidade da Bahia e, no entanto... Só Deus sabe o quanto era digna de lástima a minha sorte! Mas, deixemos este assunto, que sempre me entristece... *(pequena pausa)* A senhora não conserva algumas reminiscências daquela linda cidade?

PAULINA - Nenhuma; vim de lá mui pequena. Também, as minhas recordações, nada teriam de agradáveis. Meu pai faliu, e viu-se obrigado a vir para o Rio de Janeiro, acusado de estelionatário, pesando-lhe sobre a sua honra uma sentença infamante.

MATILDE - Estelionatário!

PAULINA - Uma denúncia, acompanhada de falsos documentos, apresentou-o como tendo sonegado objetos de valor à massa falida!



MATILDE - E consegui reabilitar-se?

PAULINA (*tristemente*) - Não o pôde fazer; succumbiu à vergonha da sua condenação, quando se preparava para combater os elementos da sua ruína!

MATILDE (*apreensiva*) - Como se chamava seu pai?

PAULINA - Olímpio Torres.

MATILDE (*erguendo-se*) - Olímpio Torres!

PAULINA (*erguendo-se*) - A senhora conheceu meu pai?

MATILDE (*serenando-se*) - De nome: esse lamentável fato foi muito notório. E sua mãe?

PAULINA (*tristemente*) - Essa... acompanhou-o ao túmulo, bem de perto! Fiquei entregue aos cuidados de minha madrinha, que acabou de me criar, e que me educou com o carinho e os desvelos de uma verdadeira mãe. De sua casa saí casada com Eugênio, que era então primeiro guarda-livros do Barão de Maragugipe...

MATILDE (*um pouco enleada*) - Parece ser um excelente homem.

PAULINA - Se é. A ele deve meu marido tudo quanto é no mundo! Mandou-o educar com todo o esmero, habilitando-o a seguir qualquer carreira; e tendo Eugênio preferido a do comércio, fê-lo seu caixeiro, mais tarde, seu guarda-livros, e depois do nosso casamento, deu-lhe sociedade na casa, abonando-o

na Praça, com todo o seu crédito. Eis aqui a minha história. Não a acha bem simples e pequenina? (*encaminham-se para o sofá*)

MATILDE - É bem interessante! (*assentam-se*) A minha, é mais cheia de tristes episódios! Contava apenas dezenove anos, quando a lei dos homens desatou os laços com que as da Igreja me ligara a um esposo brutal e perdulário, que havia transformado o santuário conjugal, em teatro das mais indignas fraquezas!

PAULINA - Quantas contrariedades não sofreria a senhora, durante o período da sua ação de divórcio!

MATILDE - Contrariedades? A senhora não imagina o quanto é ultrajada a mulher que, como no meu caso, procura refugiar-se na proteção que as leis lhe facultam! Sofre, em todo o seu peso, a reprovação dos austeros moralistas da nossa sociedade!

PAULINA - Mesmo sendo virtuosa?

MATILDE - A virtude, minha cara senhora, é, para muitos *espíritos fortes*, uma quimera! Julgam - ou fingem julgar - que a virtude da mulher não passa de uma utopia moral. Por muito favor concedem-lhe a graça das aparências.

PAULINA - Pois existem homens convictos de uma geral perversão de costumes?

MATILDE - Há muitos caracteres nobres e imparciais; todavia, a justiça que devera presidir ao julgamento da mulher, não penetrou ainda convenientemente na consciência de tais julgadores. Os

homens, isto é, a causa primordial de todos os erros da mulher, são os seus mais implacáveis juizes. Convertem a esposa honesta, ou a virgem inocente, em uma proscrita do círculo honrado e virtuoso; e se a transviada não tem a força de vontade precisa para reagir contra a sua condenação, está irremediavelmente perdida! Neste caso, ei-la trajando todas as galas da hipocrisia, e afrontando os seus próprios juizes, que então iludidos a aplaudem, e a proclamam: regenerada!

PAULINA - Acho-a injusta, negando a possibilidade da regeneração da mulher culpada!

MATILDE - Santo Deus! Eu não nego a possibilidade! Duvido simplesmente da sua sinceridade! A *erradia*, verdadeiramente arrependida, não se apresenta aos comentários das turbas, coberta de vestes e jóias preciosas! A vergonha de uma passada de degradação, concentra-se, e pede ao esquecimento dos seus desvios o perdão da sociedade, e a paz da sua consciência.

PAULINA - Mas, quantas infelizes, lançadas no opróbrio por causas imperiosas, quando encontram em seu caminho, algum apoio, não se erguem da sua abjeção, tomando-se boas esposas e mães exemplares?

MATILDE - Será como diz; não quero desfazer as suas belas ilusões! Cá por mim penso de outro modo. A mulher que uma vez se vendeu ao demônio do vício, ou da vaidade, não pode mais erguer-se à

altura donde caiu. As nódoas dos beijos mercenários, não se apagam das faces que os receberam... nem se resgata por alguns dias de continência, uma vida de excessos e ebriedade! A virtude, minha cara amiga, tem a sua coroa: desfolhadas e dispersas as flores de que ela se compõe, nunca mais torna a ser o mesmo emblema!

PAULINA (*melancólica*) - Quanta descrença se revela no fundo acrimonioso das suas proposições!

MATILDE - A descrença é o bem que me ficou dos meus passados infortúnios! Sou quase céptica para muitas coisas desta vida! *Creio* que - ainda - existem *virtude e justiça*; porém, não as admito sem as mais minuciosas indagações!

#### CENA IX As mesmas e Olímpia

OLÍMPIA (*beijando a mão à Paulina*) - Bom dia, mamãe... A Sra. D. Matilde estava aqui?! (*Matilde beija-a na face*) Que maldade!

MATILDE - O quê? A minha presença, ou o meu beijo?

OLÍMPIA - Por que não mandaram chamar-me há mais tempo, para gozar de tão amável companhia?

MATILDE - Julgávamos que a menina ainda estivesse entre os seus nevoeiros de rendas e cambraias, a conversar com os anjinhos.



OLÍMPIA (*sorrindo-se*) - A esta hora? Mamãe interromperia os meus colóquios, com a sua exprobração!

MATILDE - Nisso faria ela muito bem. As moças são como as flores, e, como estas, devem erguer-se com as auras da madrugada.

OLÍMPIA - A Sra. D. Matilde anda em competência com papai, nos seus lindos madrigais! (*assentam-se, ficando Olímpia perto de Paulina*) O que me dá hoje, mamãezinha?

PAULINA - Um beijo, ou uma flor: escolhe.

OLÍMPIA (*apresentando a face*) - Venha o beijo. (*Paulina beija-a*) Agora, em vez da flor, quero um vestido para a reunião da *Campesina*.

PAULINA (*tornando-se séria*) - Não pode ser; já o mês passado, teu pai comprou-te dois.

OLÍMPIA - Mas, mamãe...

PAULINA - Vejo-te um tanto inclinada ao luxo, e à ostentação... Olha que estas duas paixões, nunca conduzem a mulher à verdadeira felicidade! Demais, minha filha; não é na profusão e riqueza dos atavios, que está o encanto de uma moça; é na simplicidade e compostura deles.

MATILDE - São belas essas máximas; mas, uma imaginação de quinze anos, não opta muito pela sua moralidade! (*olhando*) Ali vem o Sr. Comendador... (*erguem-se, Olímpia corre para recebê-lo*)

CENA X  
As mesmas e Eugênio

EUGÊNIO (*prazenteiro*) - Como! venho encontrar a Sra. D. Matilde aqui?!

MATILDE (*apertando-lhe a mão*) - E o que tem isso de extraordinário, Sr. Comendador?

EUGÊNIO - Nada, minha senhora! Como tem V. Ex<sup>a</sup>. passado?

MATILDE - Bem... neste momento especialmente.

EUGÊNIO (*com amabilidade*) - Sempre oficioso! (*assentam-se, menos Olímpia que fica encostada à cadeira de Eugênio*).

MATILDE - Diga antes: apreciadora da ventura que se goza neste paraíso!

PAULINA (*indicando Eugênio*) - Graças ao anjo que o tem sob a sua guarda.

EUGÊNIO (*beijando-lhe a mão*) - E com tão sedutora Eva!...

PAULINA (*sorrindo-se*) - Lisonjas?!

OLÍMPIA (*tristemente*) - A mim ainda o papai nada disse.

EUGÊNIO (*afagando-a*) - O que mais te hei de dizer, minha pérola?... Só se te repetir...

PAULINA (*vivamente*) - Nada de lhe repetires os teus gracejos; ela já os tem ouvido demais.

EUGÊNIO (*sorrindo-se, para Olímpia*) - A mamãe tem medo que eu te faça vaidosa!



PAULINA - Oh!... por esse lado já o mal está feito!

EUGÊNIO - Como! pois tu és vaidosa, Olímpia?

OLÍMPIA (*meiga*) - Não acredite isso, papai; mamãe está *de pontas comigo*, porque eu lhe pedi... (*entra Pedro pelo fundo com um magnífico ramo de flores naturais*) Oh! que lindas flores!...

CENA XI

Os mesmos e Pedro, *que apresenta o ramo à Olímpia*

OLÍMPIA - São para mim? (*toma o ramo*)

PEDRO (*apresentando-lhe uma carta*) - Da casa do Sr. Comendador Menezes. (*sai*)

CENA XII

Os mesmos, menos Pedro

OLÍMPIA (*dando a carta à Paulina*) - É de Carlota.

PAULINA (*lendo*) - "À sua amiga Olímpia. Carlota."

EUGÊNIO (*sorrindo-se*) - É lacônica a tua amiga!

MATILDE - Não pode ser mais concisa!

OLÍMPIA - Boa Carlota! Vejam se ela se esqueceu de mim! (*a Matilde*) Dá-me licença para ir pôr estas flores no meu toucador?

MATILDE - Pois não, minha menina! Não faça cerimônias comigo! (*sai Olímpia*)

CENA XIII

Os mesmos, menos Olímpia

EUGÊNIO (*para Matilde*) - V. Ex<sup>a</sup>. deixa-nos hoje dispor do seu dia?

MATILDE (*amável*) - Felizmente não lhes posso dar essa concessão.

EUGÊNIO (*com amável censura*) - Felizmente?!...

MATILDE - O dia e a noite de hoje pertencem à minha amiguinha Olímpia.

CENA XIV

Os mesmos e Pedro

PAULINA (*percebendo Pedro*) - O que quer, Pedro?... Pode chegar. (*Pedro aproxima-se e diz-lhe algumas palavras em voz baixa*) Está bem: já vou. (*sai Pedro*)

CENA XV

Os mesmos, menos Pedro

MATILDE (*sorrindo-se*) - Já sei que tem de atender às exigências do chefe de seção de alguma das suas repartições?

PAULINA (*sorrindo-se*) - Se a senhora me permite...

MATILDE - O melhor meio de obsequiar-me é não fazer cerimônia alguma comigo. (*sai Paulina*)

CENA XVI  
Eugênio e Matilde

EUGÊNIO - Não esperávamos ter hoje o prazer da sua companhia, minha senhora.

MATILDE - Oh!... pois eu não sabia que a nossa linda açucena entrava hoje na sua décima-sexta primavera?

EUGÊNIO - Em paga de não o ter esquecido, vou fazer-lhe uma confidência.

MATILDE (*sorrindo-se*) - Se é segredo, não o comprometa; lembre-se que sou mulher.

EUGÊNIO (*sorrindo-se*) - Não há dúvida; exijo segredo até à hora do jantar somente.

MATILDE - Pois até lá... mudarei de sexo! De que se trata?

EUGÊNIO - De uma surpresa que tenciono causar a Olímpia, será o meu brinde de anos.

MATILDE - A surpresa? (*assentam-se*)

EUGÊNIO - Uma folha de papel selado; a liberdade de uma escrava. Hoje é dia para mim duplamente glorioso; 2 de julho, aniversário da emancipação política da minha terra, e o natalício de minha filha; desejo, portanto, comemorá-lo, restituindo ao grêmio social um dos seus representantes. O que pensa V. Ex<sup>a</sup>. do meu *mimo*?

MATILDE - Penso que seria um singular *mimo* de anos para uma menina, se essa menina não pertencesse à família S. Salvador.

EUGÊNIO (*beijando-lhe a mão*) - Oh!... minha senhora!...

MATILDE - É alguma escrava da casa?

EUGÊNIO - Não, Sra. D. Matilde; em minha casa não há cativos; todos os meus servos são pessoas livres.

MATILDE - Tal e qual como na minha! Abomino os escravos! São criaturas destituídas de toda a moralidade e de todos os sentimentos nobres!

EUGÊNIO (*com amável censura*) - Estou desconhecendo a habitual retidão de V. Ex<sup>a</sup>.

MATILDE - Crê-me então injusta?

EUGÊNIO - Pelo menos, pouco benevolente para com essa mísera classe, deserdada de todos os gozos sociais, e lançada, como uma vil excrescência, fora dos círculos civilizados!

MATILDE (*surpresa*) - Está falando sério, Sr. Comendador?!...

EUGÊNIO - Sim, minha senhora; estou intimamente convencido que existem muitíssimos escravos morigerados e dedicados às pessoas e aos interesses dos seus senhores.

MATILDE - Discordo da sua convicção. Que haja alguma exceção de regra que a autorize, concedo; mas, muitíssimas?!

EUGÊNIO - Vejo que V. Ex<sup>a</sup>. é do número daqueles que pensam que o cativo impõe a estupidéz e a desmoralização.

MATILDE - Não, Sr. Comendador; sei que os instintos das paixões, boas ou más, se manifestam e se desenvolvem em qualquer estado ou condição da criatura. E nem julgue que sou apologista dessa monstruosa aberração do direito das gentes, que dá ao homem a propriedade individual sobre o seu semelhante! A ideia grandiosa do herói da nossa independência, tão magnanimamente por ele realizada nos campos do Ipiranga, devia ter-se seguido a completa abolição de uma lei que nos apresenta ao estrangeiro como um povo bárbaro e ainda por civilizar! Lamento a sorte anômala desses infelizes; porém... aborreço-os! Devo todos os meus infortúnios a escravos, dos quais era eu mais mãe do que senhora. É gente muito ingrata!

CENA XVII  
Os mesmos e Pedro

PEDRO (*a Eugênio*) - Está aí um homem que procurou por V. S. esta manhã, e pede para lhe falar. Vem com uma parda.

EUGÊNIO - Faça-os entrar para aqui. (*sai Pedro*)

CENA XVIII  
Eugênio e Matilde

MATILDE - Deixo-o com suas visitas; vou esperar as minhas amigas no seu gabinete de trabalho.

EUGÊNIO - Se só se tratasse de uma visita, pediria a V. Ex<sup>a</sup>. que abrissemos um parêntese na nossa conversação; porém, é uma conferência enfadonha.

MATILDE - A aquisição do seu brinde?

EUGÊNIO (*seguido-a*) - A troca do mais precioso atributo da humanidade por algumas notas do banco!

MATILDE - Até já. (*sai*)

CENA XIX  
Eugênio, Forbes e Marta

FORBES (*à porta*) - V. S. dá licença? (*Eugênio faz-lhe um gesto, e Forbes entra acompanhado por Marta*) É ao Sr. Eugênio S. Salvador, a quem tenho a honra de falar?

EUGÊNIO - Sim, senhor; (*indica-lhe uma cadeira*) faça o favor de assentar-se. (*assentam-se, Marta conserva-se de pé em lugar donde possa naturalmente olhar para o retrato*) Sei que já me procurou.

FORBES - E o Sr. Barão de Maragüipe, com quem falei, autorizou-me a procurar de novo a V. S., para ultimarmos este negócio. Tomei a liberdade de a trazer; o preço é dois contos de réis.

EUGÊNIO (*olha para Marta, que está muito atenta para o retrato*) - Traz a carta competentemente legalizada?

FORBES (*entregando-lhe um papel*) - Não me esqueceu formalidade alguma.



EUGÊNIO (*depois de ler, ergue-se*) - Está em ordem. (*guarda-a no bolso*) Dê-me licença, vou buscar-lhe o dinheiro. (*vai a sair e repara em Marta que está muito agitada a contemplar o retrato*) Meu Deus!...

MARTA (*mostrando o retrato a Forbes*) - Que semelhança! (*para Eugênio*) Meu senhor... (*encarando-o*) Jesus!!! (*contempla por alguns momentos a Eugênio, que está muito perturbado*) Será isto um sonho?! Perdoe, meu senhor... não me conhece? Repare bem para mim... Interrogue as suas reminiscências, as suas mais antigas recordações... (*em grande ansiedade*)

EUGÊNIO (*com esforço*) - Não... não a conheço!

MARTA (*muito angustiada*) - Ah!... (*fica como aniquilada por alguns instantes*)

FORBES (*a Eugênio*) - V. S. há de desculpar...

MARTA (*vai ao retrato arranca-lhe o véu*) - Sim... é ele!!

FORBES (*repara no retrato e estremece*) - Ele?! É ... alguma pessoa da família?...

EUGÊNIO - É o pai de minha mulher...

MARTA (*fulminada*) - Sua mulher!! (*dolorosamente*) Desgraçado!... o que fizeste!...

(*no momento em que o pano desce, entram Paulina, Olímpia e Matilde, alguns homens e algumas senhoras*)

**Fim do primeiro ato**

## ATO II

*Na noite do mesmo dia.*

*Gabinete esteirado, com portas ao fundo e aos lados. Poltronas, divã à direita, secretária à esquerda, mesa ao meio, com livros, objetos para escrever, tímpano e candelabro com velas acesas.*

### CENA I

Eugênio (*assentado no divã*) e Paulina (*de pé, junto dele*)

PAULINA (*com solicitude*) - Estás melhor, meu amigo?

EUGÊNIO - Quase bom, foi uma leve indisposição.

PAULINA - Vi-te empalidecer tanto!... Por pouco não caíste.

### CENA II

Os mesmos, Olímpia e Matilde

OLÍMPIA (*entrando apressada*) - Meu Deus!... o que teve, papai?...

MATILDE - Retirou-se da sala bastante incomodado, meu amigo?

EUGÊNIO (*querendo gracejar*) - Tive um achaque de moça bonita: um *faniquito!*

OLÍMPIA (*sorrindo-se*) - O papai com *faniquitos?*!

MATILDE - Quando o doente graceja, bem vai o caso. O seu papai não tem coisa de cuidado, venha cumprir a sua promessa.

OLÍMPIA - Ora... Sra. D. Matilde!...

MATILDE - Então! quer *roer-me a corda*? Olhe que ordeno uma invasão de *dilettanti* a este gabinete!

EUGÊNIO - O que lhe prometeu ela, Sra. D. Matilde?

MATILDE - Prometeu-me cantar uma nova cançoneta, cuja letra, produção do nosso patrício Luiz Ayque, é realçada pela linda música do Furtado Coelho.

OLÍMPIA - Mas... se eu ainda não estou bem certa!...

PAULINA (*séria*) - Não prometerias cantá-la se não a soubesses.

OLÍMPIA (*sorrindo-se*) - Que tirania!... Enfim... Vamos, Sra. D. Matilde. Até logo, papai. (*beija-lhe a mão*)

MATILDE (*oferece-lhe o braço*) - Quero ser o seu cavalheiro.

OLÍMPIA (*dando o braço a Matilde*) - Vou fazer uma *bonita* figura! (*encaminham-se para o fundo*)

MATILDE - Já a entendo, Sra. vaidosinha! (*saem*)

CENA III  
Eugênio e Paulina

EUGÊNIO - Não vais também apreciá-la?

PAULINA - Gosto mais da música ao longe.

EUGÊNIO - Não acho conveniente a tua ausência da sala.

PAULINA - Inconveniente seria eu deixar-te só, incomodado como te achas.

EUGÊNIO - Preciso somente de um pouco de descanso.

PAULINA - Pois descansa. (*assenta-se perto da mesa e pega em um livro*) Mais tarde iremos juntos.

EUGÊNIO (*levemente impaciente*) - Eis uma cantora teima! Agradeço-te, mas...

PAULINA - Não insistas, não vou para a sala sem ti.

EUGÊNIO (*ergue-se*) - Nesse caso... (*oferece-lhe o braço*)

PAULINA - O que pretendes?

EUGÊNIO - Restituir à festa a sua rainha.

PAULINA (*sorrindo-se*) - Sempre a gracejar! (*ergue-se e larga o livro*). Já que o exiges, deixo-te só. Mas se daqui a meia hora não apareceres, vir-te-ei buscar.

EUGÊNIO (*vivamente*) - Não!... não quero que aqui venha pessoa alguma!

PAULINA (*admirada*) - Está bom... sossega, aqui ninguém virá. (*sai pelo fundo*)

CENA IV  
Eugênio e depois Pedro

EUGÊNIO (*depois de pensar imerso em tristeza, toca no tímpano e aparece Pedro pela direita*) - Já chegou a pessoa de quem lhe falei?

PEDRO - Nesse mesmo instante; já eu vinha participar a V. S.

EUGÊNIO - Conduza-o para aqui, pelo corredor interior. (*Pedro vai a sair*) Espere um pouco. (*procura na mesa um bilhete de visita, e escreve nele algumas palavras a lápis*) Entregue este bilhete ao Sr. Barão, quando ele estiver só. (*dá-lhe o bilhete, Pedro sai*)

CENA V  
Eugênio e depois Forbes

(*ouve-se Olímpia cantar uma cançoneta, música de Furtado Coelho e letras de Macedo Ayque*)

Do azul do céu, minha estrela  
Luziu brilhante e morreu!  
A mão da sorte em minh'alma  
Um véu de crepe estendeu.

Meus sonhos são agonias!  
Espinho que ceva a dor  
É meu futuro um deserto,  
Sem planta, nem luz, nem flor!

A derradeira esperança  
Em limbo escuro tombou,  
E morta vivo das penas  
Que o sofrimento deixou!

(*enquanto Olímpia canta, Eugênio passeia tristemente, parando de espaço a espaço. Fim do canto, ouvem-se grandes aplausos, bravos, etc.*)

EUGÊNIO (*assenta-se muito oprimido*) - Oh!... a fatalidade!... a fatalidade!...

FORBES (*à porta, como que respondendo*) - Sou eu, Sr. Comendador! (*eugênio ergue-se*) V. S. dá licença?

EUGÊNIO - Entre, senhor. (*Forbes entra*)

FORBES - Sei que a ocasião é imprópria; porém, como V. S. pediu-me que viesse aqui esta noite...

EUGÊNIO (*indica-lhe uma cadeira*) - Faça o favor de assentar-se. (*assentam-se*) Desejo obter do senhor algumas informações sobre a pessoa que libertei hoje. Foi para isso que lhe pedi que me procurasse.

FORBES - Aqui estou ao dispor de V. S.

EUGÊNIO - Há quantos anos possuía o senhor...?

FORBES - A minha escrava Marta?... Há de haver perto... ou talvez mais de trinta anos.

EUGÊNIO - De quem a comprou?

FORBES - Comprei-a, juntamente com um filho, a certo negociante, que *quebrou* na mesma ocasião em que os vendeu. Até creio que, por causa



dessa venda, foi ele condenado como estelionatário, por ter subtraído e vendido clandestinamente bens sujeitos à massa falida.

EUGÊNIO - E sabe que destino teve esse homem?

FORBES - Foi pronunciado na Bahia, em... mil oitocentos e trinta e tantos, e para escapar à vindicta da lei, fugiu aqui para esta capital. Creio que morreu há muito tempo! V. S. está incomodado!...

EUGÊNIO (*ansioso*) - E... o que foi feito do filho de Marta?

FORBES - Vendi-o aqui para o Rio; era um mulatinho endiabrado! Não o pude suportar!

EUGÊNIO - E nunca teve notícias dele?

FORBES (*fitando-o*) - O Sr. Comendador interessa-se singularmente pelo filho de Marta! Pois, sobre a sorte desse pequeno, nada posso dizer a V. S.; nunca tive a menor informação a tal respeito. (*pequena pausa*)

EUGÊNIO - Há de desculpar-me o incômodo que lhe dei; (*ergue-se*) estou satisfeito.

FORBES - Incômodo, nenhum. Mesmo eu tinha de procurar a V. S. para comunicar-lhe que... (*tira um maço de notas, do bolso*) Refleti melhor; não me convém aceitar só dois contos de réis pela liberdade da minha escrava... (*apresenta o dinheiro a Eugênio*)

EUGÊNIO (*sem tomar o dinheiro*) - Não lhe convém?!

FORBES - Não, senhor (*põe o dinheiro sobre a mesa*). É muito pouco.

EUGÊNIO (*surpreso*) - Pouco!... dois contos de réis!

FORBES - Vinte que fossem, não era coisa alguma!

EUGÊNIO - Vinte! (*encara-o muito admirado*) O senhor está louco?!

FORBES (*friamente*) - Louco estaria eu, se aceitasse semelhante bagatela!

EUGÊNIO - Pois, senhor, faça o favor de guardar o seu dinheiro, e...

FORBES - Não, senhor; e uma vez que não nos ajustamos no preço, tenha a bondade de restituir-me a carta, e mandar vir a parda, que a quero levar.

EUGÊNIO - Levá-la! Isso nunca! O senhor já não tem direito algum sobre ela!

FORBES - Essa agora!...

EUGÊNIO - Essa mulher é livre...

FORBES (*perturbando-se*) - Livre!...

EUGÊNIO - A carta da sua liberdade ficou hoje registrada nas notas do cartório do tabelião Castro.

FORBES (*visivelmente contrariado*) - Registrada! (*ergue-se*)

EUGÊNIO - Cumpri lealmente aquilo que tratamos; não posso ser responsável pelas intermitências da sua vontade.

FORBES (*com cólera mal disfarçada*) - E acha V. S. que eu estarei sujeito à sua? Está muito enganado, meu caro senhor! Não me deixarei expoliar do meu direito de propriedade, sem que a questão se discuta em público!

EUGÊNIO (*perturbado*) - E o que tenho eu a receiar em semelhante discussão? (*pequena pausa*) Acha pequena a quantia que arbitrou para o resgate da sua escrava? Pois, em consideração a essa desventurada, dar-lhe-ei mais um... (*Forbes fica impassível*) dois... (*desorientando-se*) três contos de réis!

FORBES (*friamente*) - É pouco.

EUGÊNIO (*surpreso*) - Ainda acha pouco?!

FORBES - É mesmo uma ridicularia. (*assenta-se*)

EUGÊNIO (*indignado*) - Se o senhor não está doído, está...

FORBES (*sorrindo-se*) - Embriagado?... Pode concluir a frase; em discussão sobre negócios, nunca me dou por ofendido. No entanto, para validar o que tratamos, devo assegurar a V. S., que não me acho em nenhum desses deploráveis estados.

EUGÊNIO - Então, não compreendo as suas exigências. (*assenta-se*) Faça o favor de retirar-se por onde entrou.

FORBES - Menos viveza em suas palavras, Sr. Eugênio S. Salvador! Reflita na singularíssima posição em que se acha, e veja que deve-me...

EUGÊNIO (*ergue-se encolerizado*) - Eu, nada lhe devo! Já lhe disse que guardasse o seu dinheiro, e se retirasse! (*passeia muito agitado*)

FORBES - Nada me deve? (*ergue-se*) Já que V. S. é tão falto de memória, irei perguntar à filha do ladrão Olímpio Torres...

EUGÊNIO (*avançando furiosamente para Forbes*) - Miserável!...

FORBES (*sem se alterar*) - Por quanto deve seu marido comprar o segredo do seu ex-escravo Eugênio...

EUGÊNIO - Senhor!...

FORBES - Filho da minha escrava Marta!

EUGÊNIO (*suplicante*) - Basta!... nem mais uma palavra!... Oh!... (*deixa-se cair sobre uma poltrona, pequena pausa, Forbes contempla-o ironicamente*) Não!... (*ergue-se bruscamente*) não é possível!... Com que documentos prova o senhor o que acaba de dizer?

FORBES - Com o papel de compra, de Marta e de seu filho, passado e assinado pelo próprio Olímpio Torres, que m'os vendeu.

EUGÊNIO - E o que exige por esse papel?... Diga-o com franqueza... com audácia mesmo...

FORBES - Já que me permite... vou ser franco. Dos meus perdidos cabedais, só me ficaram dívidas, ruins paixões... vícios mesmo...

EUGÊNIO (*amargamente*) - Que pretende alimantar à custa de uma revelação fatal?...

FORBES - Não direi que tenciono alimentar as minhas perniciosas paixões à custa do segredo do meu ex-escravo Eugênio. (*respeitoso*) Constituo porém, meu banqueiro, o Sr. Eugênio S. Salvador. (*intencional*) Os títulos e as garantias do meu capital, estão em lugar seguro. E, creia V. S., que terei sempre em vista o preceito: *Usar, mas não abusar!* Se quiser dar-me os dois contos de réis... por conta... (*Eugênio empurra-lhe o dinheiro, que ele guarda*) Quanto ao mais... quando eu precisar...

EUGÊNIO (*toca no tímpano*) - Desculpe... preciso ficar só.

FORBES (*pegando no chapéu*) - Oh! Sr. Comendador! V. S. está em sua casa!...

## CENA VI

Os mesmos e Pedro

EUGÊNIO (*a Pedro*) - Acompanhe o senhor, até à escada.

FORBES (*cumprimentando*) - Sr. S. Salvador!...

## CENA VII

Os mesmos e o Visconde (*pelo fundo*)

VISCONDE - Desculpe, Comendador!... Só agora soube que... (*vê Forbes*) O Sr. aqui?!...

FORBES (*intencional*) - De que se admira, Sr. Visconde?... Não está também V. Ex<sup>a</sup>? Ora!... (*sai pela porta por onde entrou, acompanhado por Pedro*)

## CENA VIII

Eugênio e o Visconde

VISCONDE - Não supunha este homem na sua intimidade!

EUGÊNIO - Não sei porque V. Ex<sup>a</sup>. diz isso.

VISCONDE - Aqui!... no seu gabinete!

EUGÊNIO (*friamente*) - Também V. Ex<sup>a</sup>. honra neste momento o meu gabinete, sem que eu o conte no número dos meus íntimos!

VISCONDE (*afetando dignidade*) - Consinta que eu repila o paralelo que parece estabelecer entre a minha pessoa e um tal tratante! Se aquele homem tem a felicidade de ser do número dos seus amigos, declino dessa honra! A minha categoria...

EUGÊNIO (*secamente*) - As relações que existem entre mim e o Sr. Visconde não o autorizam a censurar os meus atos. Só o conheço há algumas horas, se é, como diz, um *tratante*, o seu próprio interesse o fará não ser comigo. É esta a explicação única que posso dar à susceptibilidade de V. Ex<sup>a</sup>., e dos meus *oficiosos!*

VISCONDE - Como! Pois o Sr. Comendador formalizou-se?

EUGÊNIO - Não, Sr. Visconde; salvo se V. Ex<sup>a</sup>. chama *formalizar-me* o não querer eu comunicar-lhe os meus negócios particulares.



CENA IX  
Os mesmos e o Barão

BARÃO (*pelo fundo*) - Eis-me aqui, Eugênio...  
O que tens? Estás agitado...

VISCONDE - Não é nada, Barão! Tivemos uma ligeira controvérsia, mas já nos achamos de perfeito acordo, e, amigos como sempre! Bem sabe, que entre pessoas da *nossa roda*...

EUGÊNIO (*ao Visconde*) - Se V. Ex<sup>a</sup>. dá-me licença... preciso falar ao meu amigo.

VISCONDE - Cerimônias comigo, meu caro! Eu me retiro. Nós outros fidalgos não costumamos ser importunos! Até já, Comendador!... Barão!... (*sai*)

CENA X  
Eugênio e o Barão

BARÃO - Se este homem não fosse a personificação da estupidez, sê-lo-ia da fatuidade e do ridículo! Vou contar-te o que ele me comunicou esta manhã; prepara-te para rir... Mas, o que tens? Estás com a fisionomia tão transtornada!

EUGÊNIO - Estou perdido, Barão!

BARÃO - Perdido! O que te aconteceu?

EUGÊNIO - Minha mãe está nesta casa.

BARÃO (*assombrado*) - Tua mãe!! Como o sabes?... Quem a trouxe?...

EUGÊNIO - Deus, ou a Fatalidade!... É a escrava que libertei esta manhã.

BARÃO - O que dizes?! (*encara-o e pega-lhe na mão*) Estás sob a influência de um acesso febril... Vem para a sala distrair-te.

EUGÊNIO - Não tenho febre, nem delírio. É minha mãe. Conheci-a, no momento em que fui por ela reconhecido. E... repeli-a!... reneguei-a!...

BARÃO - À tua mãe?!...

EUGÊNIO - Foi uma indignidade... um crime! bem o sei! Fiquei impassível ante a dolorosa agonia desse coração que voava para mim... fiz mais: minha mulher, minha filha, amigos, esse Forbes, tinham todos as vistas sobre mim; temi uma revelação humilhante, e... confundi-a entre os meus criados... Oh! sou um filho indigno!... um ingrato!...

BARÃO (*sentido*) - Não esperava de ti semelhante proceder!

EUGÊNIO - E a desonra que sobre mim pesaria, se soubessem que sou filho de uma escrava?! Que fui... cativo! eu?... (*desesperado*) Oh!...

BARÃO - Conta-me como se passou esse caso. (*assenta-se*)

EUGÊNIO - Antônio Forbes estava presente quando nos reconhecemos, e a nossa comoção, sem dúvida, lhe denunciou a verdade. Não sei se ele também me reconheceu; só sei que está senhor do

meu funesto segredo, e que pretende tirar dele todo o partido possível.

BARÃO - Que desgraçada ocorrência!

EUGÊNIO - E, como se não bastasse o horror do sucesso que me acabrunha, vem ainda uma terrível circunstância complicar mais a minha situação! Paulina é filha do primeiro senhor de... Marta!

BARÃO (*ergue-se*) - É possível?!

EUGÊNIO - Marta e seu filho foram os objetos que ocasionaram a ruína do infeliz Torres!

BARÃO - O que estás a dizer, Eugênio!

EUGÊNIO - A verdade, autorizada pelas informações de Antônio Forbes, as quais coincidem com as poucas reminiscências que eu conservo do passado.

BARÃO (*consternado*) - A ser assim, é uma horrível desgraça! (*assenta-se, Eugênio passeia tristemente*) Quem sabe se não és vítima de alguma especulação dessas criaturas, que guiadas por algum indício da verdade...

EUGÊNIO (*meneia tristemente a cabeça*) - Marta não fingiu. O brado que soltou, quando me reconheceu, só podia sair da alma de uma mãe!

BARÃO (*ergue-se*) - E se ambos se houvessem enganado? Se uma fortuita semelhança... Olha que se joga uma tremenda partida sobre o teu destino!

EUGÊNIO - Não nos enganamos; o coração m'ó diz.

BARÃO - Então, repito, é uma grande desgraça!

EUGÊNIO - Do que serve, pois, ter-me elevado a esse pedestal, erigido pela consideração social, se um imprevisto revés da sorte me vai dele fulminar! Oh!... Deus não é justo!

BARÃO (*severo*) - Também descrente?!

EUGÊNIO - Barão!...

BARÃO - Entendes que para a felicidade do homem basta-lhe só sacrificar ao seu egoísmo e aos preconceitos do mundo, os seus mais sagrados deveres? Enganas-te; é preciso, antes de tudo, o temor de Deus, e fé na sua bondade! Duvidas da sua justiça? Desvia os olhos das paixões mundanas que te todam o espírito, e vê-las-ás pairar sobre a tua própria cabeça!

EUGÊNIO (*tristemente*) - Se conhecesse a força do golpe que me abate!...

BARÃO - E não me fere ele também na afeição que te consagro? Sabes que te estimo; com a liberdade que te dei, adquiriste um pai, ao qual, tornaste mais suportável a solidão de uma vida sem afetos e sem laços de família. Não quero ouvir-te blasfemar, juntando à fraqueza de ânimo a impiedade do coração!

EUGÊNIO - Perdão, meu bom pai!

BARÃO - Porém... (*assentam-se*) Como é crível que não tenhas reconhecido no retrato de teu sogro, o homem em cuja casa nasceste?

EUGÊNIO - Não tenho a menor ideia de suas feições, assim como não me recordo de ter nunca visto



esse Forbes, que, segundo o seu dizer, foi quem mandou o infeliz filho de Marta para o Rio de Janeiro.

BARÃO - E que provas tem esse homem?...

EUGÊNIO - Um papel de... compra! Documento assaz valioso, que o torna senhor da minha felicidade e da minha honra!

BARÃO - Da tua honra, não! Se nasceste escravo, não deixas por isso de ser honrado. Não é a condição que desonra o homem, são os seus próprios atos!

EUGÊNIO - Porém, como aceitará Paulina a minha infelicidade?... E minha filha? Oh!... se perco a ternura desses dois anjos!...

BARÃO - Não te deixes abater, quando mais precisas de energia! Já que a adversidade te manda tão dolorosa prova, aceita-a corajoso! Luta... e vence!

EUGÊNIO (*desanimado*) - Lutar?... Tudo se junta para perder-me. Quem me afiança a discrição de Antônio Forbes? O que aconselhará o despeito ao coração dessa desventurada tão atrozmente repelida por mim?

BARÃO - Como julgas mal, esses seres, que se chamariam anjos se não se chamassem mães!... Despeito em uma mãe?... Abre os braços à pobre Marta...

EUGÊNIO (*interrompendo*) - Não!... Se o fizesse, cair-me-iam neles todas as irrisões da sociedade!

BARÃO - Queres então sacrificar a tais preconceitos, a felicidade de tua mãe, e o sossego da

tua consciência? (*ergue-se severo*) Que ideia fazes tu da honra, Eugênio?!...

EUGÊNIO - Expor-me ao desprezo da mulher a quem amo?

BARÃO - E... Qual é o interesse desse homem, guardando o papel que te compromete?

EUGÊNIO - Obrigá-lo a satisfazer-lhe as ambiciosas exigências; ele próprio o confessou.

BARÃO - A questão, pois, milita sob um princípio: o ouro, não é assim? Ameaça-te, para que lhe dê dinheiro?

EUGÊNIO - Sim, e muito!

BARÃO - Por que te julgas então um homem perdido? Se ele quer dinheiro, dá-lho! De que nos serviria a riqueza, se ela não fosse o *poder moderador*, para onde apelam as paixões dos homens? Compra a peso de ouro o teu segredo! Faz esse Forbes teu amigo pelo reconhecimento, ou teu escravo pela ambição.

EUGÊNIO - E Paulina?

BARÃO - Paulina ama-te bastante, para sujeitar-se à tua sorte. Conta-lhe tudo.

EUGÊNIO - Nunca! Morreria de vergonha antes de pronunciar a primeira palavra! Pois eu, que quero ser respeitado por ela, hei de ir depor a seus pés uma fronte envilecida pelo ferrete da escravidão?... (*pequena pausa*) Diz bem, meu amigo, devo lutar! Será uma luta grandiosa, entre a fraqueza do homem e a onipotência do destino, porém... vencerei!



BARÃO - Muito bem! É assim que te quero ver! Não é com vãs lamentações que se repelem os ataques da adversidade! Combate-se enquanto há elementos para isso!

EUGÊNIO - E... Marta?...

BARÃO - Não és bastante rico para lhe proporcionar uma existência feliz?

EUGÊNIO - Longe de mim, exposta à curiosidade do mundo? É impossível!

BARÃO (*indignado*) - Impossível!... Tens um coração duro e ingrato! (*passa e para*) Amanhã falaremos sobre isto. Vem para a sala que a tua ausência já deve ter sido notada.

EUGÊNIO - Aparecer neste estado de perturbação? (*Marta aparece à porta*)

BARÃO - Pois acalma-te, e vem depois; eu vou para perto dos teus amigos. (*sai. Marta aproxima-se*)

#### CENA XI Eugênio e Marta

EUGÊNIO (*apercebendo-a*) - O que vem fazer aqui?...

MARTA (*muito comovida*) - Meu filho!... (*súplice*) Agora que estamos sós... uma palavra ao menos...

EUGÊNIO - Nada tenho a ouvir, nem a dizer!... Já lhe disse, que... não a conheço!

MARTA (*amargamente*) - Não me conheces?...

Oxalá que assim fora! Não prantearia com lágrimas de sangue a tua crueldade!

EUGÊNIO (*perturbado*) - Senhora!...

MARTA (*ressentida e penalizada*) - É possível que a tua opulência e o esplendor da tua posição sejam causas para que renegues aquela que te alimentou com o sangue das suas veias? (*enternecendo-se*) Que te ajudou a dar os primeiros passos na vida, e te ensinou a balbuciar a primeira oração a Deus?...

EUGÊNIO (*em grande luta de sentimentos*) - Basta... basta...

MARTA (*súplice*) - Chama-me tua mãe!... (*olha em torno da sala*) Tua mãe!... (*com muita ternura*) Filho de minha alma!... Oh!... (*quer pegar na mão de Eugênio; este que tem estado em grande agitação, afasta-se vivamente*)

EUGÊNIO - Repito-lhe que... está enganada!

MARTA (*com amargura*) - Enganada? Crês tu, que um coração de mãe se possa enganar? Julgas que o íntimo de um seio de mulher estremeça sem ser pelo ente a quem gerou?... (*Eugênio encaminha-se para o fundo. Marta toma-lhe a passagem*) Filho! (*em lágrimas*) Meu filho! Não me fujas! Atende à mísera que te chamou nos longos dias de vinte e nove anos! A única consolação que eu tinha nas minhas cruéis aflições, era a esperança de um dia encontrar-te, e unir-te ao meu seio! (*Eugênio olha desassossegado para as portas*) Vejo que é o receio que te faz fugir dos meus braços... sim, tu me hás reconhecido... a tua comoção m'ó diz.

EUGÊNIO (*em crescente comoção*) - Deixe-me, senhora!... preciso ficar só...

MARTA (*agarrando-lhe na mão*) - Eugênio!... (*quer abraçá-lo*)

EUGÊNIO (*revestindo-se de ânimo e repelindo-a*) - Esse Eugênio... morreu para a senhora!

MARTA (*com grande angústia*) - Oh!... Meu Deus!... Meu Deus!... (*cai desmaiada nos braços de Eugênio, que a ampara. Paulina vem entrando pelo fundo e ao vê-los, pára poucos passos muito maravilhada*)

### Fim do segundo ato

## ATO III

*Em casa de Eugênio, a 6 de setembro de manhã.*

*A mesma decoração do 1º ato.*

### CENA I

*Barão e Paulina, assentados.*

BARÃO - Repito-lhe, minha filha: seu marido não lhe merece semelhante tratamento...

PAULINA - Eu não o trato mal; se ando triste, é porque não me posso contrafazer; não sei fingir.

BARÃO - E por que anda triste? Eu não lhe aconselho o fingimento, nem quero que se contrafaça. Seja alegre, francamente, sem esforço, como outrora! Mostre-se prazenteira, expansiva... Se soubesse o quanto uma mulher se torna interessante com a sua meiguice e amabilidade? Veja como se tem deixado abater! Já não trata de si com aquele cuidado... tem a fisionomia tão mortificada...

PAULINA (*forcejando para não chorar*) - Meu amigo!

BARÃO - Está com o coração oprimido e a nadar-lhe em lágrimas... pois desafogue-o! Chore!... chore em presença do seu velho amigo, que sê-lo-á sempre, sincero e desvelado! *(Paulina prorrompe em soluços)* O que a aflige?... *(pega-lhe na mão)* O que a atormenta? Fale, seja franca comigo! *(pequena pausa)*

PAULINA *(mais calma)* - Porque anda Eugênio tão triste! O que lhe hei feito para que ele busque sempre evitar-me?

BARÃO - Ele!... Evitá-la!... Que prevenção a guia no juízo que faz acerca do pobre Eugênio?

PAULINA - Prevenção?... Sempre tão preocupado, tão sombrio...

100 BARÃO *(tristemente)* - Ora, minha filha! Pois um homem na posição de seu marido, não tem, no giro dos seus negócios, coisas que o preocupem?

PAULINA *(secamente)* - Está bom; mudemos de conversa. *(pequena pausa)* Ainda não pude saber a causa do desmaio de Marta, na noite em que Eugênio tanto insistiu para ficar só. Tem-me feito disso um mistério...

BARÃO - Algum achaque antigo, talvez...

PAULINA - E o que foi ela fazer ao gabinete de Eugênio, àquela hora?

BARÃO - Isso... nada quer dizer! É tão fácil dar-se qualquer caso que...

PAULINA *(com ironia amarga)* - O Barão, é um amigo dedicado, ao último extremo!

BARÃO *(com dignidade)* - Paulina! Acho-a incapaz de ofender o pai de seu marido! O que pensa? O que supõe?

PAULINA - Penso que em tudo isto existe um mistério indigno!

BARÃO - Os meus cabelos brancos, e a minha dedicação à sua felicidade, impõem-lhe o dever de dar crédito às minhas palavras. Seu esposo é credor de todo o seu afeto, e digno de toda a sua estima!

PAULINA - Que suplício de conjeturas! *(erguem-se à entrada de Eugênio)*

## CENA II

Os mesmos e Eugênio

101 EUGÊNIO *(apertando a mão do Barão)* - Bom dia, meu amigo!... Não sabia que estava aqui!

BARÃO - Cheguei há pouco.

PAULINA *(ao Barão)* - Agora que o deixo acompanhado, dê-me licença; tenho que escrever algumas cartas. *(encaminha-se, e o Barão acompanha-a)*

BARÃO *(a meia voz)* - A docilidade é a arma mais poderosa da mulher! *(Paulina sai)*

## CENA III

Eugênio e o Barão

EUGÊNIO - Paulina estava comovida... O que disse ela?



BARÃO - Nada, porém, eu compreendi muito. Tu te comprometes com as tuas inconveniências! Já muitas vezes te hei dito, que a presença de tua mãe nesta casa pode ser-te muito prejudicial! Nem sei como consentes que seja criada de tua filha!

EUGÊNIO - É ela quem assim o quer. Ama muito a Olímpia, e...

BARÃO - E reconhece a necessidade de um pretexto que justifique a sua presença na tua casa. É mister tirá-la de semelhante posição.

EUGÊNIO - Hoje, sinto que não posso viver longe dela! A natureza recobra enfim os seus direitos, e brada mais alto em meu coração, do que no meu espírito o temor dos escárnios sociais. *(roda um carro)*

BARÃO - Tendo-a fora daqui, podes vê-la, e torná-la feliz com a tua presença e os teus cuidados.

EUGÊNIO - E se Paulina souber das minhas visitas?

#### CENA IV Os mesmos e Pedro

PEDRO *(a Eugênio)* - O Sr. Visconde de Medeiros, manda perguntar se pode cumprimentar a V. S.

EUGÊNIO - Que faça o obséquio de entrar. *(sai Pedro)*

#### CENA V Os mesmos, menos Pedro

BARÃO - Para que continuas a receber o Visconde, depois da formal recusa que lhe fizeste, da mão de tua filha?

EUGÊNIO - Crê que me sejam agradáveis as suas visitas? Procura-me, e a delicadeza impõe-me a benevolência.

#### CENA VI Os mesmos e o Visconde

VISCONDE *(largando o chapéu)* - Ora, bom dia, meu caro S. Salvador! Oh!... o Barão por cá!... *(o Barão toma o chapéu e a bengala)* Como! Pois sai, com a minha chegada?

BARÃO *(secamente)* - Já me dispunha a sair, quando V. Ex.<sup>a</sup> entrou. Até à tarde, Eugênio. *(aperta-lhe a mão)* Adeus, Sr. Visconde. *(encaminha-se para o fundo, e Eugênio segue-o)* Pensa no que te disse. *(sai)*

#### CENA VII Eugênio e o Visconde

VISCONDE - O Comendador já sabe, que o Forbes apelou para a Relação? Diz o seu advogado, que tem certa a sua absolvição... o que não duvido! De ordinário, a balança da justiça pende para o lado

dos velhacos! (*Eugênio apresenta-lhe cadeira e assentam-se*)  
O abuso do patronato entre nós...

EUGÊNIO - Se a Relação o absolver, é porque está inocente. Os caracteres dos magistrados respeitáveis de que se compõe esse venerando tribunal, repelem as insinuações que se notam nas palavras de V. Ex<sup>a</sup>.

VISCONDE - Não faça a injustiça de supor-me em dúvida sobre a imparcialidade de tão ilibados funcionários da alta justiça! Bem vê, que entre fidalgos da nossa *plana*, não se deixa de atender a certo espírito de classe! Mas... se reformam a sentença daquele *tratante*...

EUGÊNIO - Tenho notado em V. Ex<sup>a</sup>. um tal encarniçamento contra esse homem...

VISCONDE (*com ênfase*) - É o encarniçamento que todo o homem honrado tem contra o vício e a velhacaria.

EUGÊNIO (*friamente*) - Se V. Ex<sup>a</sup>. quisesse expor-me o objeto da sua visita?

VISCONDE - Simplesmente cumprimentá-lo; sou muito *punitano*, naquilo que respeita ao cumprimento de deveres sociais, mormente entre pessoas da *nossa roda*! Uma vez satisfeitos esses deveres... (*erguem-se*) Não o quero importunar mais. Até outro dia, Comendador! (*pega no chapéu e encaminha-se para o fundo, Eugênio acompanha-o*) Nada de incômodos! Nós outros, fidalgos, dispensamos formalidades vulgares. (*sai*)

CENA VIII  
Eugênio e depois Paulina

(*Eugênio assenta-se no divã, toma um jornal e percorre-o sem o ler. Paulina entra com algumas cartas na mão, assenta-se perto da mesa e toca no tímpano*)

EUGÊNIO (*vai para perto dela*) - Sempre dás a tua reunião amanhã?

PAULINA (*friamente*) - Se isso não o contrariar.

EUGÊNIO (*amável*) - De modo nenhum! Sabes que só estou contente quando te vejo satisfeita. São os teus convites?

PAULINA - Os últimos que tenho para fazer.

CENA IX  
Os mesmos e Marta

PAULINA (*dando as cartas a Marta*) - Dê estas cartas a Pedro, para mandá-las ao seu destino. (*Marta, ao tomar as cartas, deixa cair algumas no chão e apressa-se em apanhá-las*) Então!... nada faz em ordem!... anda sempre abstrata!...

MARTA - Desculpe-me, minha senhora, são coisas que acontecem.

PAULINA (*com mal humor*) - Deixe-se de respostas! Vá fazer o que lhe disse! (*Marta olha penalizada para Eugênio, que passeia tristemente pela sala, e sai*)

CENA X  
Eugênio e Paulina

EUGÊNIO (*assenta-se perto de Paulina*) - És tão severa para com aquela pobre mulher!...

PAULINA (*encarando-o fixamente*) - Acha isso?!

EUGÊNIO - Sem dúvida. A tua natural brandura para todos os teus servos torna mais sensível a rispidez com que a trata.

PAULINA (*friamente*) - Aceito as suas observações; farei todo o possível para não desgostá-lo neste ponto.

EUGÊNIO - Em que tom me falas tu, Paulina! (*pega-lhe na mão*) Estás doente?

PAULINA - Alguma coisa.

EUGÊNIO - Talvez as minhas palavras sobre Marta te contrariassem; porém, sei que não gostas de maltratar a pessoa alguma e vejo que ela se mortifica quando a trata com dureza.

PAULINA - Se não está satisfeita aqui, por que não se retira? Não é livre?

EUGÊNIO (*descontente*) - Realmente, Paulina! Estou desconhecendo-te! Sabes que ela não nos quer deixar; afeiçoou-se de tal modo à Olímpia, a quem diz ela, deve a liberdade, que fora cruel o despedi-la.

CENA XI  
Os mesmos e Marta

PAULINA (*vendo Marta*) - Quem a chamou aqui?

MARTA - Já entreguei as cartas e venho saber se a senhora tem mais algumas ordens a dar-me. (*Eugênio toma de novo o jornal*)

PAULINA (*zangada*) - É preciso coibir-se do mau costume de apresentar-se, sempre, onde não a chamam! Já se aborrece tanta solicitude! Diga a Luíza que prepare o necessário para me vestir de preto. (*Marta sai*)

CENA XII  
Eugênio e Paulina

(*Paulina vai até à janela e volta a assentar-se*)

EUGÊNIO - Já sei que vais à missa da Cruz. Queres que te acompanhe?

PAULINA - Ser-lhe-ia um passeio muito aborrecido!... Além de algumas compras que preciso fazer, tenho ainda de visitar a muitas das nossas pensionistas!

EUGÊNIO - Minha piedosa Paulina! (*beija-lhe a mão*)

CENA XIII  
Os mesmos e Olímpia

OLÍMPIA - Ora graças a Deus! Já os vejo juntos e satisfeitos! Há quanto tempo, papai não beija a mão de mamãe?



EUGÊNIO - Sempre, minha linda, sempre!

PAULINA - Teu pai já pouco se ocupa com tais puerilidades!

EUGÊNIO - Como és má e injusta comigo, Paulina!

OLÍMPIA - Então!... ainda temos *rusgas*? Ora muito bem! Saibam que eu não gosto de os ver ar-rufados! É uma coisa tão feia, num casal tão bonito! Mamãe, eu não vou também me vestir?

PAULINA - Para quê?

OLÍMPIA - Nunca vou à missa da Piedade, nem dou esmola aos pobres!...

PAULINA - Todo o teu dinheiro é pouco para ninharias da rua do Ouvidor.

EUGÊNIO - Para praticar o bem, nunca faltam elementos. (*tira da carteira algumas notas que dá a Olímpia*) Eis aqui, para os pobres, e para a rua do Ouvidor.

OLÍMPIA (*transportada, abraçando-o*) - Ó meu papaizinho!

EUGÊNIO (*sorrindo-se*) - Interesseira! (*beija-a na testa*) Vai-te vestir. (*Olímpia hesita e olha receosa para Paulina*) Então, já não queres ir à missa?

OLÍMPIA (*à meia voz*) - E se mamãe ralar, por eu perder as lições de música e de francês?

EUGÊNIO (*alto*) - Não te há de ralar. O desejo de tornar-te *enciclopédica* não a fará ter-te reclusa todas as semanas do mês!

PAULINA - Estou hoje bem infeliz! Não lhe mereço senão repreensões! (*sai arrebatada*)

CENA XIV  
Eugênio e Olímpia

OLÍMPIA (*pesarosa*) - Como!... papai repreendeu-a?!

EUGÊNIO (*triste*) - Pedi-lhe simplesmente uma coisa e, como agora, interpretou mal a minha intenção.

OLÍMPIA - Eu não sei o que a mamãe tem! Anda sempre de tão mau humor, que já não me atrevo a gracejar, nem a pedir-lhe nada! (*triste*) Isto assim, entristece a gente!

EUGÊNIO (*fá-la sentar perto de si*) - Dize-me uma coisa: estás satisfeita com a tua aia?

OLÍMPIA - Pois não, papai, muito!

EUGÊNIO - Desejo que a trates mais como amiga, do que como criada. É muito bonito numa menina respeitar os mais velhos, e aqueles que lhe consagram afeição!

OLÍMPIA - Pois papai não vê como eu estimo a senhora Marta? Se ela me quer tanto!... Tem tanto cuidado em tudo quanto é meu!... faz-me todas as vontades... Como sabe que eu gosto muito de doces e de flores, gasta quase tudo quanto ganha em comprar-me uma e outra coisa! Eu não sei porque a mamãe não gosta da Sra. Marta! Nada do que ela faz lhe agrada! Está sempre a zangar-se...

EUGÊNIO - Tua mãe anda doente; é do seu estado de saúde que nasce essa impaciência.

OLÍMPIA - E anda também aflita; tenho-a visto chorar...

EUGÊNIO - Ela?! (*erguem-se*)

CENA XV  
Os mesmos e Marta

MARTA - Minha menina, venha vestir-se.

OLÍMPIA - Ai!... pois não ia-me esquecendo?...

(*Marta olha com ternura para Eugênio; Paulina que entra, surpreende esse olhar*)

CENA XVI

Os mesmos e Paulina, vestida de preto,  
com o chapéu e as luvas na mão

PAULINA (*pondo o chapéu e as luvas na mesa*) -  
Então, Olímpia! Ainda estás desse modo?

OLÍMPIA - Eu vou já, mamãe! Entretive-me a  
conversar num instante! (*sai, acompanhada por Marta*)

CENA XVII  
Eugênio e Paulina

PAULINA - Admiro a sua insistência, em  
querer que Olímpia seja servida por aquela mulher!  
(*assenta-se*)

EUGÊNIO - Admiras-te de uma coisa muito  
natural. (*assenta-se perto*)

PAULINA - Acha muito natural, que nossa  
filha tenha constantemente junto a si uma criatura, de  
cuja vida não temos o menor conhecimento?

EUGÊNIO - Não desejo contrariar-te: con-  
versaremos com Olímpia, e se não estiver satisfeita...

PAULINA - Isso não é mais do que uma eva-  
siva! Bem sabemos que Marta insinuou-se por tal  
modo no espírito dessa menina, que ela não tolera  
os serviços de mais ninguém.

EUGÊNIO - Então por que te incomodas  
com semelhante coisa?

PAULINA - E a moralidade, Eugênio?

EUGÊNIO - A moralidade?!

PAULINA - Não tens em conta alguma a pu-  
reza de nossa filha? Uma menina tão ingênua, tão  
inocente entregue à convivência de uma criada, da  
qual ignoramos os precedentes?

EUGÊNIO - Não és razoável. Conhecemos aca-  
so os precedentes e a moralidade dessas criaturas que  
mandamos buscar a bordo de uma embarcação, ou nos  
lugares indicados nos anúncios do *Jornal do Comércio*?

PAULINA - Ao menos, são mulheres que nas-  
ceram livres.

EUGÊNIO (*acrimonioso*) - E, por consequên-  
cia, moralizadas?

PAULINA - Quando não o são, o instinto e o trato da gente civilizada lhes aconselha a decência precisa para se apresentarem como tais.

EUGÊNIO (*impacientando-se*) - Paulina!

PAULINA (*irritando-se*) - Quero essa mulher fora desta casa imediatamente!

EUGÊNIO (*contendo-se*) - Porém já te fiz ver que isso seria uma crueldade! Foi para piorar a sua situação que a libertamos? Bem sabes que não tem conhecimento algum no Rio de Janeiro...

PAULINA - Não lhe faltarão casas onde se empregue.

EUGÊNIO - E Olímpia, que não a quer dispensar?

PAULINA - Fá-la-ei dispensar. Uma criança não tem vontades.

EUGÊNIO (*com firmeza*) - O que exiges é impossível... por ora.

PAULINA (*encolerizada*) - Impossível!

MATILDE - Dão licença?

EUGÊNIO (*serenando-se rapidamente e indo recebê-la*) - Oh! minha senhora!

#### CENA XVIII

Os mesmos e Matilde

MATILDE (*aperta a mão de Eugênio*) - Bom dia, meu amigo! Paulina... (*beija-a*) O que tem? Está com o rosto tão alterado! Está doente?

PAULINA - Um pouco.

MATILDE - E vai sair? Ah!... agora me lembro... hoje é dia das suas piedosas excursões! (*Paulina toma-lhe o chapéu*) A beneficência é uma bela virtude! Até presta àqueles que a praticam um certo *quê* tão *maravioso*... Já reparou, meu amigo, como Paulina está de uma beleza tão tocante, com aqueles vestidos negros?

EUGÊNIO (*olhando para Paulina com ternura*) - Se eu fosse escultor, tomá-la-ia para modelo das minhas estátuas da CARIDADE.

PAULINA (*brevemente irônica*) - E o senhor, seria a FÉ?

EUGÊNIO (*fitando-a com intenção*) - Sem dúvida!

MATILDE - Que duas sublimes *virtudes teológicas*! Para completar o grupo (*olhando*) ali vem a ESPERANÇA... (*entra Olímpia*) E como vem *faceira*! (*ergue-se*)

#### CENA XIX

Os mesmos e Olímpia, vestida de preto

OLÍMPIA - Bom dia, Sra. D. Matilde... (*Matilde beija-a na face*) Já sei que nos faz companhia às visitas dos pobres?...

MATILDE - Não, minha menina; hoje tenho de tratar de interesses que me são caros. As conveniências do céu não nos devem impedir de olhar para as coisas cá da terra, porque, segundo o preceito do Supremo Instituidor da Caridade, a *bem entendida*, deve



*princípios pelos de casa!* Diga-me uma coisa, meu amigo: durante a ausência de Paulina, a minha presença ser-lhe-á incômoda? *(Paulina põe o chapéu e calça as luvas)*

EUGÊNIO - Ao contrário, minha senhora, ela povoará a minha solidão!

MATILDE - Por tão lindas palavras, prometo-lhe abreviar a penitência, o mais que me for possível... Porém, meu Deus! O que fiz eu a Paulina?... Nem ao menos me quer olhar!

PAULINA - Desculpe-me; estou com muitas dores de cabeça!

CENA XX

Os mesmos e Pedro

PEDRO *(à porta)* - O carro já está pronto. *(sai)*

CENA XXI

Os mesmos, menos Pedro

PAULINA *(apertando a mão a Matilde)* - Até a volta! *(sai precipitadamente)*

CENA XXII

Os mesmos menos Paulina

OLÍMPIA *(aflita)* - Oh! senhores! O que tem a mamãe?! Parece que vai chorando! Papai... *(beija-lhe a mão, e aperta a de Matilde)* Até logo, Sra. D. Matilde... *(sai quase a correr)*

CENA XXIII

Eugênio e Matilde

*(Eugênio assenta-se abatido e fica silencioso alguns momentos)*

MATILDE *(assenta-se perto de Eugênio)* - Tenho conhecido que entre os meus amigos já não reina aquela deliciosa harmonia de outrora!

EUGÊNIO - É verdade, Sra. D. Matilde, ao encanto do nosso trato tão íntimo e tão ameno, sucedeu o desgosto e o constrangimento!

MATILDE - E poderei fazer alguma coisa em prol do seu sossego e da sua felicidade? Tenho-o por um esposo digno de todo o afeto e estima; por conseqüência, nada arrisco em tentar a sua reconciliação com Paulina. Quer fazer-me confiança dos seus pesares?

EUGÊNIO - Mereço a sua estima, mas a confiança que me pede, é impossível! Só lhe posso afirmar que sou muito desgraçado!

MATILDE - Adivinho nesta fase da sua vida, um drama...

EUGÊNIO - Cujas principais peripécias far-me-ia morrer de vergonha!

MATILDE *(surpresa)* - O que diz, meu amigo?

EUGÊNIO *(mortificado)* - Oh!... poupe-me! *(pequena pausa)*

MATILDE - Foi para tratar da felicidade dos meus amigos que solicitei esta conversação; não me tache, portanto, de intrometida na sua vida íntima.

EUGÊNIO - Fale, minha senhora.

MATILDE - Marta foi o pomo da discórdia lançado à ventura e à calma desta casa, não é verdade?

EUGÊNIO - Paulina odeia-a.

MATILDE - O que lhe fez ela?

EUGÊNIO - Nada; um infundado ciúme...

MATILDE (*surpresa*) - Ciúme!... de uma mulher daquela idade?!...

EUGÊNIO - Maltrata-a... Até quer expeli-la desta casa!

116 MATILDE - Expeli-la!... Isso seria muito mal feito! Não o consinta! Preciso conversar com Paulina; é mister que ela saiba, que essa a quem quer lançar fora de sua casa foi a companheira de infância de sua mãe!

EUGÊNIO (*ergue-se sobressaltado*) - Como!... A senhora sabe?...

MATILDE - A história de Marta?... Conheci-a na Bahia, donde ela é filha, e logo a reconheci quando há dois meses a encontrei. (*Eugênio assenta-se*) O infortúnio pouco a tem desfigurado.

EUGÊNIO - E ela não a reconheceu?

MATILDE - Tenho a certeza que não. Em mim ficaram bem marcados os vestígios da passagem da desgraça.

EUGÊNIO - E à Paulina?

MATILDE - Não sei o que pense a tal respeito. Corações como o de Marta nada esquecem daquilo que lhes foi caro; e ela afagou Paulina muitas vezes em seu seio. Alguma causa misteriosa a leva a fingir que não a conhece; tenho respeitado essa causa, nada revelando a Paulina. Marta é uma boa criatura, e é infeliz, como todo o ente, que, tendo a consciência do seu valor, se estorce nas agonias de uma forçada abjeção! (*pequena pausa*) Não acha uma bárbara irrisão do destino o dom do espírito e da inteligência em alguns indivíduos?

EUGÊNIO - Em certos casos, é minha senhora.

117 MATILDE - Nem se deve desenvolver e frutificar tão funestos dons em um escravo. Para que revelar-se a uma moça cativa, condenada pela sua condição aos mais grosseiros misteres, o que há de distinto e de elegante em conhecimentos e prendas, só próprias dos círculos elegantes? Marta está neste caso, foi vítima daqueles que a criaram. Educou-se com a filha de sua senhora no mesmo colégio, e aprendeu tudo quanto aquela estudou... até música e desenho! Quando a mãe de Paulina casou-se, levou-a em sua companhia, aonde era ela tratada mais como amiga do que como escrava. Teria quatorze anos, quando um caixeiro da casa, com promessas de libertá-la e ser um dia seu esposo... A pobre rapariga deixou-se iludir...

EUGÊNIO (*com mal disfarçada ansiedade*) - E... esse homem...

MATILDE - Casou-se com uma rica viúva, pouco antes de vir à luz o fruto da sua sedução.

EUGÊNIO - E ele... ainda existe?

MATILDE - Não sei, conheci-o só de nome. Mas, que grande malvado! Ah!... Devo uma grande reparação à Paulina, meu amigo!

EUGÊNIO (*surpreso*) - A senhora?!

MATILDE - Não por mim, mas por meu marido. (*espanto em Eugênio*) Vou revelar-lhe o que nunca me atreverei a dizer a Paulina, receio perder a sua afeição.

EUGÊNIO - Pelo quê?

MATILDE - Quando, logo ao começo das nossas relações, Paulina contou-me alguns fatos da sua vida, reconheci nela a vítima de uma horrível trama! Lembra-se do motivo que ocasionou a condenação de seu sogro?

EUGÊNIO (*sombrio*) - Subtração de bens aos credores.

MATILDE - Pois esses bens foram Marta e seu filhinho... uma linda criança, perfeitamente branca! O que tem?...

EUGÊNIO - Nada, minha senhora; tenha a bondade de prosseguir.

MATILDE - Pois o infeliz Torres estava inocente do crime que lhe imputaram, não os havia vendido; havia-os libertado.

EUGÊNIO (*erguendo-se*) - Libertado!... A ela?!

MATILDE (*ergue-se*) - A mesma a quem o amigo forrou há dois meses.

EUGÊNIO - É isso exato?

MATILDE - Tenho provas incontestáveis.

EUGÊNIO - Logo, eles...

MATILDE - Foram vítimas de um grande abuso... de um crime! Escute-me (*assentam-se*): a mãe de Paulina desejava ardentemente dar a liberdade à Marta. Porém, seu marido, que temia as consequências da inexperiência, concordou com os desejos de sua esposa, debaixo da condição de não ser ela instruída desse fato, senão quando se achasse já em idade proventa! Marta foi livre, e o segredo religiosamente guardado. Algum tempo depois, foi Torres obrigado a fazer ponto e por uma fatal providência, entregou a mãe e o filho, com os papéis que os restituía à sociedade, a um amigo em quem depositava grande confiança, recomendando-lhe o maior silêncio, até um prazo marcado.

EUGÊNIO - E esse amigo...

MATILDE - Inutilizou os documentos e conservou-a em um cativo, que não se tornou mais ignóbil, por ser ela uma rapariga essencialmente virtuosa. Foi nesta época que a conheci.

EUGÊNIO - E seu filho?

MATILDE - Foi-lhe arrancado dos braços e vendido aqui, para o Rio de Janeiro. A pobre mãe



quase sucumbiu ao desespero! Escapou por milagre à morte, mas... enlouqueceu! A infeliz mulher chamava a todos os momentos por seu filho, ao qual queria reunir-se no céu. *(enxuga os olhos)* Apesar de se terem passado tantos anos, não posso deixar de entristecer-me ao lembrar-me de seus sofrimentos!

EUGÊNIO - Porém... a senhora não me disse ainda o nome desse falsário... desse ladrão!...

MATILDE *(triste)* - Não lhe disse há pouco que eu devia uma grande reparação à Paulina?

EUGÊNIO - Então, o assassino da vida e da honra de Olímpio Torres... o monstro que reduziu à escravidão duas pessoas livres...

MATILDE - Foi meu marido, Sr. Eugênio...

EUGÊNIO *(ergue-se)* - Seu marido!! *(rodar de carro)*

MATILDE *(ergue-se)* - Aquele que é hoje o procurador Antônio Forbes. *(vai à janela)*

EUGÊNIO - Forbes!!

MATILDE *(volta da janela apressada)* - Paulina já!... Acalme-se, vou recebê-la. *(sai)*

#### CENA XXIV Eugênio e depois Marta

*(Eugênio passeia, procurando serenar-se, Marta aparece à porta e para receosa)*

EUGÊNIO *(apercebendo-a)* - Minha querida mãe!... *(cai-lhe aos pés)* Perdão! *(beija-lhe as mãos, a chorar)* Perdão!

MARTA *(alegre e agitada, querendo erguê-lo)* - Meu Deus!... Será isto um sonho?...

EUGÊNIO - Hei de ainda torná-la tão feliz!... *(torna a beijar-lhe as mãos. Paulina vem entrando pelo fundo e para fulminada pelo que vê)*

MARTA - E posso ser mais feliz do que sou neste momento? Ergue-te... deixe-me abraçar-te. *(Eugênio, ao erguer-se, vê Paulina, que se aproxima)*

EUGÊNIO *(estremece e recua)* - Paulina!!!

MARTA - Ah!!

#### CENA XXV Os mesmos e Paulina

PAULINA *(com a voz trêmula de cólera)* - Exigi há pouco que despedisse esta criada, agora, peço-lhe que a conserve: é a mulher que lhe convém. *(Olímpia e Matilde entram pelo fundo, no momento em que desce o pano)*

#### Fim do terceiro ato

## ATO IV

*Casa de Correção, a 7 de setembro, de manhã.*

*Sala com portas ao fundo e à direita, janelas gradeadas à esquerda; um banco. Ao levantar-se o pano, ouve-se por algum tempo cantar o tantum ergo com acompanhamento de órgão. A cena está vazia. Um guarda, de espaço a espaço, passeia pelo fundo.*

### CENA I

O Barão, Matilde e um guarda

GUARDA - O Sr. Diretor manda pedir à V. Ex<sup>a</sup>. o obséquio de esperar, até acabar-se a missa. *(cumprimenta e sai. Cessa a música)*

### CENA II

Barão e Matilde

MATILDE - Faltou-me o tempo para comunicar a V. Ex<sup>a</sup>. as circunstâncias que me obrigaram a pedir o favor da sua companhia até este lugar. Tenho

de tratar de um objeto muito melindroso com Antônio Forbes, e preciso do auxílio de V. Ex<sup>a</sup>.

BARÃO - A Sra. D. Matilde expõe-se a algum desgosto falando com semelhante homem!

MATILDE - Vou instruir o Sr. Barão de algumas particularidades que me afixam o bom êxito da minha negociação. Conversemos um pouco. *(assentam-se)* Principio dizendo a V. Ex<sup>a</sup>. que também sou muito amiga da família S. Salvador... até tenho por mim o direito da antiguidade. *(o Barão sorri-se)* O seu sorriso contesta o meu direito... *(gesto afirmativo do Barão)* Pelo quê? Por ter sido o Sr. Barão quem educou o menino Eugênio?

BARÃO - Tomei-o a meu encargo quando ele tinha apenas cinco anos.

MATILDE *(com expressão íntima)* - Pois eu, acariciei-o ainda pendente do colo de sua mãe.

BARÃO *(surpreso)* - V. Ex<sup>a</sup>.?!

MATILDE - Embalei muitas vezes em meus joelhos o filhinho de Marta.

BARÃO *(inquieto)* - Como!... V. Ex<sup>a</sup>. sabe?!...

MATILDE *(com intenção)* - Tudo, Sr. Barão!

BARÃO - E como teve conhecimento de uma coisa ignorada por todos?

MATILDE - A minha história quase que está ligada à da família S. Salvador. O pai de Paulina desceu ao túmulo desonrado por meu marido... Antônio Forbes...

BARÃO - Ele... seu marido!

MATILDE - Outrora... A mãe de Eugênio e eu choramos muitas vezes os nossos mútuos desesperos!

BARÃO - Porém, nunca notei entre V. Ex<sup>a</sup>. e Marta sinais dessas íntimas relações.

MATILDE - Ela não me reconheceu. Para todos daquela casa sou uma amiga de curta data, sendo-lhes, no entanto, bem dedicada! Impelida, pela amizade que consagro a essa família, tenho acompanhado os recentes episódios que se têm dado em sua vida. O Barão já teve notícia da ocorrência que se deu ontem de manhã na casa do Comendador?

BARÃO (*triste*) - Estive com ele ontem à noite.

MATILDE - Pois a esse fato devo eu o conhecimento da origem dos dissabores de Eugênio e de Paulina. Que cena violentíssima, Santo Deus! Paulina injuriou atrocemente à pobre mulher, sem que Eugênio a pudesse defender. Tomei o partido da desventurada mãe, que se sacrificava, para não comprometer o silêncio de seu filho, mas... não fui generosa! A consciência m'ó diz. Abusei da efusão do seu reconhecimento; interroguei-a, e a pobre Marte, ao reconhecer-me, confessou-me os laços que ligam a Eugênio. Coitada! Só sente o ter de separar-se de seu filho, deixando-o em tão dúbia posição no conceito da esposa!

BARÃO (*preocupado*) - Crê sinceramente, que ela não a tivesse reconhecido?

MATILDE - Creio. Estou tão diferente do que fui, que os meus próprios amigos, os mais íntimos, não me reconhecem hoje! V. Ex<sup>a</sup>. mesmo há de ainda convencer-se desta verdade... Tornando à nossa prática: Eugênio é filho de Marta; V. Ex<sup>a</sup>. o sabe; por consequência, (*tira uns papéis do bolso do vestido*) tenha a bondade de entregar-lhe estes papéis... sem nomear-me; não quero que se vexa em minha presença. O Sr. Barão pode lê-los.

BARÃO (*acabando de ler, muito admirado*) - A certidão da carta de liberdade de Marta!

MATILDE - Passada e registrada num cartório, por seu senhor Olímpio Torres...

BARÃO (*lendo de novo*) - Em 1827!

MATILDE - Um ano antes do nascimento de Eugênio.

BARÃO - É possível!

MATILDE - Queira ver a certidão do batismo de Eugênio, que foi extraída do livro da matriz onde foi batizado; confira as datas.

BARÃO (*lendo atentamente o outro papel*) - "Eugênio... recém-nascido... 1828..." Um ano depois da liberdade de sua mãe! (*comovido*) V. Ex<sup>a</sup>. é a Providência daqueles infelizes!

MATILDE (*sorrindo-se*) - Custou-me bem pouco a representar tão belo papel! Bastou-me atender a um desses inexplicáveis pressentimentos que às vezes temos, mandando extrair essas duas certidões de assentamentos, que eu sabia que existiam.



BARÃO - E como é possível, que ela não soubesse que era livre?

MATILDE - Nunca lh'os disseram.

BARÃO - E quem é V. Ex<sup>a</sup>. que assim está tão bem informada de tais particularidades?

MATILDE (*encarando-o melancólica*) - Nada em mim o faz lembrar de alguma época notável de sua vida? (*o Barão contempla-a, e procura recordar-se*) Pois que, Leopoldo!... nem a minha voz... nem o meu nome... lhe trazem à lembrança uma vítima da vontade paterna?...

BARÃO (*ergue-se*) - Matilde!

MATILDE (*erguendo-se*) - O coração da mulher é mais leal às recordações do seu primeiro afeto! Há muito que eu o havia reconhecido!

BARÃO (*apertando a mão de Matilde entre as suas*) - Minha adorada amiga!

MATILDE - Creio que vem gente... (*vão ao fundo e voltam*) Findou a missa. (*passam os artesãos, guardas, presos, empregados, etc.*) Infelizes! Ao menos não lhes falta o conforto da religião! (*entra Forbes conduzido por um guarda, que se retira e passeia pelo fundo*)

### CENA III

Os mesmos e Antônio Forbes

FORBES (*reconhecendo-os*) - Matilde! O Sr. Barão de Maragüipe! (*com amargura*) Vieram escarnecer da minha miséria?... Exultar com a minha desgraça?...

MATILDE - Não, senhor; o que aqui nos traz é uma questão relativa à família S. Salvador.

FORBES (*para Matilde*) - E a senhora... é também contra mim, numa situação em que me deveria valer a recordação de um passado...

MATILDE (*interrompendo-o*) - Que esqueci completamente! De mim só tem a esperar alguma consideração para com o nome que já foi meu, se aquiescer ao que lhe viemos pedir.

FORBES (*querendo pegar-lhe na mão*) - Matilde!

MATILDE (*com dignidade*) - Respeite-me, senhor!

FORBES (*ressentido e triste*) - Queiram dizer-me o fim da sua visita.

MATILDE - Antes de tratarmos disso, é mister que reflita na melindrosa posição em que se acha.

FORBES - Denunciaram-me como introdutor de moeda falsa, e como tal fui condenado... De alguns incidentes comprobativos, e do melhoramento repentino das minhas circunstâncias procedeu a minha condenação. Porém, estou inocente. Esses incidentes não passam de vagos indícios, e quanto ao meu melhoramento de circunstâncias... bastariam algumas palavras... (*sobressalto no Barão*) Tranquelize-se V. Ex<sup>a</sup>., já estou cansado de fazer mal! Basta a justiça da minha causa, para justificar-me. O tribunal da Relação há de atender à improcedência de semelhante julgamento.

MATILDE - E mesmo que seja absolvido, a sua consciência nada mais lhe diz? O mau esposo,

o falso amigo, o motor da ruína de uma família inteira, contenta-se, felicita-se só com a absolvição dos homens?!

FORBES - Senhora!

MATILDE - Diz que já está cansado de fazer mal... Pois pratique uma boa ação! Faça alguma coisa em proveito da tranquilidade do seu espírito, e da ventura daqueles que lhe devem todas as suas desgraças.

FORBES - Em que lhe posso eu ser útil?...

MATILDE - Dando um nome ao filho de Marta. (*espanto em Forbes*)

FORBES - Eu!... E de que modo?

MATILDE (*ao Barão*) - lembra-se, Sr. Barão, da queda da casa *Penafiel & Filhos* e da causa que a motivou? (*Forbes perturba-se*)

BARÃO - Sim, minha senhora; foi o ter sido emitida em sua circulação grande número de contos de réis, em valores falsificados.

MATILDE - Pois o autor desse roubo, que permaneceu até hoje desconhecido de todos, menos de mim...

BARÃO - De V. Ex<sup>a</sup>.!...

FORBES - Da senhora!...

MATILDE - Foi o próprio *gerente* dessa casa; meu marido foi seu cúmplice.

BARÃO (*indignado*) - O senhor?!

FORBES (*aterrado*) - E quem lhe revelou esse mistério?!

MATILDE - O senhor, nas expansões de sua embriaguez. Com as cartas que tem desse miserável, sobre a questão *Penafiel & Filhos*, obrigue-o a reparar a honra da mulher a quem seduziu; está viúvo, pode fazê-lo. E, apesar de um título, obtido por donativos feitos a uma nação estrangeira, será Marta quem descera até ele.

FORBES - Conheço o seu orgulho; nunca a esposará.

BARÃO - Se não quer tomar sobre si este encargo, dê-me as cartas de que lhe fala a Sra. D. Matilde.

MATILDE (*vivamente*) - Sim, dê as cartas ao Sr. Barão!

FORBES - Queimei-as.

MATILDE (*com expressão*) - Antônio Forbes, espírito maléfico e previdente, destruir provas que perdiam a um seu cúmplice?

BARÃO - Dê-me essas cartas, senhor; e quando S. Salvador tiver um nome, que não seja o da cidade onde nasceu, dou-lhe a minha palavra de honra, que nada mais terá a recear na questão de Marta.

FORBES - Juro-lhes que disse a verdade. Destruí esses papéis, porque neles estava o meu nome.

MARTA (*indignada*) - Quer então roubar um nome à filha, assim como infamou o do pai?

BARÃO - Ponha um termo às suas iniquidades, e poupe-nos o dissabor de publicar fatos que, conquanto enchessem de desgostos a Eugênio, livrariam

a sociedade de um grande criminoso. (*Forbes mostra-se comovido*)

MATILDE (*afrita*) - Dê-nos essas cartas... peço-lhas em nome de alguma coisa que ainda lhe seja sagrada no mundo!

FORBES (*encarando-a com ternura e súplica*) - Matilde! (*Matilde afasta-se com desgosto*)

BARÃO - Faça o que lhe propõe a Sra. D. Matilde, que eu lhe prometo, se estiver inocente, abreviar a reforma da sua sentença; e, no dia em que recobrar a sua liberdade, dar-lhe-ei o capital necessário para viver, em qualquer parte da Europa, de um modo mais digno, e livre das tentações da miséria. (*Forbes está muito desanimado*) Recusará a vida tranquila e honrada que lhe ofereço para o resto de seus dias?

FORBES (*tristemente*) - O que é preciso fazer para convencê-los de que já destruí essas cartas? Queimei-as... creiam: e agora façam de mim o que quiserem.

MATILDE - Oh! meu bom Deus!... Aniquiladas todas as minhas esperanças?!... Isto faz descrer da Providência!

BARÃO - Não se desespere... Se este homem quiser ouvir a voz da sua consciência...

MATILDE (*sorrindo amargamente*) - Consciência?!... Ele não a tem!

FORBES (*ao Barão*) - E julga V. Ex<sup>a</sup>. que já não tenho ouvido essa voz?

BARÃO - Por que não aproveita este ensejo, para tentar reabilitar-se?

FORBES (*tristemente*) - Para mim, já não há reabilitação possível!

BARÃO - Pode ao menos parar na horrível trilha que tem seguido. Para que negar-nos o seu adjutório num empenho tão louvável?

FORBES - O que desejam obter de mim é um impossível! Esse homem é hoje um titular.

BARÃO - O que importa isso se de um momento para outro, pode o seu título ser trocado por um número nesta mesma casa?

MATILDE - Qual, Sr. Barão! Nada o move. Há organizações assim; há corações dominados pelo egoísmo da perversidade, que nada querem fazer em proveito da virtude!

BARÃO (*severo*) - Ceda ao menos à convicção de que do mal, só mal lhe resultará!

FORBES (*com sentimento*) - Se vinte anos de punição social, que se traduz pela miséria, pelo desprezo e execração dos homens, não tivessem vingado a sociedade do opróbrio sobre ela lançado, por um dos seus membros, tê-lo-iam feito estes dias - longos séculos! - de arrependimento passados no isolamento deste muros! As palavras de V. Ex<sup>a</sup>. mostram-me um futuro de paz e de esperança na misericórdia divina, e... não posso dar o primeiro passo na senda da rege-



neração moral! Repito... Esses funestos escritos queimei-os realmente. *(o Barão olha desanimado para Matilde)*

MATILDE - Não o creia, Sr. Barão! Isto não passa de uma ignóbil comédia!

FORBES *(sentido)* - Comédia!... *(com amargura)* Com estas vestes e neste lugar?!... A senhora, cuja vida tem sido uma sequência de ações virtuosas, não pode devassar os horrorosos mistérios de uma organização propensa ao mal, e a ele conduzida por péssimos agentes! Não concebe a possibilidade da luz do céu no meio do abismo! *(dirigindo-se também ao Barão)* Porém creiam-me: quando a consciência de um delinquente percorre todos os seus arcanos e sente penetrar em si o arrependimento, a alma resgata-se à condenação eterna, e entrega-se àquele de quem a recebemos pura e boa!

#### CENA IV

Os mesmos e o guarda

GUARDA - O Sr. Diretor manda-lhe entregar isto. *(entrega-lhe um bilhete de visita dentro de uma sobre-carta não fechada)*

FORBES - V. Ex<sup>a</sup>. dá licença? *(o Barão faz-lhe um sinal de assentimento. Forbes abre a carta e lê o bilhete)* É a pessoa que me mandou este bilhete?

GUARDA - Está na sala do Sr. Diretor.

FORBES - Diga-lhe que estou às suas ordens. *(sai o guarda)*

#### CENA V

Os mesmos menos o guarda

FORBES - Se me permitem que receba uma visita...

MATILDE - E as cartas?

FORBES - Já tive o desgosto de assegurar-lhes...

MATILDE *(encolerizada)* - Oh! isto é o cúmulo de toda a indignidade!

BARÃO *(severo)* - Esquece que está em nosso poder... ou antes em poder da Lei?

FORBES *(inclina-se)* - Farei todo o possível para cumprir as ordens de V. Ex<sup>a</sup>. *(afasta-se respeitoso, para dar passagem ao Barão e Matilde, que saem pelo fundo)*

#### CENA VI

Forbes e depois o Visconde

FORBES *(passeia alguns instantes muito preocupado, o Visconde aparece a uma porta lateral e olha receoso para dentro da sala)* - Pode entrar, Sr. Visconde. *(entra o Visconde)* V. Ex<sup>a</sup>. compara esta sala com aquela onde se assentava à minha mesa, no tempo em que as suas visitas não se faziam esperar tanto?

VISCONDE - Se eu soubesse que o seu fim era pedir-me o preço de uma hospitalidade concedida a todo o bicho careta, tinha-me poupado ao enojo de aqui vir! Acha muito bonito que se saiba na minha

roda que ando a visitar presos na correção? O que pretende de mim? Diga depressa!

FORBES - Mandei-o chamar, para pedir-lhe que aproveitasse as suas relações a favor do termo da minha apelação...

VISCONDE - Estás doido?... Ora essa!... Comprometer-me a falar por você?... Expor-me aos comentários da *minha roda*, interessando-me por semelhante causa? O mais que lhe posso fazer - por filantropia - é pôr a minha bolsa à sua disposição... com as precisas restrições, já se sabe!

FORBES - Agradeço-lhe o *obséquio*; já mudei de propósito.

VISCONDE - E fez muito bem; nada temo tanto no mundo como as falsas interpretações!

FORBES (*intencional*) - E o remorso?!

VISCONDE - Não o compreendo!...

FORBES - O remorso?... Deixemo-nos de jogo inútil de palavras, Sr. Fróes de Medeiros! Encaremos francamente as nossas posições, tão solidárias e tão diferentes...

VISCONDE - Aonde quer chegar você com esse *aranzel*?

FORBES - A esta conclusão: Deus existe! A Providência o revela em seus decretos!

VISCONDE (*irônico*) - Sim!... Pois saiu-se agora com essa descoberta?!

FORBES - Descrê de Deus e da Providência?! Também eu não tinha em conta alguma estas supremas verdades! Deus era para mim uma palavra tradicional; a *consciência*, um simulacro de protesto quando queria autorizar algum ato reprovado; o *remorso*... Esse conheço-o agora! É o raio com que a Providência me fulmina, para fazer-me parar no vórtice de tantos crimes!

VISCONDE - Se quer convencer-me de todas essas coisas, veja se acha outros argumentos; porque, ou nada disso existe sobre as nossas cabeças, ou eu sou uma santa criatura! Nunca tive remorsos! Por aí não me leva aos seus fins.

FORBES (*intencional*) - E pelo instinto da segurança individual?

VISCONDE (*inquieto*) - Como?...

FORBES - Quis falar-lhe à alma... Homens que calcam aos pés os mais santos deveres, não a têm! As sacrílegas palavras que acaba de proferir assaz o provam.

VISCONDE - Ora... Basta de histórias!... diga o que quer!

FORBES - Há trinta e cinco anos que a sua incontinência abandonou no mundo dois infelizes em bem tristes condições! Uma mãe sem esposo e um filho sem pai.

VISCONDE (*cínico*) - São coisas tão comezinhas!... Por isso não há de a sociedade *excomungar-me* com os seus anátemas! Tenho muitos imitadores.

FORBES (*solene*) - O que - para honra da humanidade - não tem muitos exemplos, é o fato de um pai, renegando o filho a quem gerara, roubar-lhe impiamente a liberdade que não soube dar-lhe, exigindo a sua venda...

VISCONDE (*assustado*) - Cale-se!... Cale-se com os... Se quer alguma coisa...

FORBES - O senhor fez da minha má índole, o instrumento de todas as suas paixões! Arrastou-me ao charco de todas as impurezas morais, aonde deixei bens, felicidade e honra! Levando-me a servi-lo em seus detestáveis cálculos pratiquei...

VISCONDE (*cínico*) - Deixe-se de exagerar algumas travessuras de rapaz!

FORBES (*indignado*) - Travessuras! Chama *travessura* o termos desonrado um homem virtuoso, roubando a liberdade de dois entes, que nos deviam ser sagrados por todos os princípios?

VISCONDE (*um pouco embaraçado*) - Sim... sim... conheço que não tenho um passado muito puro!... Porém, deve-se desculpar as inconseqüências da mocidade!

FORBES - Pois a consequência dessas *inconseqüências* é a reclamação do seu nome que lhe faz hoje Eugênio S. Salvador...

VISCONDE (*surpreso*) - O quê?!... S. Salvador!... Pois ele... é meu filho?!

FORBES - E de Marta, que exige a promessa que lhe foi feita há trinta e cinco anos.

VISCONDE - Que exige!... essa agora... é galante! Eu casado com... (*riso*) Ah!... ah!... ah!... não está má a pilhéria!

FORBES (*estupefato*) - Pilhéria?!

VISCONDE - Pois não! Admitindo mesmo que exista a tal paternidade, julga que eu hei de, por um tolo escrúpulo, desonrar o meu título dando-o a uma *liberta*?... Outro ofício, meu caro! Quem lhe encomendou o sermão que lho pague!... E eu aqui a perder o meu tempo... Enfim!... sempre lucrei alguma coisa! Fiquei sabendo que esse tal S. Salvador, tão pretensioso e tão bajulado, nada mais é do que um miserável bastardo, filho...

FORBES (*exaltando-se*) - De um falsário! De um ladrão!

VISCONDE (*indo para Forbes*) - Insolente!

FORBES (*acalmado-se*) - Assoa-lhe também esta horrível verdade, Sr. Visconde de Medeiros! Para abater um caráter elevado e sobranceiro às ridículas pretensões da estupidez, patenteie a todos o segredo do filho do ex-gerente da casa *Penafiel & Filhos*!

VISCONDE - Oh! *Senhores*! E ele só a falar em coisas de que já ninguém se lembra!...

FORBES - De que ninguém se lembra?! Os fatos que acabo de apontar foram há pouco aqui rememorados.



VISCONDE (*inquieta*) - Aqui?!

FORBES - O passado que se esquece, é só o bom, porque recorda feitos dignos e meritórios! O mau que inspira sentimentos de ódio e desprezo, e que imprime na fronte de um miserável o estigma da degradação, esse nunca se olvida! Pesa sempre sobre o orgulho do homem, até à sua última queda! As cartas que me escreveu sobre o negócio *Penafiel & Filhos*, (*sobressalto no Visconde*) param nas mãos do Barão de Maragugipe!

VISCONDE - O que diz?! Pois essas malditas cartas... Sr. Forbes!... não brinque... Não fale em coisas que muito o podem prejudicar! Acabemos com esta embrulhada; já lhe disse, fale franco, e deixe-se de invenções! Essas cartas não existem... o senhor mesmo m'o afirmou.

FORBES - Menti-lhe... Existem, e acabo de entregá-las ao Barão, pela minha liberdade e pelo meu futuro.

VISCONDE (*com desprezo*) - Vendeu-as?

FORBES (*calmo*) - Troquei-as.

VISCONDE - E para que quer o Barão esses papéis? O que intenta fazer com eles?...

FORBES (*imperioso*) - Obrigá-lo a dar a seu filho o nome a que tem direito. E só quando o Sr. Visconde de Medeiros tiver cumprido um dos mais sagrados deveres da natureza, ser-lhe-á restituída a correspondência do *gerente Fróes*. (*o Visconde passeia desorientado*) O Barão quer hoje mesmo uma resposta.

VISCONDE - Isto não passa de uma trama, arranjada entre você, e os amigos desse S. Salvador! A correspondência foi queimada! Disse-me e eu o acredito, porque o seu conteúdo o comprometia. Se ela aparecesse, perder-se-ia comigo.

FORBES - Sim!... mas, far-se-ia... e far-se-á justiça!

VISCONDE - Mas, homem... isto é um contra-senso! Bem vê, que não posso fazer o que se exige de mim!... Ora, diga-me cá: como me receberiam na *minha roda*, depois de tão disparatado enlace? É preciso não ter o juízo no seu lugar, para admitir-se a possibilidade de semelhante casamento! (*passeia desesperado*) Não posso! Dê no que der, não descerei até Marta!

FORBES (*com força*) - Será ela quem desça até o falsário Medeiros!

VISCONDE (*furioso e concentrado*) - Eu lhes mostrarei quem sobe ou quem desce! Tenho prestígio, tenho amigos... tenho dinheiro!

FORBES (*com autoridade*) - Acima de tudo isso, está a LEI e a JUSTIÇA!

VISCONDE (*sarcástico*) - A Justiça dos homens também se compra!

FORBES (*com força*) - Sim! Mas acima dos homens está a onipotência de Deus!

(*cai logo o pano*)

Fim do quarto ato

## ATO V

### CENA I

Eugênio assentado, Marta entrando

MARTA - Já estiveste com Paulina?

140 EUGÊNIO (*desanimado*) - Não tive valor para procurá-la. (*ergue-se*)

MARTA - Meu pobre filho! Sê forte, não desanimes.

EUGÊNIO - O lance é tremendo! Apresentar-me ante Paulina, na aviltante condição de um escravo... escravo!... eu, filho de uma escrava?! Oh! não! não posso!

MARTA (*com amargura*) - Eugênio!

EUGÊNIO (*beija-lhe a mão*) - Perdão!

MARTA (*triste*) - Só para uma mãe todos os sacrifícios são possíveis! Sei o que me cumpre fazer para a tua felicidade. Levada pelo egoísmo da minha ternura, esqueci o mal que a minha presença...

### CENA II

Os mesmos e Paulina

(*Paulina, que vem entrando tristemente, ao ver os dois, quer retroceder*)

EUGÊNIO (*adiantando-se para ela*) - Paulina! peço-te que me escutes! (*Paulina encara-o com frieza*)

MARTA (*à Paulina*) - Antes de deixar para sempre esta casa...

EUGÊNIO - Deixar esta casa!

MARTA - Sim, e praza a Deus, que com a minha ausência, volte a ela a paz e a felicidade que gozavam antes da minha funesta aparição!

141 PAULINA (*com desdenhosa ironia*) - Era então este, o expediente que combinavam para... Julgam-me pois tão néscia, que dê crédito a tão grosseiro subterfúgio? Se alguém deve deixar esta casa, sou eu.

EUGÊNIO - O que dizes?

PAULINA - Amanhã retirar-me-ei com minha filha, para a casa do amigo, que me ofereceu o seu amparo para o momento da adversidade.

EUGÊNIO (*com autoridade*) - Saírem daqui?... Isso nunca!

PAULINA (*com firmeza*) - É o que me compete fazer, depois de tão repugnante abuso!

EUGÊNIO - Não houve abuso... houve fatalidade...

PAULINA - Fatalidade! Foi a fatalidade, que o obrigou a conspurcar a santidade do lar doméstico, com a presença da sua antiga amante?

EUGÊNIO (*encarando-a*) - Paulina!

MARTA - Jesus!

PAULINA - Foi ainda a fatalidade, que o levou a reatar laços criminosos, com uma vil escrava?...  
(*gesto de angústia em Marta*)

EUGÊNIO - Senhora!...

PAULINA - Calcando todo o respeito às conveniências de pai e de esposo, trazer para o seio de sua família, uma criatura indigna e viciosa?

EUGÊNIO (*severo*) - Basta, senhora! Nem mais uma palavra de insulto!

PAULINA (*dolorosamente ressentida*) - Ameaças!

EUGÊNIO (*grave*) - Não ameço; peço-lhe... ordeno-lhe mesmo!... que respeite...

PAULINA (*com explosão de cólera e desprezo*) - À... sua amasia?...

EUGÊNIO (*apresentando-lhe Marta*) - A... minha mãe! (*vem entrando o Barão*)

PAULINA (*aterrada*) - Sua mãe!!

MARTA (*para Eugênio*) - O que fizeste?!

### CENA III

Os mesmos e o Barão

BARÃO - O seu dever! Muito bem, meu filho! (*aperta a mão de Eugênio. Vai para junto de Paulina*) Ânimo!

PAULINA (*à meia voz, ao Barão*) - É então verdade?... (*Eugênio e Marta falam entre si, olhando para Paulina*)

BARÃO - É.

PAULINA (*mortificada*) - Oh!...

BARÃO - É uma revelação, que há muito seu marido lhe devia ter feito; o receio de desgostá-la o reteve. Agora, que sabe o segredo que se lhe ocultava, mostre-se mulher superior, pelo sentimento e pela inteligência! Vá para o seu gabinete, e procure tranquilizar-se. Daqui a pouco, lá estarei para conversarmos.

PAULINA (*caminhando vagarosamente*) - Meu Deus!... O que hei de fazer?...

BARÃO (*acompanhando-a*) - Cumprir a sublime missão da mulher: amar e esquecer. (*sai Paulina*)

### CENA IV

Os mesmos, menos Paulina

BARÃO - Coragem, Eugênio! Tens a sorte por ti! Pouco te empenhaste na luta, porém... venceste!

EUGÊNIO - Consumou-se a minha desgraça! A afeição de Paulina não resistirá ao abalo do golpe descarregado no seu amor próprio! Vai talvez desprezar-me... odiar-me!

BARÃO - A esposa amante e dedicada não põe limites à sua abnegação. Vai relatar-lhe toda a verdade da tua vida. Dize-lhe que eu, que te recebi à tua entrada no mundo moral, me ufano de chamar-te meu filho, e meu amigo!



EUGÊNIO (*comovido, beijando-lhe a mão*) - Meu pai!

MARTA (*beijando-lhe também a mão*) - Homem generoso!... Não bastava ao pobre órfão dever-lhe tudo quanto é no mundo, ainda mais esta paternal estima, que tão orgulhoso o deve tornar!

BARÃO (*muito enternecido*) - Sim! Paguem o meu afeto na única moeda grata à minha alma: com a efusão de um sincero reconhecimento! Tens sido bem culpado para com tua mãe, Eugênio! Pede-lhe perdão das tuas culpas.

EUGÊNIO - Oh!... ela há de perdoar-me!... (*quer beijar-lhe as mãos*)

MARTA (*puxando-o para si e abraçando-o*) - Perdoa-me tu o teu fatal destino! (*ficam alguns instantes abraçados. O Barão contempla-os e busca esconder-lhes as lágrimas*)

EUGÊNIO (*beijando as mãos de Marta*) - Meu Deus!... Como sou feliz!... sim... muito... muito feliz!

MARTA (*enxugando as lágrimas*) - E eu?... Graças, Senhor! Mandais-me o perdão dos meus erros, na ternura de meu filho!

BARÃO - Basta de comoções. Vá para perto de Paulina, advogar a causa de seu filho.

MARTA - E o que lhe poderei dizer?

BARÃO - O que lhe aconselhar a sensibilidade. A mulher possui a eloquência do sentimento, que convence o espírito e o coração. Pouco lhe custará a apagar o lampejo do amor próprio ofendido!

MARTA - Que a Virgem Mãe me inspire! (*sai, Eugênio e o Barão acompanham-na até à porta*)

## CENA V Eugênio e o Barão

(*entra um criado trazendo duas serpentinas com velas acesas, põe-nas sobre as mesas e retira-se*)

BARÃO - Eugênio! Olha para mim!... para os meus olhos! O que vês neles?...

EUGÊNIO - Lágrimas!

BARÃO - De júbilo... de felicidade! Deixa-me abraçar-te! (*abraça-o*)

EUGÊNIO (*muito maravilhado*) - Meu amigo!... O que há?

BARÃO - Lê isto; (*dá-lhe as duas certidões*) atente às datas.

EUGÊNIO (*lê e confronta os papéis com grande ansiedade*) - Barão!... Isto... não é um meio de que se lembrou para aplacar o ressentimento de Paulina?

BARÃO - Não; são verdadeiras.

EUGÊNIO (*alegre*) - Então eu... eu nunca fui... Paulina!... Paulina!... (*querendo sair*)

BARÃO (*detendo-o*) - Espera: guarda esses papéis e lê também esta carta. (*Eugênio guarda os papéis e toma a carta que o Barão lhe dá*) É de teu pai... pede-me a mão de tua mãe.

EUGÊNIO (*vai apressado ver a assinatura*) - O Visconde! (*lê com ansiedade*) Oh!... é muito! (*cai quase*

*desfalecido sobre uma cadeira, deixando cair a carta que o Barão apanha)*

BARÃO - Então, meu filho! Sucumbes à ventura?

#### CENA VI

Os mesmos e Marta

MARTA (*entra alegre*) - Eugênio... (*aterrada*) Jesus!... o que tens?...

EUGÊNIO (*beijando-lhe a mão*) - Nada, minha mãe... É um protesto da matéria contra o orgulho da fraqueza humana!

146 BARÃO - Vem um pouco para teu quarto; teu espírito precisa de repouso. (*Eugênio ergue-se e encaminha-se. O Barão dá a carta a Marta*) Habilite-me a responder a esta carta. (*sai com Eugênio*)

#### CENA VII

Marta e depois Matilde

(*surdina. Marta lê com visível comoção a carta do Visconde, finda a leitura, assenta-se e chora copiosamente. Matilde vem entrando. Cessa a surdina*)

MARTA (*ergue-se e eleva as mãos ao céu*) - Como Deus é clemente e bom!

MATILDE - E justo, Marta!

MARTA (*ainda a chorar*) - E a senhora, é um dos seus anjos! (*abraça-a*)

MATILDE (*comovida*) - Pobre amiga! (*afastam-se ao ver Olímpia, que vem entrando*)

#### CENA VIII

As mesmas e Olímpia

OLÍMPIA - Felizmente encontro aqui a Sra. D. Matilde! Vai explicar-me o que há hoje nesta casa de extraordinário!

MATILDE - Nada que eu saiba, a não ser uma bela reunião, da qual será a menina o mais mimoso ornamento!

OLÍMPIA (*triste*) - Ora... a senhora está sempre a agradecer! É por causa dessa reunião que mamãe está encerrada desde ontem no seu gabinete, e papai...

MATILDE - Tratam dos seus preparos... a propósito: tenho um favor a pedir-lhe: faz-m'ó?

OLÍMPIA - Pois não!... Diga depressa o que é.

147 MATILDE (*sorrindo-se*) - Saiba que, apesar de estar velha e feia, tenho minhas veleidades de apresentar-me hoje moça e bonita... (*movimento involuntário de dúvida em Olímpia*) Acha isso impossível?... Também eu. É mesmo um milagre! E será a menina quem o realizará.

OLÍMPIA (*amavelmente*) - E sem me custar muito!

MATILDE (*tocando-lhe na face*) - Veremos isso, senhora lisonjeira!... Mandei trazer para aqui a minha *fatiota* dos dias dúplices e confio-lhe o meu toucador.

OLÍMPIA - Com muito gosto!

MATILDE - É preciso também ir enfeitar-se! Quero vê-la um objeto de maledicência para as suas amigas!

OLÍMPIA (*sorrindo-se*) - Esquece-se que a senhora é a primeira entre elas?

MATILDE - Oh!... eu sou oitos e nozes fora do baralho!

OLÍMPIA - Vamos, Sra. Marta? (*repara em Marta que a contempla muito comovida*) Oh!... porque me olha quase a chorar?

MARTA (*beijando-lhe a mão*) - Por vê-la tão linda... tão pura! (*acompanha Olímpia. Matilde vai segui-las, mas para ao ver o Barão que entra*)

CENA IX  
Barão e Matilde

BARÃO (*aperta a mão de Matilde*) - V. Ex<sup>a</sup>. já sabe que o Forbes cumpriu a sua promessa? (*surpresa em Matilde*) O Visconde propôs-me o seu casamento com a mãe de Eugênio.

MATILDE (*satisfeita*) - Deus me perdoe! Sempre duvidei do seu arrependimento!

BARÃO - Era sincero... Agora, creio na sua reabilitação. Pela minha parte cumprirei o que lhe prometi esta manhã, e possa ele encontrar na Europa, onde não o conhecem, o olvido do seu nome e a paz do seu espírito.

MATILDE - E Paulina?

BARÃO - Sabe de tudo, e... chora.

MATILDE - Vou para perto dela. (*sai*)

CENA X  
O Barão e depois Pedro

BARÃO (*toca no tímpano e assenta-se; aparece Pedro*) - Peça à Sra. Marta que venha falar-me. (*sai Pedro*)

CENA XI  
O Barão e Eugênio

EUGÊNIO (*chega à porta e olha; vendo o Barão, dirige-se a ele*) - Assegura-me pela sua honra que aquelas certidões?...

BARÃO - Juro-te!

EUGÊNIO - Basta! É que uma felicidade assim tão inesperada...

BARÃO - Ainda duvidas da justiça de Deus?...

EUGÊNIO (*comovido*) - Meu amigo!

BARÃO - Vai te vestir. (*olha o relógio*) São perto de 7 horas, e tens de receber os teus amigos e convidados.

EUGÊNIO - Festas e visitas! Apresentar-me prazenteiro e jubiloso, tendo o espírito cheio de receios e incertezas!... Oh!... A vida não passa de uma mascarada!



BARÃO - Exigências de posição, meu caro! E nem serás tu o único que se apresente em *holocausto* a elas! (*sai Eugênio*)

CENA XII  
Barão e Marta

(*o Barão assenta-se e fica pensativo até à entrada de Marta*)

MARTA - Mandou-me chamar, Sr. Barão? (*o Barão ergue-se*)

BARÃO - O que devo responder à carta do Visconde?

MARTA - O mesmo que meu filho responderia: Eugênio é órfão.

BARÃO - Aprecio a nobreza da sua resposta. Mas pondere que com um nome ilustrado por um título, que faria calar qualquer murmuração, oferece o Visconde a Eugênio considerável aumento de capitais.

MARTA - Vale mais a mediania, a pobreza mesmo, honrada, do que a opulência adquirida por meios reprovados pelas leis e pela moral! A origem da riqueza desse homem não me é desconhecida.

BARÃO - Não seria conveniente consultarmos Eugênio, antes de mandar a sua resposta?

MARTA - Meu filho não há de querer trocar um nome nobilitado pelos seus atos por outro que só opróbrio lhe trará.

BARÃO - Mas qual será (*entra Pedro*) a sua posição na casa de seu filho?...

CENA XIII  
Os mesmos e Pedro

PEDRO (*ao Barão*) - O guarda-livros do Sr. Visconde de Medeiros pede com urgência para falar a V. Ex<sup>a</sup>.

BARÃO - Faça-o entrar para a ante-sala. (*sai Pedro*)

CENA XIV  
Barão e Marta

BARÃO - O Visconde quer a resposta da sua carta.

MARTA - Recuso - por mim... e por meu filho.

BARÃO - A sua resposta é definitiva?

MARTA - Definitiva, Sr. Barão.

CENA XV  
Os mesmos e Matilde

MATILDE (*ao Barão, que vai ao seu encontro*) - O que diz ela?

BARÃO - Recusa.

MATILDE (*surpresa*) - Recusa! (*à Marta*) Pois recusa uma posição para si e um nome para seu filho?!

MARTA - Prefiro a obscuridade à ignomínia.

MATILDE (*com brandura*) - Não haverá algum excesso de orgulho na sua susceptibilidade?

MARTA - Não, minha senhora; há só o propósito de não querer que meu filho renegue a probidade do seu presente e do seu futuro, por um passado infamante.

BARÃO - Vou mandar a sua resposta. (*sai*)

CENA XVI  
Marta e Matilde

MATILDE - Julguei fazer alguma coisa pelos meus amigos... fui infeliz na minha ideia. Não conhecia ainda toda a elevação da sua alma!

MARTA - Perdoe-me, minha boa senhora!...

MATILDE - O quê?!... O não ter querido reparar a falta da inexperiência, contraindo uma aliança indigna de si?... Não a censuro por isso. A sua recusa não é muito natural, mas é louvável. Eu a respeito.

CENA XVII  
Os mesmos e Eugênio

EUGÊNIO - Boa noite, Sra. D. Matilde! (*aperta-lhe a mão, à meia voz a Marta*) E Paulina?... Ama-me sempre?...

MARTA - É esposa e mãe.

EUGÊNIO (*transportado*) - Agora, sim! Tenho fé na clemência do céu!

MARTA (*apontando para Paulina que vem entrando*) - Eis ali o íris do perdão! (*toma a mão de Paulina e a conduz para junto de Eugênio*)

CENA XVIII  
Os mesmos e Paulina

PAULINA (*estendendo a mão a Eugênio*) - Perdoas-me?

EUGÊNIO (*beijando-lhe a mão, com ternura*) - A minha felicidade... minha adorada Paulina?!... (*olha para toda a sala*) E Olímpia?... (*Matilde sai sem ser notada. O Barão entra perturbado*)

CENA XIX  
Eugênio, Barão, Marta e Paulina

PAULINA (*ao Barão*) - Amei e esqueci!

BARÃO (*à meia voz indicando Marta*) - E aquela mártir?

PAULINA (*aproximando-se de Marta*) - Quer abençoar a sua filha?...

MARTA (*abraçando-a*) - O céu te recompense pela ventura que me dás neste momento!

CENA XX  
Os mesmos, Matilde trazendo Olímpia pela mão

EUGÊNIO (*para Marta*) - E agora é feliz?

MARTA - O que mais posso ambicionar? (*pega nas mãos de Eugênio e de Paulina*) Deus! E meus filhos?

OLÍMPIA (*muito admirada*) - O que querem dizer aquelas palavras, Sra. D. Matilde?

MATILDE (*alto*) - Querem dizer, minha menina, que desta vez não foi Maria, foi Marta quem escolheu a melhor parte! Vá abraçar o seu papai! (*Olímpia vai para junto de Eugênio, que a afaga e a apresenta a Marta, Matilde dirige-se ao Barão*) O que tem meu amigo?

BARÃO - O Visconde partiu esta tarde, no Paquete, para o Rio da Prata!

MATILDE (*surpresa*) - Fugiu!!!...

BARÃO (*indignado*) - A carta foi apenas um ardil para ganhar tempo.

MATILDE - E ficaram impunes tanta maldade e tantos crimes?!

BARÃO (*sentencioso*) - Não, minha senhora! Para onde quer que vá o criminoso, vão também com ele a consciência da culpa, e as tribulações do remorso!... Ainda que a impunidade social pareça protegê-lo, a alma do criminoso, despojada da luz do céu, já não pode gozar o menor sossego na terra. Ela vê que ao descer do mundo, lá a espera, implacável, no altar supremo da verdade, a condenação divina. (*solene*) Eis aqui a diferença: enquanto Antônio Forbes, castigado, busca remir-se pelo arrependimento, enquanto o Visconde de Medeiros afronta a sociedade com um novo crime, fugindo à reprovação da

moral e da justiça; aqui, ao lado da virtude, que se enobrece pelo martírio e pela fé, contempla-se nos benéficos laços da família, e no santo amor de mãe: O QUADRO DA VERDADEIRA FELICIDADE! (*rompe fora o bino da Independência*)

(*Abrem-se as portas da sala do fundo, a qual deve estar esplendidamente preparada e cai o pano no momento em que os personagens da cena se dirigem para o salão principal, que está cheio de cavalheiros e senhoras, todos em traje de gala*)

### Fim do quinto e último ato





*Um Dia na Opulência*  
COMÉDIA ORIGINAL EM DOIS ATOS

## Personagens

BARÃO DA ENGENHOCA, fidalgo como há muitos, 45 anos

CÔNEGO SILVA, amigo como há poucos, 55 anos

JUVENAL, tipo da educação moderna, 22 anos

HONÓRIO DE SÁ, cabeça governada pelo coração, 26 anos

PIRAMO, 28 anos

HORÁCIO, acessórios de salão, 24 anos

CARLOS, 20 anos

LUIZ CORRÊA, cabrion de muita gente boa, 35 anos

CÉSAR, calcanhar dos Aquiles pobres, 30 anos

NICOLAU, cêrbero de casa rica, 40 anos

BARONESA DA ENGENHOCA, recordações da mocidades, 44 anos

CORDOLINDA, poeira dos romances, 20 anos

GUILHERMINA, original de poucas cópias, 28 anos

MARIANA, criada mal paga, 30 anos

MIQUELINA, traste de certas ante-câmaras, 50 anos

ANINHAS, lavadeira (do Porto), 30 anos

MARIA JOAQUINA, engomadeira, 25 anos

UMA MODISTA, cartão de sorrisos e medidas, 24 anos

Um procurador, dois oficiais de justiça, homens e senhoras convidados do Barão.

## Ação

Rio de Janeiro

## Época

1865

## ATO I

*Sala com duas portas a cada lado e janelas ao fundo. Dois canapés, banquinhos e pequenas mesas com as competentes campainhas. Ao meio da sala mesa com álbuns, livros, escrivaninha, pasta de desenho, caixas de tintas, guarda-cartões, grupos de bronze, biscuit, etc. Piano, harpa, estante de música, um bastidor com tapeçaria começada, caixa de costura, quadros, poltronas, etc. São 11 horas da manhã.*

159

### CENA I

A Baronesa assentada no canapé à direita,  
e o Barão entrando pela direita alta

BARÃO (*indo sentar-se à esquerda*) - Bom dia minha querida! (*toca a campainha*)

BARONESA (*tocando a campainha*) - Passou bem a noite, Barão?

BARÃO - Um pouco incomodado do meu reumatismo.

BARONESA - Bastante atacada do meu nervoso.

BARÃO - Tenho precisão de passar algum tempo em Petrópolis.

BARONESA - E eu tenciono ir aos banhos para o próximo mês.

## CENA II

Os mesmos, César e Mariana  
pela direita e esquerda do fundo

BARÃO (*a César*) - O café e os jornais.

BARONESA (*a Mariana*) - O chocolate e o pão de ló.

(*saem os criados pela direita e esquerda ao fundo*)

## CENA III

O Barão e a Baronesa

BARÃO (*bocejando*) - O que pretende fazer hoje, minha boa amiga?

BARONESA (*displícite*) - Ainda não sei; conforme o humor em que me achar depois do jantar: e V. Ex.<sup>a</sup>?

BARÃO - Verei o que me aconselha o espírito depois de uma visita que tenho de fazer ao ministro do império.

BARONESA (*bocejando*) - Ah!... que dias tão longos e tão aborrecidos!

BARÃO - Vão hoje provavelmente ao *Lírico*?

BARONESA (*com estranheza*) - Aonde tem a cabeça, Barão? Pois hoje não é o dia de recepção da nossa filha?

BARÃO - Vou mandar ordem para vender-se o camarote...

BARONESA (*indignada*) - Vender o camarote?!... que ridícula lembrança! Vender-se o camarote a alguma gente de pouco mais ou nada para dizerem logo: - olha o Barão da Engenhoca que vendeu o camarote!

BARÃO (*irônico, rindo-se*) - Grande desdouro para o brasão dos Engenhocas!

BARONESA (*inquieta*) - Pelo amor de Deus, Exm.<sup>o</sup>!... Faça a mercê de não falar assim perto de nossos filhos!

BARÃO (*irônico*) - Teme o comprometimento das suas funções materno-preceptorias?...

BARONESA (*grave*) - Sim, senhor! Uma boa mãe é responsável perante a sociedade pelos bons princípios de seus filhos. E depois ... *noblesse oblige*.

BARÃO (*irônico*) - Oh!

## CENA IV

Os mesmos, César com diversos jornais e uma xícara de café em salva de prata, e Mariana com um pequeno serviço (*tête à tête*) de porcelana, trazendo chocolate e um pão de ló.

CÉSAR (*pondo os objetos sobre a mesa*) - O café e os jornais.



MARIANA (*contendo o riso a custo*) - O chocolate e o pão de ló. (*põe o aparelho sobre a mesa*)

BARONESA (*a Mariana*) - Vá renovar as flores do meu tocador.

BARÃO (*a César*) - Vá preparar-me o escritório. (*saem os criados pela direita e esquerda alta*)

#### CENA V

#### O Barão e a Baronesa

BARONESA - O Barão já teve ciência do insulto que sofremos?

BARÃO (*inquieto*) - De quem? de algum dos nossos...

BARONESA (*vivamente*) - Não! Foi um *audaces* que teve o arrojo de endereçar uma epístola a *Linda* solicitando a sua autorização para pedi-la em casamento!

BARÃO - Não sei qual seja o arrojo: não a reservamos para freira...

BARONESA (*irritada*) - É um atrevimento inaudito! Um monstruoso abuso sem exemplo nos anais das preclaras cronologias!

BARÃO (*friamente*) - Quem é ele?... É rico?

BARONESA - E que nos importa a sua riqueza? Deixa ele por ser rico de ser filho de um desprezível? (*enojada, cuspiendo fora*) Puh!... que horror!

BARÃO (*ergue-se admirado*) - A senhora assusta-me! Quem é ele, em suma?...

BARONESA (*com asco*) É o Honório de Sá...

BARÃO - O Honório de Sá? (*maravilhado*) E a senhora acha inconveniente uma tal pretensão?

BARONESA (*erguendo-se, altiva e desdenhosa*) - Sr. Barão da Engenhoca! Coro por V. Ex<sup>a</sup>.! (*O Barão encolhe os ombros, assenta-se e lê o jornal*) - Em que época vivemos, Senhor meu Deus? Que imoralidade!... que corrupção de costumes! (*passa muito agitada*) Oh! século de pensamentos rotineiros! Oh! tempos de execração para as vindouras e pretéritas gerações!... Se as sepulturas se escancarassem e delas surgissem os pálidos fantasmas das conspiradas gerações...

BARÃO (*secamente*) - A senhora perturba-me a leitura com as suas gerações.

BARONESA (*irritada*) - Pois não leia. (*arranca-lhe o jornal e o lança ao chão*)

BARÃO (*erguendo-se zangado*) - Senhora! Está doida?

BARONESA - Estou furiosa! E ainda mais me desespero por ver que V. Ex<sup>a</sup>. não se enfurece comigo pelo insólito atropelamento que acabam de sofrer os direitos e as imunidades da nossa aristocracia!

BARÃO (*flegmático e apanhando o jornal*) - Se quisesse fazer-me o favor de explicar a causa de tal exacerbação...

BARONESA (*indignada*) - Pois não! um plebeu... um filho de tal pai atrever-se a erguer o pensamento à oriunda de um nobre titular. (*o Barão lê*) A

pobre criança teve tão grande choque de dor e de vergonha, que foi logo acometida dos seus espasmos nervosos!

BARÃO (*secamente*) - Acho tais susceptibilidades bem extravagantes! O caso é simples: serve ou não serve o pretendente?

BARONESA - Extravagante acho eu a sua pergunta. (*senta-se zangada*)

BARÃO (*ergue-se impaciente e alterando a voz*) - Serve ou não serve o pretendente?

BARONESA (*ergue-se gritando*) - Não! não! mil vezes não! Antes quero vê-la morta do que casada com o filho de um...

BARÃO (*atalhando-a*) - Homem honrado... Devolva-lhe simplesmente a epístola.

BARONESA - Simplesmente? E o insulto da pretensão?

BARÃO (*fitando-a*) - O insulto? Esse fica entre nós; não é preciso que se divulgue a parvoíce da sua recusa.

BARONESA (*furiosa*) - O senhor estará?...

BARÃO (*friamente*) - Agora não... (*intencional*) Estive quando pensei em ligar-me à sua pessoa.

BARONESA (*desdenhosa*) - Não o compreendo. Acabo agora de crer que o Sr. Barão não tem sangue nem brios de fidalgo.

BARÃO - O que eu nunca tive foi juízo e energia de vontade! (*impaciente*) Acabemos com esta

ridícula discussão! Muito bem sabe o quanto me aborrecem os seus desconchavos!

BARONESA (*lacrimosa*) - Manoel!... Até quando queres-me sacrificar à tua prepotência? (*chora e soluça*)

BARÃO (*suspirando*) - Os velhos provérbios não falham! "Ninguém as calça que não as enxovalhe" (*Passeia muito aborrecido, a Baronesa continua a chorar*) O episódio já vai longo: não chore mais que ali vem a sua aia. (*assenta-se e lê o jornal, a Baronesa serena-se repentinamente*)

#### CENA VI

Os mesmos e Mariana pela esquerda do fundo.

MARIANA - O cabelereiro da Sra. Baronesa acaba de entrar no tualéto.

BARONESA - Trouxe-me os novos penteados?

MARIANA - Sim, Sra. Baronesa... (*intencional*) e a conta do mês que acaba hoje.

BARONESA - E as perfumarias do laboratório das essências puras?

MARIANA - Vieram, sim, Sra. Baronesa - e a conta.

BARONESA - Idiota! E os chapéus da casa Lacarrière?

MARIANA - Também vieram, Sra. Baronesa - e a conta.

BARONESA - Ontem mandei ordem à *Notre Dame* que mandassem-me *rotondes* e *manteletes*.



MARIANA - Veio um *monsieur* com eles, mas como eu lhe disse que a Sra. Baronesa ainda esta invisível, tornou a levá-los, dizendo que os traria mais tarde.

BARONESA (*contrariada*) - Forte estúpida! A Dazon não mandou-me o vestido de *moirè*?

MARIANA - Não veio vestido nenhum, Sra. Baronesa.

BARONESA (*erguendo-se*) - Não veio?!... E os braceletes da casa do Moutinho também não vieram?

MARIANA - Que eu saiba, não, Sra. Baronesa.

BARONESA (*batendo o pé enraivecida*) - Mau! O dia começa-me por contrariedades e desgostos! Vá perfumar a água do jarro do meu lavatório. (*Mariana sai pela esquerda alta, e César entra pela direita do fundo*) Dê-me licença, Barão, vou tocar-me (*sai pela esquerda alta*)

## CENA VII

## O Barão e César

CÉSAR - O barbeiro do Sr. Barão espera a S. Ex<sup>a</sup>. no seu gabinete.

BARÃO - O Raunier mandou-me a calça e a casaca?

CÉSAR - Mandou, sim Sr. Barão.

BARÃO - E o meu *Pinaud*?

CÉSAR - Está na aposentadoria de V. Ex<sup>a</sup>.

BARÃO - E... não me trouxeram da casa do Farani uma abotoadura de brilhantes?

CÉSAR - O caixeiro que a trouxe espera a V. Ex<sup>a</sup>. na primeira ante-sala; (*o Barão ergue-se*) diz que traz ordem de não deixar os brilhantes sem levar a importância...

BARÃO - Insolente! - Vá dizer-lhe que visto esta grosseria do Sr. Farnani... (*César encaminha-se para o fundo*) Escute, César, diga-lhe simplesmente que ainda estou deitado e logo passarei por lá para os trazer. Leve estas folhas para o escritório. (*sai pela direita alta*)

## CENA VIII

César e Mariana entrando pela esquerda do fundo.

MARIANA - O sujeito das jóias consou-se de esperar e foi-se embora.

CÉSAR - Melhor; poupou-me o trabalho de o despachar. (*assenta-se*)

MARIANA - O Sr. Nicolau tem-se visto hoje zônzo! Já aí veio um mundo de gente: os lojistas das ruas da Quitanda, da Alfândega e do Rosário; o *cabeça de ouro* da rua do Ouvidor, o homem da confeitaria, o padeiro, o dono da cocheira dos carros, os cobradores do gás e dos jornais, o armarinheiro, o afinador do piano, o armador, o senhor das alugadas, o francês dos sapatos, o aguadeiro, o homem das vacas de leite, o...

CÉSAR (*aturdido*) - Basta, basta, Sra. Mariana.

MARIANA - E todos eles com as competentes descomponendas!



CÉSAR - Pobre Sr. Nicolau!... Safa!...

MARIANA - Eu também já tenho hoje passado meus trabalhinhos com as freguesias das senhoras!

CÉSAR - É que hoje é sempre um péssimo dia para o patrão e a patroa: fim de mês...

MARIANA - ...Princípio e meio é sempre a mesma lida.

CÉSAR - Pois se o patrão e a patroa...

MARIANA - E Vmcê. a dar-lhe com o patrão e a patroa!... Já se esqueceu das raspanças que tem levado por não dizer (com ênfase): o Sr. Barão, a Sra. Baronesa?...

CÉSAR - Qual esqueceu! Aquilo que se ouve e se vê nesta casa são coisas de que um cristão se possa esquecer?...

ANINHAS (fora ao fundo) - Sra. Mariana, Sra. Mariana!

CÉSAR (ergue-se) - Temos obra.

MARIANA (erguendo-se inquieta) - É esta que é de faca e calhau!

#### CENA IX

Os mesmos e Aninhas pela direita do fundo.

ANINHAS (entrando) - Ora... com Deus estejam os senhores!

CÉSAR - Como vai lá isso, Sra. Aninhas?...

MARIANA - E a respeito de saúde... sempre boa?

ANINHAS - Tudo caminha com a vontade do Senhor, Deus seja louvado!

CÉSAR - Pois isso é o que nós queremos.

ANINHAS - Muito *agradecida* aos seus favores! (à Mariana) Venho saber da *salvação* daquela continha...

MARIANA - Homem... Sobre a continha ainda a Sra. Baronesa não disse nada.

ANINHAS - Não disse!... Pois há de m'ó dizer a mim.

MARIANA (a César) - Temo-la travada (Aninhas encaminha-se para a esquerda). Lá não encontra Vmcê. ninguém.

ANINHAS (irônica) - Agora não!... Sempre hei de encontrar as paredes para me *ovirem!* Devem-me mais de duzentos mil réis de *lavages* e quero p'ra aqui o meu dinheiro!

MARIANA (impaciente) - É escusado teimar, eu não a deixo entrar.

ANINHAS - Sim? ora... sempre queria ver isso! (encaminha-se para a esquerda alta).

MARIANA (interpõe-se zangada) - Não vai, não vai. A Sra. Baronesa não fala com gente de sua qualidade. Só recebe nos seus aposentos pessoas da igualha dela.

ANINHAS (furiosa) - O que é que você diz, grandecíssima pedaça de asna? Não fala com gente da minha *qualidade*?! É o que me dizem a esta?! Soube ela embestegar-me - grande *jimenta* que eu fui! - quando precisou do meu trabalho!... Está direito! Pois eu cá mandarei pessoa de *qualidade*, com quem a Exm<sup>a</sup>.

possa falar!... Deixa estar, tratantas, que o meu suor não m'ó levam vocês de *bobis a nobis*! Hei de mostrar-lhes, Sras. fidalgas pingas, que se ando coberta de lã, não sou *carreira*. (*sai zangada, pelo fundo*)

CENA X  
Mariana e César

CÉSAR (*rindo-se*) - Ah! ah! ah! Esta é despachada! não tem papas na língua!

MARIANA (*suspirando*) - Ah! veja Vmcê. ao que está sujeita uma criada de casa de tratamento (*campainha à esquerda baixa*). Ai!... lá abriu os olhos a menina Linda! Principia o repinique das campainhas.

CÉSAR - Não tarda o concerto de assobios no quarto do nhonhô Nanal! Vou tratar de preparar-lhe o *moka*, os charutos, os pentes, as escovas, as pomadas, os *cosmetiques*, os vernizes para o bigodinho (*novo toque à esquerda baixa*).

MARIANA - Adeus... adeus... Lá se vai o badalo da campainha! (*gritando*) Já vou! já vou, menina! Leve Vmcê. para dentro este *testa a testa* da Senhora, enquanto eu vou entrançar os cabelos da sinhá e encaixar-lhe nos pezinhos as chinelinas de cetim. (*saindo pela esquerda baixa*). Olhem que sempre há coisas!...

CENA XI  
César e Luiz Corrêa pela direita do fundo

CORRÊA (*entrando*) - Ora viva o Sr. César!

CÉSAR (*contrariado*) - O Sr. Corrêa aqui?

CORRÊA - Em carne e osso, como me está vendo. Bati, bati e ainda agora estaria batendo se não tomasse o alvitre de subir e penetrar.

CÉSAR (*de mau humor*) - No que fez muito mal.

CORRÊA (*irônico*) - Agora fiz?

CÉSAR - Não se entra assim por uma casa destas: se aqui estivesse o Sr. Barão...

CORRÊA - Vinha abaixo o Carmo e a Trindade!

CÉSAR - Pelo menos tirava-lhe a sua freguesia.

CORRÊA - Homem, *quando mal, nunca maleitas!* Freguesias destas, manda-as o demo as dúzias.

CÉSAR - Não há de o Sr. dizer isto quando o Sr. Barão receber os juro dos seus capitais.

CORRÊA - Sempre queria saber até quando vocês me hão de embelear com essas cantigas sem darem um real à conta! A dívida vai-se aumentando de dia para dia... e o amo está furioso!

CÉSAR (*impacientando-se*) - Ora, que tenha paciência!

CORRÊA (*de mau humor*) - ...Que é bom para a vista, não? A tal paciência é moeda que não corre na praça, meu amigo.

CÉSAR (*zangado*) - Quer saber de uma coisa, Sr. Luiz Corrêa? Isto já é maço!

CORRÊA (*zangado*) - E quer Vmcê. saber outra, Sr. César? No comércio não se pagam fazendas com histórias nem palanfrórios! Nem é com lábias



e patranhas que se cumprem os deveres de homem honrado! *Perciso* falar com *Sua Excelência*: onde está ela?

CÉSAR - Agora não é possível: está se barbeando.

CORRÊA - Se barbeando... (*pachorrento*) esperei que acabe a barbeação.

CÉSAR - O Sr. não pode ficar aqui; esta é a sala do trabalho das Sras. É melhor voltar mais tarde.

CORRÊA - Homem! Vmcê. toma-me por algum *Manel de Soiza*, ou parece-lhe que vim há pouco da Lourinhan? Sair para que ele se ponha ao fresco? Assim era asno o filho de meu pai! Estou aqui muito a meu gosto! Ora... (*assenta-se no canapé*) deixe-me ver que paladar tem um canapé à fidalga! Hum!... como é macio! Isto sim, senhor!... é do fino! Enterrado nestas *moluras* pode-se muito melhor esperar o Sr. Barão do que nos bancos de sua cocheira. (*olha para tudo*) Como tudo isto é bonito! (*intencional*) Estas tetéias já estarão pagas aos seus donos? (*assobio à direita baixa*)

CÉSAR - O Sr. teima em ficar nesta sala? Eu tenho obrigações a cumprir. Se lhe passarem alguma *giribanda*... eu lhe aviso.

CORRÊA - Vá descansado: só passa giribandas quem as pode passar; lá diz o ditado que quem quer ralhar paga primeiro.

CÉSAR - Pois então, fique-se com Deus! (*sai pela direita baixa. Aparece a Modista pela direita do fundo*)

CORRÊA (*erguendo-se*) - E esta! deixa-me com Deus e aparece-me uma mulher!

CENA XII  
Luiz Corrêa e a Modista

MODISTA (*ao fundo, cumprimentando*) - Bon jour, monsieur.

CORRÊA - *Bão jur*, madama; pode entrar. Eu não sou da casa, mas é a mesma coisa... *la michosa, la michosa*... Então? *entré, entré.* (*a modista aproxima-se*) Com quem *vogli usted parlar*?

MODISTA (*cumprimentando*) - Pardon, monsieur... Avec Madame d'Engenhoca pour recevoir l'importance des dentelles, des rubans, des broderies, des chapeaus, des mousselines, des jaconas...

CORRÊA - Jaconá!... Isto é turco.

MODISTA - Dites-moi, monsieur: non pas est ici?

CORRÊA - É Cecília? Agora é que eu sei disto.

MODISTA - Que dites-vous, monsieur?

CORRÊA - Sim, Senhora... tal e qual... quero dizer, *ui madamozella*.

MODISTA - Chez mademoiselle? et son mari?

CORRÊA - Se eu sou Maria? Não, Senhora; sou Luiz Corrêa, graças a Deus!... Que algaravia!

MODISTA - Son époux...



CORRÊA - *Epú?*... Isto é chinês! Olhe, Sra. Madama, fale-me em português se quer que a entenda. Eu não capisco nada do seu *parle franciú*.

MODISTA - Eh! bon Dieu! J'ai besoin de voir madame d'Engenhoca... Il ya beaucoup de temps... Ça n'est pas bon dens une dame...

CORRÊA (*aturdido*) - Oh Senhora! Cada vez a entendo menos! Fale língua de gente se quer que eu lhe responda.

MODISTA - Mais, Monsieur!...

CORRÊA (*zangado*) - Diga lá, diga lá!

MODISTA (*zangada*) - Madame la Baronne! madame la Baronne!

CORRÊA (*arremedando-a*) - Madama la burrone... madama la burrone... Eu sei lá que bicha é essa?... Ah! (*bate na testa*) Pedaco de camelo que eu sou!... agora é que dei com o negócio!... Coitada!... É uma das romeiras do santo calotismo!... Então a Senhora madama quer falar com a outra madama Barona de Engenhoca?

MODISTA - Oúi, oui, monsieur...

CORRÊA - Pois agora não pode ser. Ela está em monores a untar-se toda de pomadas, de rosas e *pozés*... não sei lá de que... *Non pá possibili, entendé vú?*

MODISTA - Et monseigneur le Baron?

CORRÊA - O monsenhor Barão? Oh! é uma excelente boa pessoa! Agora está ele a barbear-se:

daqui a pouco há de vir bigodear-nos (*aparece o Barão à direita alta*) Oh! diabo!...

## CENA XIII

Os mesmos e o Barão

BARÃO (*olha admirado, e toca a campainha*) - O que pretende a Senhora?

MODISTA (*fazendo muitas cortesias*) - Madame la Baronne?

BARÃO (*muito secamente*) - Vou mandá-la ao seu aposento. (*entra Mariana pela esquerda do fundo*) Leve esta francesa ao quarto da Sra. Baronesa e hei de estimar que não continuem a introduzir todo o bicho careta no interior de minha residência. (*Mariana e a Modista saem pela esquerda alta*)

## CENA XIV

Barão e Luiz Corrêa

BARÃO (*assentando-se*) - Quem o conduziu a esta sala, Sr. Corrêa?

CORRÊA (*meio embaraçado*) - Eu digo a Vossa *Enclência*... Como o amo *percisa* muito de dinheiro para fazer um pagamento... por essa *rezão*...

BARÃO - ...É que o Sr. Luiz não usa da menor cerimônia. (*toca a campainha*)

CORRÊA - Vossa *Enclência* queira desculpar; porém, como nunca posso falar com pessoa cá de

cima... (*entra César pela direita do fundo*) e quando encontro Vossa Encelência na rua, manda-me sempre a...

BARÃO (*a César*) - Leve este homem ao meu escritório.

CORRÊA (*descontente*) - Ainda?

BARÃO - É lá que eu trato dos meus negócios e não nos aposentos reservados de minha família.

CORRÊA - Vossa Encelência a modos que anda a me flautear com o tal escritório!... Isto já me parece pulha. (*o Barão ergue-se e passeia dando-lhe as costas*) Ora vamos lá ao tal purgatório! (*sai com César pela direita do fundo*) Paciência me dê Deus!

## CENA XV

Barão e pouco depois Juvenal

BARÃO (*falando para a direita baixa*) - Juvenal!... ainda dormes? Preciso falar-te.

JUVENAL (*dentro*) - Já vou, meu pai, estou acabando de saborear um havana.

BARÃO - Não te demores. (*fala à esquerda baixa*) Lenha verde mal se acende, quem muito dorme pouco aprende!... Ainda não aparece o sol em Londres?

CORDOLINDA (*dentro*) - Ai, papai!... estou hoje nervosa!... Eu já lhe apareço...

JUVENAL (*pela direita baixa*) - Bom dia, meu pai.

BARÃO (*assentando-se*) - Não foste à repartição? Tens muitas faltas este mês...

JUVENAL (*assentando-se, displicente*) - Amanheci indisposto da cabeça e do estômago.

BARÃO - Consequência das irregularidades a que expões o teu físico; a que horas te recolheste a noite passada?

JUVENAL - Cedo; pouco mais das duas.

BARÃO - Estiveste no Alcazar?

JUVENAL - Estive; não me canso de admirar a Lovato.

BARÃO - Fica a perder de vista ao lado da Aimée.

JUVENAL - São gostos! (*desdenhoso*) Se até a Delmary tem admiradores!...

BARÃO - Vai te vestir que tenho de apresentar-te ao ministro; quero ver se te alcanço um melhor lugar na Secretaria. (*ergue-se*) A 1 hora devemos estar com ele. (*Juvenal olha para o relógio*)

JUVENAL (*depois de tocar a campainha*) - São 11 horas e meia: depois do meio dia meu pai pode procurar-me no hotel da Europa, aonde vou almoçar.

BARÃO - Roupa preta: os homens de Estado dão grande importância às exterioridades. (*entra César pela direita do fundo*)

JUVENAL (*a César*) - Vá buscar-me um títburi; carro novo, animal vistoso. (*César sai pela direita do fundo*) Com licença, meu pai, vou vestir-me. (*sai pela direita baixa*)



CENA XVI  
Barão e Cordolinda

BARÃO (*olhando para a direita baixa*) - Animal vistoso!... É um rapaz de grandes esperanças!

CORDOLINDA (*pela esquerda baixa*) - Oh meu papá!... (*apresenta-lhe a testa*) Já vestido para sair?! A mamã já se ergueu?

BARÃO - Julgo que se está preparando para o almoço. (*assenta-se*)

CORDOLINDA - Oh Deus! pois já se fala em almoço? Eu que ainda não fiz a minha *toilette* para ir para a mesa! Ah papá!... que noite horrível que a sua pobre filha passou!

BARÃO (*com interesse*) - Estiveste doente?

CORDOLINDA - Muito, papá!... do espírito. (*assenta-se*)

BARÃO (*irônico*) - Mau é isso!

CORDOLINDA - Mamã não lhe contou a minha desgraça? Pois aquele insolente filho do...

BARÃO - Já soube desse *horrendo* caso.

CORDOLINDA - Viu-se em tempo algum um semelhante fato, meu bom papá?

BARÃO - Imensos! Há muitos tolos que procuram sarnas para se coçar!

CORDOLINDA (*atônita*) - Como?

BARÃO - Digo que não faltam homens ricos, honestos e laboriosos que queiram se ligar a mulheres pobres, cheias de vaidades e preconceitos.

CORDOLINDA (*picada*) - Isto se entende comigo? (*gesto afirmativo do barão*) Oh!

BARÃO - Tua mãe ainda se há de arrepender de haver recusado a tua mão ao Honório de Sá.

CORDOLINDA (*horrorizada, pondo as mãos*) - Jesus! É o papá quem fala?! Seria capaz de milar-me ao filho de um...

BARÃO - A um moço de excelentes qualidades, bem apessoado, rico...

CORDOLINDA (*amargamente*) - Rico!... eis a palavra! - Rico!... (*angustiada*) Oh meu Deus!

BARÃO - Numa época de cálculos e de conveniências pecuniárias, como esta, é difícil encontrar um partido em tão vantajosas condições. O homem que tem meia dúzia de contos de réis, quer mulher que possua, pelo menos, um cento deles.

CORDOLINDA (*magoadada*) - Ai! é mesmo assim!

BARÃO - Ora, tu que nada possues...

CORDOLINDA (*com altivez*) - Nada?

BARÃO - ...e que estás habituada a ver satisfeitas as tuas fantasias...

CORDOLINDA (*ressentida*) - Compreendo: o papá já está aborrecido de mim...

BARÃO - O que estou é receioso que sejas vítima de algum pintalegrete, que venha à lambagem deste fausto que ostentamos.

CORDOLINDA (*com fogoso entusiasmo*) - Não tenha esse receio, papá! O homem a quem eu confiar



o encargo de minha ventura há de amar-me por mim própria, pelo meu valor intrínseco!

BARÃO (*afagando-a*) - Pobre tolinha! (*assenta-se*)

CORDOLINDA (*assentando-se junto ao pai, sentimental*) - O meu papá sabe? Sou uma jovem bem desgraçada! Bem cedo comecei a libar a taça do infortúnio!

BARÃO - Desgraçada, tu? Em quê?!...

CORDOLINDA (*com voz dolente e levando a mão ao peito*) - Oh! não m'ò pergunte! É o segredo de minha alma! Para que espedaçar-lhe as entranhas paternas com a história dos meus cruciantes martírios? Ai! basta que só eu padeça esta série de ...

BARÃO (*irônico, sorrindo-se*) - Porém, quais são os martírios, as desgraças, as decepções que tens sofrido, minha cabecinha de avelã chocha?

CORDOLINDA - Há pouco... agora mesmo não acaba de ser o meu coração, as minhas crenças lanceadas pelo tímido gládio do cruel sarcasmo? (*patética, quase chorando*) Pai!... Ah! que mal me fizeram as suas ideias de prosaísmo!

BARÃO (*encarando-a com ternura e pesar*) - Sabes uma coisa, minha querida filha?

CORDOLINDA (*com enlevo*) - Sua filha?... Oh! sim... Chame-me sua filha... sua filha, meu bom papá!... Dulcifique-me a alma com falas de conforto e de amor!... O que ia me dizer?

BARÃO (*sorrindo-se*) - Que no hospício de Pedro II há doidos com mais juízo do que tu. (*ergue-se*)

CORDOLINDA (*escondendo o rosto entre as mãos*) - Ah! desventurada de mim!...

BARÃO - Copias fielmente as jeremiadas de tua mamã.

CORDOLINDA - A mamã?... boa amiga...! Ela muito me ama, mas não me compreende.

BARÃO (*passa pela sala*) - Nem eu.

CORDOLINDA (*em desânimo*) - Se é sina minha!... ninguém me compreende! (*ergue-se e passeia lentamente*) Quantos transe tenho passado nesta minha curta vida e quantos ainda me aguardam? Oh! como a morte seria um bem para mim?!

BARÃO (*dando-lhe uma pancadinha na face*) - Adeus, vou esconder o meu revólver. (*sai pela direita alta*)

## CENA XVII

Cordolinda e depois Mariana

CORDOLINDA (*cruzando os braços e agitando a cabeça*) E então?!... Está muito bonito! (*assenta-se ao piano e toma a se erguer*) Que vida tão insípida! tão cínica! (*toca a campainha*) Morro de aborrecimento... (*toca com mais força*) E não me aparece um marido rico!... (*tocando a campainha com muita violência*) rico, muito rico! (*atira a campainha sobre a mesa e lança-se sobre o divã*)

MARIANA (*apressada pela esquerda do fundo*) - Nesta casa só se ouve o repinicar das campainhas... Foi a menina quem tocou?

CORDOLINDA - Fui, sim, chamei-a para dizer-lhe que esta semana não quero dar lições de coisa alguma.

MARIANA - Mas... já a semana passada e a atrasada...

CORDOLINDA (*impaciente*) - A presente e a futura, será a mesma coisa. Não estou para aturar essas maçantes criaturas, quero descansar! Nem as professoras de flores e de bordados, nem os professores de harpa, de piano e canto, de francês, de inglês, de alemão, de italiano, de pintura, de desenho, de...

MARIANA - Ai! virgem mãe do Senhor!... E o que quer a menina que eu diga a todo esse povo?

CORDOLINDA - Nada. Dê-lhes os bilhetes que marcam as lições e não tem que lhes dar satisfações...

MARIANA - Mas eles dizem que já estão fartos de bilhetes e...

CORDOLINDA (*batendo o pé*) - E o que me importam os ditos desses mercenários? Paga-se-lhes e não têm eles o direito de fazer observações.

MARIANA (*intencional*) - Paga-se-lhes?... É justamente do pagamento que eles se queixam.

CORDOLINDA - Oh!... Queixam-se de receber dinheiro sem trabalhar?

MARIANA - Não, menina, de trabalhar sem receberem dinheiro.

CORDOLINDA (*indignada*) - Miseráveis!... E atrevem-se a dizer tais coisas a uma serva!

MARIANA - Pois os pobres padecentes não falam com os amos!

CORDOLINDA (*erguendo-se arrebatada*) - Sra. Mariana, você é muito atrevida! Se continuar com as suas inconveniências, peço a mamã para a despedir do nosso serviço.

MARIANA - Olhe, menina, aquilo que se tem de fazer amanhã, faça-se hoje... e já. Se não lhes sirvo, façam-me as minhas contas e mandem-me embora: casas como esta não faltam.

CORDOLINDA (*enfurecida*) - Já para a rua, grandecíssima atrevida!

MARIANA (*chasqueando*) - Não se esquente, sinhá: olhe os nervos.

CORDOLINDA (*gritando*) - Já, já para o olho da rua!

MARIANA (*gritando*) - Já!... pois não... com muito gosto!... Mas hei de primeiro receber oito meses de salários que sua mãe me deve e aqueles duzentos mil réis que lhe emprestei...

CORDOLINDA (*desmaiando*) - Ai!... (*cai sobre o divã*)

MARIANA (*rindo-se*) - Ah! ah! ah!... Deixe-se de partes, moça! Eu já lhe conheço os seus fanicos, o que Vmcê. quer é pilhar-me a jeito para dar-me socos e pernadas nos seus fingidos estrebuchamentos!



Está na tinta, minha fidalga!... Quem quiser que a ature. (*tocando a campainha*) Campana no caso!... (*sai a rir-se pela esquerda do fundo*)

## CENA XVIII

Cordolinda e depois Juvenal

CORDOLINDA (*com voz desfalecida, abrindo a custa os olhos*) - Meu Deus!... o que me aconteceu? (*reparando*) Então?... (*levanta-se furiosa*) Pois aquela atrevida não me deixou aqui sozinha desmaiada?!...

JUVENAL (*pela direita baixa*) - Oh! hoje madrugaste, Linda! Mas estás tão amarela! o que tens?

CORDOLINDA (*lastimosa*) - Ai! Nanal, sou a criatura mais infeliz do mundo!... Foge-me a vista... pulsa-me o coração... com tanta força!... (*ansitada*) Nanal... tu não sabes?... O filho do... Nanal!... (*com voz sumida*) Eu morro!... (*cai nos braços do irmão*)

JUVENAL (*assustado*) - Oh diabo!... esta agora!...

## CENA XIX

Os mesmos e César pela direita do fundo

CÉSAR - Está aí o tílburí.

JUVENAL (*zangado*) - E eu aqui de empada com a minha romântica irmã nos braços! (*Cordolinda agita-se em convulsões*) Pior... pior!... Anda cá, César, levemo-la ali para o divã. (*levam-na a rastos para o sofá*)

Agora vai chamar alguém que lhe chegue ao nariz o vidrinho de sândalo ou de frangipani; tenho muito que fazer. (*sai pela direita do fundo assobiando o "Beijo"*)

## CENA XX

Cordolinda, César e Mariana pela esquerda alta.

CÉSAR (*contemplando Cordolinda*) Ora, assoe-se um homem a este guardanapo!

MARIANA (*entrando*) - O que faz Vmcê. aí de pasmaceira! (*reparando*) Ainda?...

CÉSAR - Estou *filosofando*, como diz o patrão. Nunca me hei de casar, só para não aturar mulher com flatulências!... Elas sós custam a suportar, quanto mais com semelhante contrapeso! - Safa!... que buchas!

MARIANA (*a meia voz*) - Cale-se, que ela está a ouvir; aquilo é sestro.

CÉSAR - Sestro!

## CENA XXI

Os mesmos e a Baronesa pela esquerda alta

BARONESA - Então, Mariana!... fazer-me esperar! (*vê a filha*) O que é isto?... (*corre para o sofá*) Cordolinda desmaiada! Ai! a pobrezinha!... o que foi que lhe aconteceu? ... Oh! aquele miserável filho do... Mariana, dê-me o meu vidrinho de Melissa... o meu frasquinho de sais... César, vá depressa chamar o doutor... Espere, traga-me primeiro água... vinagre...



CÉSAR (*saindo pela direita do fundo*) - ... Azeite, pimenta... mostarda. (*sai*)

CENA XXII

Baronesa, Cordolinda e Mariana

BARONESA (*muito aflita*) - Oh! deuses!... e há de minha filha morrer assim sem socorros?!... Mariana, traga-me também as minhas gotas anódinas... as minhas pérolas de éter... (*zangada*) Então?... não se mexe daí?... não vê o meu desespero, a minha inquietação?

MARIANA - Deixe a Sra. Baronesa sossegar a menina, que aquilo não é coisa de cuidado: é força do nervoso. Vamos antes fazer as nossas contas, porque hoje não fico mais em sua casa. Já estou farta de casas ricas...

BARONESA (*estupefata*) - Hein?... o que é que me diz?

MARIANA - Isto mesmo, aturo muito a custo de nada. Quando uma pessoa sujeita-se a servir numa casa como esta, é para ver se ajunta algum vintezinho no canto do seu baú, e vai para nove meses que estou aqui e...

BARONESA - Está bom... mais tarde trataremos disso; agora venha acabar de vestir-me, pois espero visitas para o almoço. (*sai pela esquerda alta sem olhar para a filha*)

MARIANA (*seguindo-a*) - Tal filha, tal mãe! (*sai*)

CENA XXIII

Cordolinda, depois César e Honório de Sá

CORDOLINDA (*erguendo a cabeça*) - Sim?! O caso é esse?... É assim que me estimam? (*ergue-se zangada*) Deixem Vossas Excelências estar, senhores fidalgos, que o primeiro xubregas rico que me aparecer, terá a honra de ser seu genro! (*batendo o pé*) Ainda que seja o filho do...

CÉSAR (*ao fundo*) - O Sr. Honório de Sá pede para falar às senhoras. (*aparece Honório e aproxima-se*)

CORDOLINDA (*cambaleando*) - Ele?!... (*cai desmaiada nos braços de Honório*)

HONÓRIO (*sobressaltado*) - Oh! o que será isto?...

CÉSAR (*muito sossegado*) - É um contrapeso, não faça caso. (*chamando para a esquerda alta*) O' Sra. Mariana!... Sra. Mariana!... venha acudir a outro sestro...

CENA XXIV

Os mesmos, Baronesa e Mariana pela esquerda alta

BARONESA - Que gritos são estes?! Oh Deus! minha filha nos braços de um homem!... (*corre para a filha e recua aterrada ao reconhecer Honório*) O filho do!... desgraçada!... foi a vergonha que a matou!

HONÓRIO (*assustado*) - Morta!... (*ouve-se a badalada de um relógio*)

CENA XXV

Os mesmos e um criado ao fundo

CRIADO - O almoço está na mesa.

CORDOLINDA (*soltando-se dos braços de Honório*)

Ah! e eu que não tinha ainda feito a minha toilette!...  
(*sai correndo pela esquerda baixa deixando Honório muito  
maravilhado a olhar para a Baronesa, a qual o encara com  
desprezo e cólera*)

MARIANA (*rindo-se*) - Ah! ah! ah! que pagodes se dão em certas casas de tratamento!

(*cai logo o pano*)

Fim do primeiro ato

ATO II

Salão luxuoso. Grandes vasos, espelhos, cortinados, alcatifa, harpa, piano, etc., etc. Duas portas a cada lado e janelas ao F.

CENA I

Mariana recostada num canapé e César assentado numa poltrona, com um charuto, em grande piteira, na boca.

MARIANA - O último rebate da campanha foi quando a pequena teve o segundo faniquito depois do almoço. (*mirando-se*) Nem pude acabar de me tocar a meu gosto! Maldita campanha, quem te arrancará o badalo!... (*campanha longe ao fundo*) Vê?...

CÉSAR - Esta casa podia chamar-se a casa dos desmaios, das campanhas, dos assobios e dos gritos! Ai!... (*arremedando*) Lá desmaia a menina!... Ah! oh! lá grita a patroa! (*assobiando*) Lá assobia o nhonhô Nanal! Campanha do vestíbulo, campanha do patrão, campanha da patroa, campanha da menina... Safa! anda a gente numa dobadeira dos



nossos pecados! Dão-me às vezes *vinetas* de, sem mais aquela, raspar-me de semelhante inferno!

MARIANA - E o que faz, que não dança?

CÉSAR - Com que música?

MARIANA - Com a que lhe tocarem.

CÉSAR - E os meus cobres?

MARIANA - Diz-se na minha terra que vão-se os anéis e fiquem os dedos...

CÉSAR Também lá dizem na minha que enquanto o pau vai e vem folgam as costas. Assim, vou me deixando ficar, aqui passa-se muito bem de boca...

MARIANA - Enquanto os fornecedores fiarem.

CÉSAR - E o trabalho sério não é de esfalfar.

MARIANA - E que trabalho pode ter uma família de quatro pessoas, que tem oito criados e manda fazer tudo fora? (*vozes altercando ao fundo*) Lá está o mártir S. Nicolau no seu tormento! O pobre homem anda com a paciência numa fona!...

CÉSAR - O que lhe vale é já saber a ladainha de cor e salteada! - "O Sr. Barão ainda não é visível"...

MARIANA - "Está dormindo... está se medicando com o doutor"...

CÉSAR - "Está na secreta conferência com os seus mestres das obras".

MARIANA - "Foi para a secretaria do império"...

CÉSAR - "Está no banho"...

MARIANA - "Foi ao paço... foi ao tesouro... foi a"...

CÉSAR - Irra!... é um nunca acabar de mentiras!

MARIANA - Muitos guarda-portões de casas de tratamento devem estar no inferno!

CÉSAR - Foi uma ótima invenção para certa gente, a dos guarda-portões! (*ergue-se*)

MARIANA - E como as senhoras não têm guarda-portoa, a pobre Mariana é quem paga o pato! (*ergue-se*) Que vida!... e andam sempre tão contentes!

CÉSAR - Tão *rompi de sua mênem*, como diz, o nonô Nanal!... (*olhando para a direita*). Olha o maço que ali vem!... (*Mariana vai ver à direita do fundo*)

MARIANA (*zangada*) - Se elas não têm guarda-portoa!...

## CENA II

Os mesmos e Miquelina pela direita  
alta com uma trouxa sob o braço

MIQUELINA - Sra. Mariana e companhia!  
muito boas tardes!

MARIANA - Deus lhe dê as mesmas.

CÉSAR - Ora, viva, a Sra. Miquelina.

MARIANA (*de mau humor*) - Vmcê. não escolheu muito boa hora para vir aqui.

MIQUELINA - Eu venho quando posso. Já hoje andei séca e méca e sem arrumar a minha vida... Com licença, estou estafada... (*larga a trouxa sobre a cadeira e assenta-se*)



CÉSAR - Pois não!... *sans çarimonie*, como diz o patrão.

MARIANA - Diga o que quer, Sra. Miquelina.

MIQUELINA - Falar com as senhoras.

MARIANA - Não pode ser; estão à mesa. (*assenta-se*)

MIQUELINA - Pois esperarei que se alevantem dela. Também não é assim! Compram, compram e nada de se lhe pilhar um vintém! Então a gente não tem de dar contas de si?

MARIANA - E Vmcê. para que lhes fia? Não devia lhes fiar mais nada sem receber o que lhe devem: custa mais receber o muito do que o pouco.

MIQUELINA - Lá por isso, não; tomara eu que elas me comprassem toda a minha fazenda! Aquilo que lá está e o mais que for indo, para cá há de vir; isso *antão!*... de Deus lhe venha o remédio! Estão brincando com Miquelina Rosa da Santíssima Assunção da Virgem Imaculada Santa Maria! Não hei de cochilar muito para abrir a boca na porta da cocheira e por-lhes os podres na rua!... Eu *antão* que sei coisinhas!...

CÉSAR (*curioso*) - Olá! (*assentando-se perto*) Que coisinhas são essas?

MIQUELINA - Ora, o que há de ser? As tais senhoraças, que só pisam rendas e bordados... olham por cima do ombro para as pobres como a mim, e por fim de contas... (*dá uma pancada na boca*) Cala-te,

boca! aonde cabe o comer, cabe o mais! (*mostra uma carta a Mariana*) Preciso entregar isto à filha, antes de falar com a mãe.

CÉSAR - Então a Sra. Miquelina passou de rendeira a negocianta de azeitonas?...

MIQUELINA (*ergue-se*) - Meu rico, tudo quanto deixa coco é negócio. As cousas não andam boas; não há remédio senão fazer pela vida com estes e outros pequenos ganchinhos. (*a Mariana*) Veja se faz com que eu fale à menina.

MARIANA (*com mau modo*) - Não pode ser, já lhe disse. (*ergue-se*)

CÉSAR - Bata a outra porta, comadre. (*ergue-se*)

MIQUELINA (*mortificada*) - Ai! santo lenho do filho de Maria Virgem! Muito sofre quem quer ganhar a sua vida honradamente! Seja tudo pelas benditas chagas do Homem-Salvador! (*metendo a carta na mão de Mariana*) *Antão*, faça Vmcê. o favor...

MARIANA (*repelindo a carta*) - Ai!... credo! tire para lá isso! (*César ri-se às gargalhadas*) E que tal está a Sra. Miquelina?! (*batem com um pau no chão à direita alta*) Jesus!... quem aí está?...

CÉSAR (*assustado*) - O Sr. Cônego!...

MIQUELINA - Oh diabo!... (*agarra na trouxa muito atrapalhada*) Se me pilha aqui...

MARIANA E CÉSAR (*empurrando-a*) - Safe-se, safe-se.

MIQUELINA (*muito assustada*) - Ai! muito custa viver-se com as barbas limpas... Maldita... quero dizer, bendita Conceição da Virgem Puríssima Santa Maria! (*engana-se na saída e encaminha-se para o fundo*)

CÉSAR - Então?... Quer saltar pela janela? (*empurra-a para a esquerda baixa, no mesmo momento entra pela direita alta o cônego Silva*)<sup>1</sup>

## CENA III

Cônego Silva, Mariana e César

CÔNEGO SILVA (*entrando*) - Creio que a minha chegada os incomodou? (*larga o chapéu sobre uma cadeira*)

MARIANA (*cerimoniosa*) - Uma criada do Sr. cônego reverendíssimo.

CÉSAR (*inclinando-se*) - Um criado de vossa reverenda senhoria.

CÔNEGO - Ora! deixem-se de tolices... Quero falar a seu amo, já.

CÉSAR - O Sr. Barão está a mesa com alguns numerosos amigos.

CÔNEGO (*secamente*) - Vá chamá-lo. (*assenta-se*) Não ouve?

CÉSAR (*embaraçado*) - Porém... é que S. Ex.<sup>a</sup> deu ordem que quando ele estiver com seus amigos a *tostar-se no deserto*...

<sup>1</sup> Esta cena deve ser rápida e precipitada.

CÔNEGO (*impaciente*) - Fale português, não seja pedante. Vá chamá-lo, porque essas ordens não se estendem a mim. (*César hesita*) Então!... (*bate zangado com a bengala no chão*) Não sabem que não gosto de dar uma ordem duas vezes?!

MARIANA (*baixo a César*) - Vá, não o faça arrenegar mais.

CÉSAR (*no mesmo tom*) - Foguete por foguete, antes do outro. (*sai*)

## CENA IV

Cônego Silva e Mariana

CÔNEGO (*assentado e olhando para a sala*) - Vejo tudo com ares de festa!... Dão algum baile hoje?

MARIANA - Não, Senhor, *monsiú cônego*. Saberá V. S.<sup>a</sup> reverendíssima que os bailes são sempre nos meados dos meses. Hoje é a *suaré* da Sra. D. Cordolinda, que reúne as suas Exmas. amigas, às segundas-feiras. Às quartas é o chá da Senhora Baronesa e aos sábados oferece o Senhor Barão um *coço* com *água* aos seus numerosíssimos amigos.

CÔNEGO - Vejam o que por aqui vai!... Há então nesta casa pagode três vezes por semana?

MARIANA - Com licença de V. S.<sup>a</sup> reverendíssima, não são pagodes, são *recepeções*.

CÔNEGO - Que casa de orates! E o Senhor meu sobrinho Exm.<sup>o</sup> não obsequia também os seus amigos?



MARIANA - Isso é lá na sala que ele tem alugada no hotel da rua do Ouvidor.

CÔNEGO - Está direito... está!... (*fica pensativo*)

MARIANA (*olhando para a esquerda alta*) - Aí vem o Sr. Barão. (*sai pela esquerda baixa*)

## CENA V

Cônego Silva e Barão

BARÃO - Oh Sr. Cônego!... porque não se dirigiu V. S<sup>a</sup>. lá para dentro?... estávamos à mesa...

CÔNEGO (*secamente*) - Já jantei. (*ergue-se*)

BARÃO - Venha ao menos comer um pastelinho e tomar uma taça de champagne.

CÔNEGO - Agradeço-lhe. Não vim à sua casa entreter-me com comezainas: o fim da minha visita é muito grave.

BARÃO (*levemente irônico*) - Como hoje - sempre foram graves as visitas de V. S<sup>a</sup>.

CÔNEGO (*intencional*) - E infrutíferas. (*assenta-se*)

BARÃO (*secamente assentando-se*) - Estou às suas ordens. (*pequena pausa*)

CÔNEGO - Dispense-me o exórdio; gosto de ir logo à questão sem mais preâmbulos. Desejo que V. Ex<sup>a</sup>. me diga o que fez da sua honra, (*movimento no Barão*) do futuro dos seus filhos...

BARÃO (*ofendido*) - Sr. Cônego Silva!

CÔNEGO - ... e da estima e consideração dos homens de bem.

BARÃO - V. S<sup>a</sup>. veio a minha casa com o propósito de insultar-me?

CÔNEGO (*calmo*) - Deixe-se de asneiras: com elas não responde às minhas perguntas.

BARÃO - O que lhe hei de responder ao aspecto das suas vestes e dos seus cabelos brancos que respeito?...

CÔNEGO - O que o Sr. respeita é a cauda que tem na ratoeira, a consciência de seus próprios feitos.

BARÃO (*impaciente*) - Em conclusão, Sr., do que se trata?

CÔNEGO - Perguntei-lhe pela sua honra e pela estima pública; pergunto-lhe mais: o que fez dos cem contos de réis que minha irmã lhe trouxe em dote?

BARÃO (*irônico*) - A questão é de contas?

CÔNEGO (*grave*) - Não, senhor, é de honra! O que fez do dote de sua mulher?

BARÃO - Podia deixar de responder às suas perguntas inconvenientes; mas o tom em que as formulou exige uma resposta; dir-lhe-ei, pois, que o título e a posição social de sua irmã são coisas que custam muito caro. Satisfiz as ambições de minha mulher: eis o que fiz do seu dote. Dei-lhe uma vida esplêndida, suntuosa...

CÔNEGO - O senhor meu cunhado deu-lhe alguma coisa mais do que isso! Deu-lhe uma posição eminentemente ridícula na sociedade, e constituiu-a



esposa de um homem destituído de toda a dignidade e pundonor.

BARÃO (*erguendo-se indignado*) - Oh! com que autoridade me trata o senhor deste modo? Com que direito se mete o senhor com atos da minha vida?

CÔNEGO (*erguendo-se*) - Com a autoridade que tem todo homem de juízo sobre um louco...

BARÃO - Sr. Cônego Silva!...

CÔNEGO - ... com o direito que tem um homem honrado de recriminar as ações de um...

BARÃO (*furioso*) - Basta! - Nem mais uma palavra!

CÔNEGO (*encolhendo os ombros e sorrindo-se*) - Julgará V. Ex<sup>a</sup>, que eu sou algum mico que tenha medo de caretas? Ora, faça o favor de dizer-me: tem preenchido satisfatoriamente a sua missão de esposo e de pai? Acalme-se e responda. Qual o futuro que preparou a essas duas crianças que já dão bailes e tem salas alugadas em hotéis? Não teme as contas que tem de dar a Deus e aos homens do modo pelo qual educou essas duas criaturas, nulas para a sociedade sensata e virtuosa?

BARÃO (*embaraçado*) - É em demasia severo, senhor!

CÔNEGO - Severo?!... Lance os olhos para sua casa e para sua família e acuse-me depois de ser-veridade. Sua mulher é a encarnação da vaidade e da impostura. Sua filha, uma pretensiosa cheia de romantismo, nervos e vapores, com todos os vícios de

uma falsa e estúpida educação, achará um marido que a estime e a tolere? Seu filho com 22 anos apenas, não tem toda a desmoralização de um velho estragado?

BARÃO - Juvenal, apesar dos seus defeitos, é...

CÔNEGO - ...um filho que fuma na cara do pai, questionando sobre as pernas das dançarinas e empraça-o para os hotéis, onde faz metade de sua residência. (*o Barão passeia pensativo*) Para completar o quadro, o senhor é tido por um homem de má fé, sem brio, sem honra...

BARÃO (*mortificado*) - Oh! senhor! antes de acabrunhar-me com tais recriminações, devia lembrar-se do caráter superficial de sua irmã e do quanto eu a idolatrava! Quis figurar no mundo, ter equipagens, uma casa modelo...

CÔNEGO - E V. Ex<sup>a</sup>. para dar-lhe tudo isso, lançou fora a honestidade e a tranquilidade de sua vida! Pode limpar as mãos à parede, pois fê-la bonita! Para lhe dar essas coisas, não valia a pena tirar-lhe o respeito e as simpatias de todos... de todos!... até mesmo desses adúladores de sua aparente opulência, desses parasitas, verdadeiros *urubus* de raça humana, que só abandonam a presa, quando nada mais lhes resta para devorar! - nem o crédito, nem a consideração social! Vem cá contar-me histórias sobre o caráter dessa desmiolada!... Isso o que vale?... Aonde estava o seu critério e a energia de chefe de família?

Um marido que tem juízo e preza a sua honra, não pactua com as extravagâncias de sua mulher, obriga-a a trilhar o caminho da felicidade real e não a segunda nos seus desvarios.

BARÃO - Realmente!... V. S<sup>a</sup>. excede-se...

CÔNEGO (*triste*) - Não me excedo, Sr. Barão! Vejo com pesar que fui um louco, quando, contra a minha vocação me ordenei, para aumentar o dote de minha irmã! Foi um sacrifício inútil e mesmo talvez fossem mais felizes sem esse dinheiro! (*pequena pausa*) Já refletiu na situação em que se acham? Estão expostos a serem lançados de um momento para outro fora desta casa, que já não lhe pertence. O que fará então, sem asilo, sem pão, sem amigos... e sem a esperança ao menos de um melhor futuro?

BARÃO - Espero não chegar a esta extremidade. Tenho apólices, prédios...

CÔNEGO - Isto tudo está hipotecado a diversas pessoas! O senhor pensa que eu ando no mundo da lua? A sua vida está no domínio de todos os taberneiros aonde os seus criados vão falar francês e meterem-lhe as botas! Todos sabem que estas ricas mobílias e esses magníficos trens já não lhe pertencem! O senhor não tem coisa alguma de valor nas suas gavetas! Come fiado, veste e calça fiado, deve a todos os seus fâmulos! A sua cocheira, o seu vestíbulo são vergonhosos pontos de reunião dos seus credores, que aí permanecem a questionar

escandalosamente com o seu guarda-portão!... O senhor nem sequer tem a faculdade de sair de sua casa quando lhe é preciso! Ora... isto é modo de viver? A troco de que sofre um homem tantos vexames? Tanta degradação só para patentear o quadro da sua miséria moral a esses parasitas, os quais, rescendendo ainda dos aromas de sua mesa, ridicularizam-no, apontando-o como um... Não acha que é tempo de acabar com semelhantes vergonheiras?...

BARÃO (*tristemente*) - Agora é tarde...

CÔNEGO (*impaciente*) - ... E Inês é morta, não é assim?

BARÃO (*mortificado*) - Senhor!...

CÔNEGO (*brando*) - Para que vem cá dizer-me - agora é tarde? Nunca é tarde para retroceder-se de um mau caminho. Ouça o que eu tenho a dizer-lhe. (*risadas, bulha de pratos e tinido de copos à esquerda alta. César entra apressado*)

## CENA VI

Os mesmos e César, pela esquerda alta

CÉSAR (*ao Barão, respeitoso*) - S. Ex<sup>a</sup>., a Senhora Baronesa, manda *advertir* ao Exm<sup>o</sup>. Sr. Barão que a *falta* de sua ausência já vai sendo *anotada* no *prolongamento* da mesa.

CÔNEGO - Já se ouviu maior número de sandices? Vá dizer a Senhora Baronesa e à sua ilustre



companhia que não chorem de saudade pelo Exm<sup>o</sup>.  
Barão: ele para lá vai. (*César sai*)

CENA VII  
Barão e Cônego

CÔNEGO (*tomando o chapéu*) - Adeus, Senhor meu cunhado, volte para os seus amigos...

BARÃO - E o que tinha a dizer-me?...

CÔNEGO - Fica para outra ocasião. Há negócios que não se tratam ao som de toques de copos e dos urras de alegria; passe muito bem! (*vai a sair zangado pela direita alta e leva um grande enconção de Nicolau, o qual entra a correr pela mesma porta*) Passa, bruto! (*sai*)

CENA VIII  
Barão e Nicolau

NICOLAU (*muito atrapalhado*) - Sr. Barão!... Sr. Barão!... Eu já não os posso mais conter!... Querem entrar por força!

BARÃO (*inquieta*) - Conter?... a quem? (*César e Mariana, à direita e esquerda baixa*)

NICOLAU - Depressa... venha depressa, Sr. Barão! (*sai a correr seguido pelo Barão pela direita alta*)

CENA IX  
César e Mariana

CÉSAR - Hein?... Que estrouvinhadela será isto?

MARIANA (*preocupada*) - O tio Nicolau largar a sua poltrona lá de baixo!

CÉSAR - É que achou-lhe as almofadas muito quentes.

MARIANA - Homem... as coisas, boas... boas, não vão elas.

CÉSAR - Vamos tratando de pôr a enxuto os nosso baús, antes que cheguem os galfarros, de que o comprador ouviu falar na venda.

MARIANA (*assustada*) - Os sujeitos da justiça?... Misericórdia!... lá se vai tudo quanto Marta fiou!... Por isso!... por isso é que o amo está hoje com cara de santo empoeirado!...

CÉSAR - Cá por mim... como não me deixei ficar descalço à espera de sapatos de defunto!...

MARIANA - Que se haviam de comprar com os juros dos capitais... (*riem-se*) Pela minha parte, ouvidos e mãos, para que t'os quero?

CÉSAR - Era o que faltava: trabalhar e ficarmos ós pois a ver navios!

MARIANA - A gente não semos seus escravos! Vão lá fintar o demo!

CÉSAR (*olhando para a esquerda baixa*) - Aí vem a menina... É um cartucho de amêndoas em semana santa.

MARIANA - É raspar-se antes que ela entre: aqui não é o seu lugar. (*César sai pela esquerda alta*)



CENA X

Mariana, Cordolinda e Miquelina  
pela esquerda baixa

CORDOLINDA (*sem ver Mariana*) - Acabe de dizer o que quer, Sra. Miquelina; não posso demorar-me. (*Mariana afasta-se para não ser vista*)

MIQUELINA (*dando-lhe a carta*) - É isto, santi-nha: é dele... Ele lhe quer muito bem.

CORDOLINDA (*jubilosa*) - Dele?... (*beijando a carta*) Oh! quanto sou feliz!... (*guarda a carta no seio*)

MIQUELINA (*misteriosa*) - Ele lhe manda dizer que vai à noite esperar a resposta no jardim, florzinha.

CORDOLINDA (*enlevada*) - À noite?... à luz da lua... ao cintilar das estrelas... ao ciciar das brisas... às emanações das flores... ao adejar das fale-nas... Oh! como é bela a poesia!

MIQUELINA - Ora se é! Então minha boazi-nha, está contente com a sua freguesa?

CORDOLINDA - Você, Sra. Miquelina, foi um anjo que desceu do céu das minhas esperanças a este mundo das...

MARIANA (*interpondo-se*) - Das suas tolices!...

CORDOLINDA (*assustada*) - Ai!...

MIQUELINA - S. Bento! (*benze-se*) Jesus! san-to nome de Jesus!... que susto!...

MARIANA (*para Miquelina*) - Não se assus-te, que eu não sou nenhuma cobra. (*à Cordolinda*) E

Vmcê. vá para a mesa, antes que alguém veja seus bonitos feitos!

CORDOLINDA (*irada*) - Que desaforo é este?

MARIANA - Psiu!... dobre a língua, minha fidalga!... deixe-se de querer meter medo à gente! (*irônica*) É muito bonita para isto.

MIQUELINA - Também assim, não. Vmcê. deve respeitar.

MARIANA - Sr. anjo das esperanças do mun-do, ponha-se ao fresco e deixe-se de andar pelas ca-sas, com o pretexto de vender rendinhas, a virar a bola de quem não a tem muito no seu lugar.

MIQUELINA (*zangada*) - Sabe o que mais?... Meta-se com a sua vida, que não faz tão pouco! O que tinha a Sra. de vir cheirar aqui?

MARIANA - Grandecíssima!...

CORDOLINDA (*cambaleando*) - Ai!... (*segura-se às costas de uma cadeira*) Eu morro?...

MARIANA (*olhando para direita alta*) - É melhor ir morrer lá dentro: aí vem seu pai. (*Cordolinda sai a correr pela esquerda baixa; Miquelina apressa-se a esconder-se na janela e Mariana finge que arruma os móveis*)

CENA XI

Mariana, Barão e Miquelina escondida

BARÃO (*muito perturbado, pela direita alta*) - Ah!... (*repara em Mariana*) O que faz aqui?

MARIANA - Eu... espero as ordens da Sra. Baronesa.

BARÃO (*rispidamente*) - Retire-se! (*Mariana sai pela esquerda baixa*)

## CENA XII

Barão, Baronesa entrando pela esquerda alta e Miquelina ainda escondida

BARONESA - Então, Sr. Barão! Que inconveniência é a sua?! A mesa sem o seu chefe!... Isto é de péssimo gosto, Exm<sup>o</sup>.!

BARÃO (*zangado*) - Sra.! (*acalma-se*) Volte para a mesa, que eu já a sigo. (*Miquelina sai furtivamente pela direita alta*)

BARONESA - Porém, meu amigo...

BARÃO (*impaciente*) - Vá para a mesa, já lhe disse.

BARONESA (*com dignidade*) - Esse tom... Sr. Barão!...

BARÃO (*gritando, zangado*) - Já lhe disse, que vá para a ...

BARONESA (*assustada*) - Ai!... (*submissa*) Resigno-me à sua prepotência, Senhor! Vou já... (*saindo pela esquerda baixa e falando à meia voz*)... ao meu tocador banhar as faces com a essência da formosura. (*sai. O Barão passeia muito desorientado de um lado para outro, Cordolinda e Guilhermina entram pela esquerda alta, de braço dado*)

CENA XIII  
Barão, Cordolinda e Guilhermina

GUILHERMINA - O Barão nesta sala!  
BARÃO (*serenando-se repentinamente*) - Oh! minha Senhora!...

GUILHERMINA - É levar ao maior grau de excesso a sua predileção pelas flores, Sr. Barão!

BARÃO (*amável*) - Por que diz V. Ex<sup>a</sup>. isto, minha Senhora?

GUILHERMINA - Pois não?! Inebria-se ante as perfumosas rainhas dos vergéis, enquanto está a inexperiência dos nossos corações exposta aos projectis que nos arremessam os olhos dos seus convidados. Sabe que a sua presença é o nosso santelmo.

BARÃO (*galantemente*) - Por que não diz antes V. Ex<sup>a</sup>. que o seu espírito é a força centrífuga que a livra desses perigos?

GUILHERMINA (*sorrindo-se*) - Lisonjas, Barão.

BARÃO - Verdades, Sra. D. Guilhermina. (*vozes altercando à direita alta*). Alguém me procura na ante-sala; V. Ex<sup>a</sup>. há de permitir-me que a deixe por alguns instantes exposta a um perigo real (*apontando para as flores*)... à inveja das suas vencidas rivais! (*beija a mão de Guilhermina e sai apressado pela direita alta*)

CENA XIV  
Cordolinda e Guilhermina

GUILHERMINA - O seu papai ainda é um galante cavalheiro!



CORDOLINDA - Muito pelo ranço da escola antiga! - Um pai bárbaro... um pai tirano! (*assentam-se*)

GUILHERMINA - Santa Virgem! - É então um pai de tragédia?

CORDOLINDA - Se a Senhora soubesse dos seus horríveis planos!... que horror! Tenho, qual espada de Dâmocles, a desgraça suspensa sobre a minha cabeça! As minhas derradeiras esperanças estão num fogareiro com carvão.

GUILHERMINA (*aterrada*) - Um suicídio!... Jesus!... O que há então, minha pobre amiga?

CORDOLINDA - Papá... pretende... (*com esforço, escondendo o rosto entre as mãos*) ... pretende casar-me!

GUILHERMINA (*surpresa*) - Casá-la?! Oh! é então essa a desgraça que tanto a consterna? (*ri-se*) Ah! ah! ah!

CORDOLINDA (*admirada*) - A Senhora ri-se?

GUILHERMINA - Achei graça no seu horror. Olhe, minha linda amiga, há muito quem goste dos tais horrores! Eu, por exemplo, que aos 14 anos cingi a fronte com a simbólica capela de flores de laranjeiras, conto não chegar aos 30, os quais infelizmente batem-me à porta, sem coroar-me com as rosas de um terceiro himeneu.

CORDOLINDA - Meu Deus!... pois a Senhora já casou-se duas vezes?

GUILHERMINA (*rindo-se*) - E enviuei outras duas. Já vê que os pretendentes ao tálamo nupcial nunca me horripilaram.

CORDOLINDA - É porque nunca pretendiram sacrificá-la a um...

GUILHERMINA - ... Poeta?... Santa Ana!... fuja deles, minha menina.

CORDOLINDA (*pesarosa*) - Ai! não!... não é com um poeta que querem-me casar. É com um... Nem os meus lábios podem proferir semelhante adjetivo.

GUILHERMINA - Oh! não julguei que houvesse coisa mais medonha do que um poeta!

CORDOLINDA (*ressentida e sentimental*) - Para que fala assim desses entes privilegiados que conversam com os anjos e com as estrelas?... esses gênios que traduzem as místicas melodias da criação e que compreendem a linguagem das auras e das flores?... que têm-se por confidente dos seus sonhos e devaneios a diva dos mistérios e da saudade! esses condutores do sentimento, que se elevam às altas regiões do sentimento, que vivem por toda a imensidade dos séculos!... que pairam sobre o infinito da imortalidade!... (*faz pequena pausa para respirar*)

GUILHERMINA (*condoída*) - Pobre moça!

CORDOLINDA (*com enlevo*) - Oh! os poetas!... os poetas!... (*ergue-se*)

GUILHERMINA (*irônica, erguendo-se*) - Serão muito boas pessoas, minha querida! Cá para mim tenho-os em conta de gente das arábias, nada quero com eles! Sempre são homens que nunca falam a



verdade!... E depois, nunca estão em disponibilidade: todos eles têm *elas*!

CORDOLINDA - A senhora faz parte da horrível seita do ceticismo da alma?

GUILHERMINA (*rindo-se*) - Com plena aprovação do bom senso.

CORDOLINDA (*erguendo as mãos*) - Graças, meu Deus, graças, por terdes me conservado todo o fervor das minhas crenças virginais! (*Guilhermina faz grandes esforços para não rir-se*) A minha suprema ambição foi sempre ser a musa inspiradora desse cérebro ensandecido, dessas imaginações de fogo!... Ocupar esses corações de ardentes lavas... ouvir pronunciar por esses lábios que nos escaldam a mão a palavra - amor!... Sentirmos no nosso ombro os ardores dessas cabeças de labareda!...

GUILHERMINA (*rindo-se*) - Misericórdia!... quanto fogo... quanta labareda! Quem lhe dera, para apagar o incêndio das suas ideias, todo o gelo que eu tenho no coração!

CORDOLINDA (*em desalento*) - Mísera de mim!

GUILHERMINA - Quando eu digo que os poetas são das arábias!... Quer um conselho, D. Cordolinda? Deixe-se de poesias e ame a prosa: é com esta que nos achamos nas provas da vida real.

CORDOLINDA (*fitando-a desdenhosa*) - A senhora sabe o que é a poesia?

GUILHERMINA - Se sei!... e sem descobrir nenhuma pólvora! A poesia é uma bolha de sabão dourada pelos raios do sol da nossa fantasia, uma linda quimera que seduz o espírito... de passagem! Eis a minha definição; agrada-lhe?

CORDOLINDA - Ai de mim!... nunca sou compreendida! Sempre os voos de meu entusiasmo abatem-se ao peso do prosaísmo e da indiferença! Nunca encontro uma alma irmã da minha, como eram aqueles dois cabritinhos nascidos da mesma cabra, de que nos fala o Sr. de Chateaubriand na sua *Atala*! Ai!... pobre águia implume, encerrada nas grades das conveniência da vida!... (*assenta-se*)

GUILHERMINA - Está bem, tréguas à poesia! É melhor guardar essas excursões às altas regiões *ignotas* do desconhecido, para o empório das puerilidades, para as horas de um baile. (*carinhosa, tomando-lhe a mão*) Ame um homem deste mundo, semelhante aos outros homens, que fale e sinta como todos falam e sentem.

CORDOLINDA (*com veemência*) - Amar um ente vulgar!... um analfabeto das musas!... *Jamais* nunca!... (*com enlevo*) Meu coração já pertence a um poeta!

GUILHERMINA (*encolbendo os ombros*) - Deu uma prova de péssimo gosto! Todos os poetas são uns barbaças feios, carecas... e pobres, o que é o pior da festa!

CORDOLINDA (*erguendo-se indignada*) - Pobres, eles?... Inteligentes, cheios de gênio, de entusiasmo, de aspirações!...

GUILHERMINA (*rindo-se*) - Ah! ah! ah! que belos valores para o mercado da vida real!... Contanto que não aspirem a comer os bons melões, porque não é com o gênio, nem com o entusiasmo que eles se compram... (*ri-se*) Ah! ah! ah!

CORDOLINDA (*despeitada*) - A senhora ri-se de tudo!... até do próprio sentimento!

GUILHERMINA - Quer que não me ria mais? Fale asiadamente, e escolha um marido que esteja no caso de a tratar com decência e dignidade, e esqueça-se das tais cabeças de alcatrão, que só ardem nas noites de festas.

CORDOLINDA - Cabeças de alcatrão?...

GUILHERMINA (*sorrindo-se*) - Ou de fogo, o que vem a ser a mesma coisa. Mas tratemos de outro assunto; nada mais de poetas. (*reparando para a esquerda alta*) Qual!... é poste de que é difícil fugir! - Ei-los conosco. (*entram pela esquerda alta, Juvenal e Piramo*)

#### CENA XV

As mesmas, Juvenal e Piramo

PIRAMO - Eu bem previa que só entre as flores se encontraria Daphne e Flora! Oh! como estávamos tristes!...

Saudosos murmuram zéfiros  
Nas murtas e magnólias  
Modulando os doces carmes  
Em suas harpas eólias

(*oferece o braço à Cordolinda*) V. Ex<sup>a</sup>. quer dar-me a ventura de uma digressão? (*Juvenal oferece o braço à Guilhermina*)

GUILHERMINA (*aceitando o braço e rindo-se*) - Creio que a Daphne sou eu!... neste caso, faço sinceros votos para que nunca os meus ramos lhe engrinaldem a frente nas lides de Apolo. (*continuam a conversar passeando*)

PIRAMO (*passeando*) - A Sra. D. Cordolinda é uma perfeita violeta! Foge à admiração dos nossos olhos e oculta-se entre as purpúreas e esmeraldinas flores, que embalsamam este delicioso oásis, verdadeiro bosque dos preciosos prodígios da natureza vegeto-tropical! (*continuam a conversar*)

GUILHERMINA (*a meia voz com Juvenal*) - Cuidado com as metamorfoses do seu amigo! Principiou transformando-nos em divindades campestres e acaba por mudar o seu lindo salão do bairro do Catete em uma estufa do Haiti.

JUVENAL (*alteando a voz*) - O meu amigo, Sra. D. Guilhermina, ardente adorador das virgens do Olimpo, só usa da sua linguagem poética e figurada.



GUILHERMINA - Muitas tolices se dizem na tal linguagem!

CORDOLINDA (*a meia voz a Piramo*) - É uma prosaica.

JUVENAL (*alto*) - V. Ex<sup>a</sup>. não gosta de poesia?

GUILHERMINA (*alto*) - Já me acho velha para isso.

PIRAMO (*a meia voz*) - Recebeu a minha carta?

CORDOLINDA (*no mesmo tom*) - Tenho-a sobre o coração. (*Piramo beija-lhe a mão*)

GUILHERMINA (*notando o beija-mão*) - Aquilo será uma silepse da tal linguagem?

JUVENAL (*rindo-se*) - É uma reticência (*Guilhermina não pode conter uma gargalhada, os dois voltam-se espantados*) Desculpem-nos; apreciávamos as figuras da sua retórica.

#### CENA XVI

Os mesmos, Horácio, Carlos e alguns moços pela esquerda alta

HORÁCIO - Sra. D. Guilhermina, V. Ex<sup>a</sup>. tem neste momento a minha fortuna em suas mãos.

GUILHERMINA (*amável*) - Preferia que fosse o seu coração: o fato seria mais lisonjeiro para mim.

HORÁCIO (*galantemente*) - E para mim - original.

GUILHERMINA - De que se trata?

CARLOS - De uma aposta que fizemos, cuja decisão depende de V. Ex<sup>a</sup>.

GUILHERMINA (*sorrindo-se*) - Isto coloca-me em sérios embaraços: e o objetivo da aposta?

HORÁCIO - É a escolha da peça que V. Ex<sup>a</sup>. vai cantar neste momento.

GUILHERMINA (*rindo-se*) - Neste momento?! Dispõem com muita facilidade da minha garganta!

CARLOS (*amável*) - Confiamos na sua bondosa condescendência.

HORÁCIO - Eu afirmarei que a força dos agudos de V. Ex<sup>a</sup>. tinha sido adivinhada por Verdi e Meyerbeer.

CARLOS - E eu estou convencido de que Mesquita e Carlos Gomes estudaram os doces médios de V. Ex<sup>a</sup>.

GUILHERMINA (*complacente*) - Não se pode exigir com mais gentileza um romance do *Vagabundo* e uma ária da *Traviata*.

ALGUNS MOÇOS - Muito bem!

GUILHERMINA - Conciliei os ânimos?

CARLOS - V. Ex<sup>a</sup>. decidiu como uma Salomoa!

HORÁCIO - Como uma Senhora de espírito! (*oferece-lhe o braço*)

GUILHERMINA (*aceita-lhe o braço e encaminha-se para o piano*) - Por muito pouco se obtém o espírito num salão! (*assenta-se ao piano e preludia alguns acordes. Durante o prelúdio entram pela esquerda alta muitas senhoras e cavalheiros, os quais agrupam-se perto da cantora. Cordolinda assenta-se afastada e dá muita atenção a Piramo, que lhe fala em voz baixa, encostado às costas da cadeira. Guilhermina canta:*)



Addio, del passato  
Bisogne ridente  
Le rose del volto  
Jia suono pallente.

(entra o Barão pela direita alta)

CENA XVII

Os mesmos, Barão, um  
procurador e dois oficiais de justiça.

BARÃO (com a voz muito alterada) - Meus senhores, um negócio de suma importância... (todos se erguem) Façam-me o favor de passar a outra sala...

PROCURADOR (secamente) - Acho melhor que S. Ex<sup>a</sup>. comunique o caso aos seus amigos: concluída nesta sala, temos de continuar a penhora nas outras.

TODOS (menos os recém-chegados) - A penhora!... (saem todos pela esquerda alta na maior desordem. Piramo é o primeiro que desaparece)

CORDOLINDA (desmaiando nos braços de Guilhermina) - Ai!...

GUILHERMINA (condoída, amparando-a) - Coitada! (acomoda-a numa poltrona)

CENA XVIII

Os mesmos, menos Piramo,  
Horácio, Carlos e os convidados

BARÃO - E... não haverá algum meio de sustar a execução?

PROCURADOR - Só o pronto pagamento do principal juros e custas. - Mas eu acho mais acertado que V. Ex<sup>a</sup>. deixe levar tudo quanto existir aqui, porque enquanto houver um objeto nesta casa, há de ser sempre incomodado.

UM OFICIAL - Em nosso poder estão uns poucos de embargos para serem executados.

PROCURADOR - Já vê, portanto...

BARÃO (abatido) - Tem razão. (deixa-se cair assentado sobre uma cadeira)

CORDOLINDA (reanimando-se e procurando com os olhos). E Piramo?

GUILHERMINA - A poesia detesta a prosa, minha pobre amiga; foi ele o primeiro que fugiu!

CORDOLINDA (chorando) - Oh! as minhas esperanças!...

PROCURADOR - Faz-se tarde: estamos às ordens de V. Ex<sup>a</sup>.

BARÃO (ergue-se resoluto) - Mereci este vexame: façam o seu dever. (Juvenal sai apressado pela esquerda alta)

CENA XIX

Barão, Cordolinda, Guilhermina, o procurador,  
os oficiais de justiça e depois a Baronesa.

PROCURADOR - V. Ex<sup>a</sup>. há de desculpar-me: bem vê que o penoso dever do foro... (aos oficiais) Principiemos pelas paredes...

BARONESA (*pela esquerda alta*) - Barão!... é verdade que?... (*recua tragicamente ao aspecto dos oficiais de justiça, que se adiantam*) Céus!... Oh! insanos monstros insaciáveis!...

BARÃO (*puxando-a pelo braço*) - Escolhe mal o momento para representar uma cena cômica, Sra.! É melhor que contemple em silêncio a consequência das suas loucuras!... (*a Baronesa fica fulminada*) Eis no que dão todas as imposturas e ostentações!

## CENA XX

Os mesmos e Honório de Sá pela direita alta.

BARONESA - O filho do...

CORDOLINDA - Ele?! (*o Barão olha-as ameaçador*)

HONÓRIO (*ao Barão*) - Peço desculpa a V. Ex<sup>a</sup>.

BARÃO - A que circunstância devo a honra da visita do Sr. Sá em uma tão triste ocasião?

HONÓRIO - Tomei a liberdade de vir oferecer a V. Ex<sup>a</sup>. a minha intervenção nesta desagradável extremidade, animado pelo beneplácito do Sr. Cônego Silva que me encarregou de entregar-lhe esta carta. (*enquanto o Barão lê atentamente a carta, vai falar ao procurador e oficiais de justiça, estes, depois de consultaram-se entre si, respondem com um gesto afirmativo e retiram-se pela direita alta, fazendo muitas cortesias*)

## CENA XXI

Os mesmos, menos o procurador e os oficiais de justiça

BARÃO (*depois de ler a carta*) - O Sr. seu pai pede-me por intermédio de meu cunhado a mão de minha filha para o Senhor... (*movimento nas Senhoras*)

HONÓRIO - Pondo à disposição de V. Ex<sup>a</sup>. como parte do dote da noiva o capital necessário para saldar todos os seus débitos.

BARONESA (*indignada*) - Não aceito!... com o filho de um...

BARÃO (*severo*) - Senhora!

BARONESA - Porém, Barão...

BARÃO - Cale-se! Agradeço-lhe o seu favor e mais ainda a sua honrosa proposta, porém... não a aceito.

HONÓRIO (*consternado*) - Não aceita!...

BARONESA (*triumfante*) - Exultem as pretéritas gerações!

CORDOLINDA (*à meia voz*) - Piramo... respiro!

BARÃO - Não a aceito, porque minha filha não o merece.

BARONESA - Blasfêmia!... Sacrilégio!...

BARÃO - Ela o levaria à desgraçada situação em que me vê.

HONÓRIO - Mas... se eu amo-a tanto!... se não posso ser feliz sem a sua posse!... V. Ex<sup>a</sup>. com os conselhos de sua experiência...



BARÃO (*depois de breve reflexão*) - Ela que lhe responde e eu saberei cumprir o meu dever. (*leva-o para junto de Cordolinda e passeia afastado deles; Guilbermina vai para junto da Baronesa e busca moderar-lhe os trágicos ímpetos*)

HONÓRIO (*depois de algumas frases animadas*) - Amor não se sujeita às conveniências! Amo-a ardentemente e isto desculpa a minha insistência. A ventura de toda a minha vida pende dos seus lábios...

CORDOLINDA (*estendendo-lhe a mão*) - O meu coração e a minha mão pertencem ao homem que salvou a honra de meu pai!

BARONESA (*correndo ameaçadora para a filha*) - Desgraçada!... (*recua ao olhar do Barão*)

HONÓRIO (*transportado de júbilo e beijando a mão de Cordolinda*) - Obrigado! Oh! como me faz feliz!...

BARÃO (*aproximando-se*) - E eu velarei por essa ventura, Sr. Sá! (*a Baronesa e Guilbermina rodeiam Cordolinda, uma, risonha e satisfeita e outra, ameaçadora e ralhando*)

HONÓRIO (*beijando a mão ao Barão*) - Sou moço; preciso do seu auxílio.

BARÃO (*muito comovido*) - Deus lhe dê a energia que me faltou. Vou trabalhar para restituir à minha filha o empréstimo que me faz do seu dote e mostrarei a meu genro que não é impossível a reabilitação moral do homem, a quem causas maiores afastaram do cumprimento dos seus deveres. Por mais difícil que me seja, Sr. Sá, hei de convencê-lo de que não sou indigno da estima de um homem de bem. Esta casa vai fechar as suas portas a esses falsos

e famintos amigos, que não tardarão a espalhar por toda a cidade o deplorável fato que os afugentou desta sala. A ordem, o trabalho e a economia serão os elementos da nossa regeneração social. (*continuam a conversar passeando*)

CORDOLINDA (*à mãe, a meia voz*) - Mas, mãe, ele é tão rico!... (*baixo a Guilbermina*) - Ai! lá se vão os meus anelos... as minhas ilusões...

GUILHERMINA (*afagando-a*) - E que façam boa viagem! A verdadeira felicidade fica-lhe aqui na santa e plácida comunhão da família.

## CENA XXII

Os mesmos, Mariana e César,  
pela esquerda alta e baixa.

CÉSAR (*respeitoso*) - O Sr. Barão determina alguma coisa para o serviço do seu aposento?

MARIANA (*muito adocicada*) - A que horas quer a Sra. Baronesa entrar para o seu *tualetto*?

BARÃO (*atalhando a resposta da Baronesa*) - Nem eu nem a senhora precisamos mais dos seus serviços; estão desde já despedidos de nossa casa.

MARIANA (*choramingando*) - Que ingratidão!... Depois de tanto tempo... E tomem lá amizade aos amos!...

CÉSAR (*contristado*) - O Sr. Barão não há de encontrar outro servo que lhe seja tão fiel e dedicado, e... (*limpando os olhos com a manga*) ... tão seu amigo.



BARÃO - Compreendo-os. Vocês têm bom faro e melhores ouvidos. Tragam já os seus recibos para serem pagos de tudo quanto se lhes deve. (*os dois hesitam*) Não ouviram? Saíam imediatamente! (*saem os dois chorando e protestando pela esquerda baixa e alta*)

## CENA XXIII

Os mesmos, menos Mariana e César

BARONESA (*arrebataada*) - Despedir a minha aia!... não o permito! (*vai à esquerda baixa*) Venha cá, ó Mariana!

BARÃO (*interpondo-se*) - Peço-lhe que perca o hábito de contrariar as minhas ordens.

BARONESA (*irritada*) - Porém, senhor!...

BARÃO (*com firmeza*) - Porém, senhora!... Vmê, já passou da idade em que são precisos os serviços de uma aia.

BARONESA (*furiosa*) - Oh! isto ultrapassa tudo quanto se pode imaginar!... (*entra sem ser apercebido o Cônego Silva, pela direita alta*) Eu vou...

## CENA XXIV

Os mesmos e o Cônego Silva

BARÃO - Modere o seu nobre entusiasmo. A sua vida, Sra. D. Domingas, vai tomar uma direção mais digna e mais cordata... Ah!... e Juvenal?...

CÔNEGO (*aproximando-se*) - Encontrei-o na rua, acompanhando os seus baús para o hotel; viu-se no caso do - salve-se quem puder.

BARÃO (*tristemente*) - Não mente à educação que recebeu.

## CENA XXV

Os mesmos; todas as pessoas que fugiram da sala entram espavoridas pela esquerda alta e saem pela direita alta levando os lenços cheios de doces, frutas, etc., atravessam a cena na maior desordem, atropelando uns aos outros para ganharem a saída.

CÔNEGO (*indicando-os com o bastão*) - Veem como fogem os urubus?... Julgam-no já exangue!

BARONESA (*com efusão*) - Meu irmão!... (*quer abraçá-lo*)

CÔNEGO (*afastando-a com a ponta do bastão*) - Psiu!... suma-se para longe... Os abraços ficam para quando tiver juízo. E ande-me direitinha, se não trancafi-a no hospício dos doidos!...

GUILHERMINA (*alegremente*) - Finalmente!... posso saudar a junção da prosa com a poesia.

BARONESA (*dolorosamente*) - Minha filha casar-se com o filho de um...

HONÓRIO (*sorrindo-se e beijando-lhe a mão*) - ... Negociante de carne seca, Sra. Baronesa!

(*cai logo o pano*)



*A Ressurreição do  
Primo Basílio*

A PROPÓSITO CÔMICO EM UM ATO

TEATRO BRASILEIRO

*A Ressurreição do Primo Basílio*  
A PROPÓSITO CÔMICO EM UM ATO

ESCRITO POR UM CALOURO

(original da escritora brasileira D. Maria Ribeiro -  
letra do próprio punho da autora)  
Rio, 23 de outubro de 1879

Aos distintos apologistas da  
Literatura realista  
D. C. e O.

Um  
Calouro

Este manuscrito foi impresso pela primeira vez na  
Tipografia Carioca em formato 8° por Dias da Silva Júnior  
Rio, setembro de 1878

[Reprodução do formato do manuscrito]



### Personagens

BARTOLOMEU DA SILVA, 40 anos

PASCOAL DA COSTA, 50 anos

DR. PANFÍRIO, 28 anos

MANOEL INÁCIO, 30 anos

JOSÉ PEREIRA, 25 anos

INOCÊNCIA DAS VIRGENS, 35 anos

QUERUBINA DOS ANJOS, 18 anos

VITÓRIA COLOMBA, 20 anos

### Época

Atualidade

### Ação

Rio de Janeiro, Junho - 1878

## UM BASILISTA<sup>1</sup>

### ATO ÚNICO

*Sala esteirada, forradas as paredes a papel branco com ramagens verde claro; janelas ao F, com cortinados de cretone azul e gaiolas de canários. Escrivania ao F. Divã à D., mesa com tinteiro e papéis à E. Cadeiras, uma poltrona à Voltaire. Entradas e saídas aos lados. Os canários devem cantar durante as primeiras cenas.*

229

### CENA I

Bartolomeu e Pascoal assentados

BARTOLOMEU - É coisa decidida: há só questão de tempo.

PASCOAL - Nem reflètes nos prejuízos que necessariamente hás de sofrer com o abandono em que deixas a casa em semelhante quadra?

<sup>1</sup> Este título, diferente do que consta da folha de rosto do manuscrito do texto, aparece como alternativa para uma nova edição ou uma nova versão para encenação. [N. O.]

BARTOLOMEU - Causa-me transtorno, é exato, mas se eu não posso suportar este Rio de Janeiro com os *Cassinos*, *Mozarts*, homens peixes, anões da Sibéria... Ora [...]², tudo! Não posso continuar nesta pasmaceira, neste ferro do [...] fluminense. Com-punge-me a marcha rápida da nossa retrogradação realista neste nosso Cruzeiro do Sul que se entenebrece e - na frase do Padre Agostinho de Macedo: - Seu perene fulgor converte em sombras, - E em seus passos retrógrados caminha para o bárbaro estado, [...]. Nada: preciso sair desta récuca de sensaborias! Preciso passear, ver, gozar o fruto proibido! Quero experimentar o [...] dessas emoções incógnitas tão decantadas pelo [...] dos escritores portugueses. Esse insigne [...] das coisas reais da humanidade! Esse percurso do realismo!

PASCOAL (*estupefato*) - Por que ares e ventos anda essa cabeça!

BARTOLOMEU - Quero percorrer estes festejados lugares da lusitana plaga! Irei comer queijadinhas à Cintra e beber vinho em Colares [...] nem me hei de esquecer das rolas de [...] e do poético Penedo da Saudade! Hei de ir ao verão, de casaco branco e chapéu de palha, passar algumas sextas à sombra dos freixos da Penha Verde: talvez que lá encontre algumas recordações da Tia Jojó!

PASCOAL (*maravilhado*) - Mas [...] isto é uma imaginação impossível!

² As palavras ilegíveis no manuscrito indicam-se, nesta edição, pelas reticências entre colchetes. [N. O.]

BARTOLOMEU - O que queres! O meu entusiasmo não me deixa sossegar! Levo noite e dia embevecido naquele tempo!... Ora, que [...]! O que valem as encomendas de uma viagem e a perda de algumas dezenas de contos de réis, quando daí resulta o nosso sossego, a nossa felicidade! (*pequenina pausa*) Se eu lá alcançasse alguns pormenores do *Crime do Padre Amaro*...

PASCOAL (*mirando-o*) - Deu-te então a ferra-da para leres romances realistas depois de velho?... Sim senhor! - está bonito! Não há louco sem a sua mania. (*ergue-se*)

BARTOLOMEU (*erguendo-se*) - E a tua é a de censurar todos os atos alheios, meu *Sebastião*! (*aparece José Pereira à D. A.*) Venha, venha, Sr. José Pereira. (*José Pereira entra*)

## CENA II

### Os mesmos e José Pereira

BARTOLOMEU - Já passa das 8 horas e há [...] trabalho com a entrada do pacote. (*assenta-se à escrivaninha. Pascoal assenta-se na Voltaire e lê o Diário de Notícias*)

JOSÉ PEREIRA - Vª. Sª. não acha acertado que eu vá agora ao Correio buscar a correspondência?...

BARTOLOMEU - Daqui a pouco. (*distraindo*) E... quando está de volta?

JOSÉ PEREIRA - Em uma hora...

BARTOLOMEU - Em uma hora! Você está



no mundo da lua?... Então o pacote há de ir e voltar da Europa em uma hora?

JOSÉ PEREIRA - Ah!... V<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. falará do vapor do Norte? Há alguma remessa para os secados do Ceará?

BARTOLOMEU - Qual secados nem secantes! Isso são negócios para o príncipe *Natureza!* O meu entusiasmo é com o *primo Basílio*.

JOSÉ PEREIRA - Com o senhor seu primo?...  
(*Pascoal ri-se*)

BARTOLOMEU - ... Basílio, sim. Logo trataremos dele. Escreva-me dois anúncios. (*José Pereira assenta-se à mesa e prepara-se para escrever. Ditando:*) "Atenção!!" - dois pontos de admiração - "Para uma casa de tratamento precisa-se de um cocheiro inteligente e versado no governo de *tipóias e coupés*; não se olha ao ordenado, só exige-se que ao seu nome de batismo junte o apelido de Pintéus. (*risadas de Pascoal*) Dirijam-se ao escritório da Gazeta." Vamos ao outro. (*ditando:*) "Compra-se em algum dos arrabaldes da Corte uma casa de modesta aparência, mas que tenha proporções para ser transformada em um *paraíso* para aqueles que nela residirem: não se faz questão do preço: no escritório da Gazeta."

PASCOAL - Está *gira*, está!

BARTOLOMEU - Agora temos caso [...] girar e: duas declarações para todos os jornais.

PASCOAL - Pois realmente levas a efeito essa loucura?! (*ergue-se*) O que há de pensar o Corpo do Comércio de semelhante extravagância?! Como se há de comentar na Praça esse fato?

BARTOLOMEU - Pensem e comentem como quiserem! Que ferro! Então por que não posso dispor do meu nome como me aprover? Por alterá-lo não deixo de ser homem de critério e nem me despeço dos foros de comerciante honrado; creia sr. José...

PASCOAL - Ó cabeça estarrada! - atende a razão.

BARTOLOMEU (*impaciente*) - Ora... *pulbas*. Não me tomes o tempo com as tuas *sebastianices!* Tenho pressa de mandar despachar as excelentes e modernas fazendas que o Pacote me trouxe ontem.

PASCOAL - Há entre elas boas sedas de peso?

BARTOLOMEU - Majestosas! [...] da cor da moda... azul claro, último chic. Gorgorões, popelinhas, [...], gazes, lãs, [...], bordados, [...], capas-dolmans, echarpes, [...] confecções, meias [...] ...

PASCOAL - Só quero algumas peças de seda; cedas-me pelo preço da fatura?... é dinheiro à vista.

BARTOLOMEU - Cedo-tas com uma condição.

PASCOAL - Dize-a.

BARTOLOMEU - Há de anunciá-las à *primo Basílio*.

PASCOAL (*rindo-se*) - Não seja essa a dúvida: irão à *primo Basílio*; amanhã virei escolher.



BARTOLOMEU - Recomendo-te a cor azul e o xadrez largo - à Basílio: escreva sr. Pereira.

JOSÉ PEREIRA - Ao sr. Basílio? (*risadas do Pascoal*).

BARTOLOMEU - Para os jornais: escreva. (*Ditando:*) "Bartolomeu Joaquim dos Santos, previne a Praça [...] seus amigos, que desta data em diante chamar-se-á - Bartolomeu dos Santos Basílio."

PASCOAL (*para José Pereira*) - Está ou não está varrido?

BARTOLOMEU - Vamos ao outro. (*ditando:*) O abaixo assinado declara a quem interessar que por haver outro de igual nome passa a chamar-se José Pereira Basílio.

JOSÉ PEREIRA (*espantado*) - Eu, senhor?! (*gesto afirmativo de Bartolomeu*). O Sr. Santos há de perdoar-me: não mudo o meu nome de família; José Pereira nasci, José Pereira hei de morrer.

BARTOLOMEU (*zangado*) - Heim?!... Pois você, seu [...], ainda não largou o pelo e já quer se fazer de gente?...!

JOSÉ PEREIRA - Porém, senhor, eu não sou seu parente para usar o mesmo apelido; além de que, - não conheço outra pessoa de igual nome.

BARTOLOMEU - E pelo Carnaval, seu lanhudo, não se encontra Josés Pereiras aos cardumes?!

JOSÉ PEREIRA (*contrariado*) - Mas, senhor meu amo...

BARTOLOMEU (*zangado*) - Mas, senhor meu

caixeiro! - Saiba que sigo, no Comércio, a velha escola dos bons negociantes do tempo antigo. Exijo obediência absoluta e cega nos meus empregados. O senhor há de obedecer-me ou sair de minha casa.

PASCOAL (*impaciente*) - Isto já passa de idiotismo!...

BARTOLOMEU (*batendo o pé*) - Ó ferro dos meus pecados!... não me atazanas a paciência!

PASCOAL (*zangado*) - Se eu fosse o José Pereira...

BARTOLOMEU - Sairia imediatamente para a rua se não quisesse ser Basílio.

JOSÉ PEREIRA (*aturdido*) - Hom'essa?!...

PASCOAL (*rindo-se*) - Sim senhor, está bonito!

BARTOLOMEU - Acabemos com esta pulha; em que ficamos, Sr. Pereira?

JOSÉ PEREIRA [...] - Realmente... eu não sei se...

BARTOLOMEU (*a meia voz*) - Já tem outro arranjo?... (*gritando*) Então! Não ouve?... Faça o favor de resolver-se: vai ou fica?...

JOSÉ PEREIRA (*suspirando*) - Fico.

PASCOAL (*rindo-se*) - A "bem da pátria dos Basílios"!...

BARTOLOMEU (*sério*) - Como é seu nome de ora em diante?

JOSÉ PEREIRA (*de mau humor*) - José Pereira Basílio.

BARTOLOMEU - Acabe o anúncio e leve-o ao *Jornal do Commercio, Diário Oficial, Gazeta de Notícias, Cruzeiro, Diário do Rio, A República*... Ainda há República?...

JOSÉ PEREIRA [...] - Não sei, não Sr. (*risadas do Pascoal*)

PASCOAL (*desdenhoso*) - É mesmo um José Pereira...

BARTOLOMEU [...] - É menos peludo do que eu o supunha; fica à lista da casa durante a minha ausência. Leve os anúncios.

PASCOAL - Sim senhor, está bonito! (*José Pereira sai pela D. A.*).

### CENA III

Bartolomeu e Pascoal

PASCOAL - Sim senhor! Está bonito! E com esta vou dizer adeus à comadre. (*toma o chapéu*) Deus te dê juízo... (*sai pela E. A.*).

BARTOLOMEU - E pachorra para se sofrer! (*saindo pela D. B.*) Que ferro!... (*sai ao tempo que entram pela E. B. Querubina e Vitória.*)

### CENA IV

Querubina e Vitória

VITÓRIA - Passe muitas noites assim e ficará muito bonita com os seus olhos de coelho e o seu nariz de quem toma tabaco! Chorar uma noite inteira! Isso tem lá jeito!

QUERUBINA - O que mais posso eu fazer?

Meu tio declarou positivamente que por sua vontade só me casarei com um escritor de romances e dramas, ou então com algum negociante de Minas. Eu sou menor e ele é meu tutor... É pena! Anda tão *dandy*! Ainda ontem vi-o passar com umas ferraduras...

VITÓRIA (*surpresa*) - Com ferraduras!?...

QUERUBINA - ... na gravata de cetim preto, no peito e punhos da camisa...

VITÓRIA - Ferraduras!...

QUERUBINA - ... de prata, cravejada de pérolas, é o último *chic*.

VITÓRIA - É esquisito!

QUERUBINA - Deslumbrante! E quando ele está de gravata encarnada, calças de xadrezes largos, casaca azul e flor no peito?...

VITÓRIA (*desdenhosa*) - Casaca azul e flor no peito... Já não está aqui quem falou!

QUERUBINA - É esplêndido! - tão cheio de dengues... sempre com as mãos nos bolsos, chapéu ao lado...

VITÓRIA - À Capoeira!...

QUERUBINA - Se não me casas com ele não casarei com mais ninguém: vou para um convento.

VITÓRIA - Que tolice! Deus fará tudo por melhor... (*olhando para a D. B.*) Lá vem o senhor seu tio... cante-lhe alguma música italiana... (*cantando:*) *Di cá, di lá...* (*saindo pela E. B.*) *Per lá citá...*



CENA V  
Querubina e Bartolomeu

BARTOLOMEU (*pela D. B. cantando:*) - Di cá, di lá, Per lá citá, Andiamo, a trasnnotari ...

QUERUBINA - Bravo! - Como vem o meu titio tão contente! (*beija-lhe a mão*) É verdade que chegou o Paquete? E... (*acariciando-o*) o corte de vestido que me prometeu?

BARTOLOMEU (*batendo-lhe na face*) - Caconca!... como canta! Hás de ter um rico vestido de [...] azul claro e um mimoso chapéu de palha de arroz com miósotis azuis, vindo da loja da M<sup>me</sup> François... do Porto. Dar-te-ei ainda muitas outras coisas esplêndidas, importantíssimas, surpreendentes novidades à Basílio.

QUERUBINA - À Basílio!?

BARTOLOMEU - Sabes que desgostas-me muito sem o saberes?... Tens um nome implicante para os meus nervos!

QUERUBINA - Pelo quê?... Um nome tão bonito! Querubina dos Anjos e Silva...

BARTOLOMEU - Querubina dos Anjos, que ferro! E Silva, de mais a mais, apelido de quem usa qualquer *piorra*, qualquer *pão e queijo* de certos lugares! Nada, é preciso te crismares em Basílio.

QUERUBINA - Crismar! Que ideia! E para que, titio? É um nome tão chato... tão prosaico!... o nome do tio Basílio no *Fantasma Branco*...

BARTOLOMEU - Sabes um desejo que nutro a teu respeito? O de comprar-te uma escrava bonita mulatinha da Bahia que saiba cantar *melopeias* bem choradas, como esta por exemplo: (*recita, com surdina*) *Para o mar a pardinha/ Seus olhos alonga/ No alto coqueiro/ Cantava a araponga*. Heim?... Não gostaria mais de ter uma escravinha de tipo americano dizendo, *iáíázinha, me perdoe* ... em vez de lidares com essas iscas secas, essas favas torradas que só sabem gaguejar em falsetes as *cartas adoradas*! O que dizes?

QUERUBINA - Como titio quiser: uma escrava é mais distinto aqui no Brasil.

BARTOLOMEU (*afagando-a*) - E... chamar-te-ás Basília, sim?

QUERUBINA - Se me der a mulatinha da Bahia que diz muitas Candongas...

BARTOLOMEU - Hoje mesmo vou ao Guimarães da rua do Senado, que é quem descobre [...] [...] insignes.

CENA VI  
Os mesmos e Inocência das Virgens, pela E. A.

INOCÊNCIA - Estou maravilhada com o que me acaba de dizer o nosso compadre Pascoal! Pois, tu queres viajar?!

BARTOLOMEU - Já foi ele levar-te isso ao ouvido!? Com efeito! Uma mulher não seria mais



apressada! Mas, isso não passa, por ora, de um projeto; será um passeio lindíssimo que daremos a Portugal.

INOCÊNCIA - Eu que enjoo tanto no mar.

BARTOLOMEU - Oras, hás de te acostumar como as outras mais. Inocência... Inocência! Que feio nome!

INOCÊNCIA - Feio! Achas feio o meu nome?!

BARTOLOMEU - Horribilíssimo! Inocência! Que ferro! É um vitupério, um pleonasma! Uma redundância, um anacronismo, uma falta de unidade do estilo realista, enfim!... Não concordas?

INOCÊNCIA - Eu sei cá dessas coisas?!

QUERUBINA - Titio hoje implica com todos os nomes!

BARTOLOMEU - Queres te crismar?

INOCÊNCIA - Já o fui em pequena.

BARTOLOMEU - Sê-lo-ás segunda vez.

QUERUBINA - Segunda vez é pecado!

INOCÊNCIA - Credo!

BARTOLOMEU - Ora, que pulhice! Pecado é cuspir no adro; não sejam *sebastianas*. Olha, minha mulherzinha, (*acariciando-a*) crisma-te e dar-te-ei - não só os [...] que precisas para dar à maldita saca-rolhas - como ainda te farei um valioso presente! Lembra-te daquela célebre abotoadura de pérolas que tanto admiramos na vitrina do Jacob?

INOCÊNCIA (*deslumbrada*) - As pérolas do Jacob! Ah! ... são magníficas!

BARTOLOMEU - Raríssimas! As únicas no Rio de Janeiro!: são tuas se mudares de nome.

INOCÊNCIA (*ávida*) - E... como me chamarei?

BARTOLOMEU (*terno*) - Basílio...

QUERUBINA (*rindo-se*) - Gentes!... Ah!... ah!... ah!...

INOCÊNCIA - Basílio!? Hei de também crismar o gênero?

BARTOLOMEU - Bem vêes que foi lapso. Basília, queria dizer Basília. [...] que esta noite mesmo terás as pérolas do Jacob.

INOCÊNCIA - Venham: dou-te por elas a minha Inocência. (*Querubina assenta-se e lê a Gazeta de Notícias*)

BARTOLOMEU - Iremos *lunchar* à Santa Tereza...

INOCÊNCIA (*enlevada*) - É eu que gosto tanto desses passeios!... Como és bom, meu Bartola.

BARTOLOMEU (*contrariado*) - Não me chames mais Bartola! (*com ternura*) Chama-me Bibi...

INOCÊNCIA - Bibi?!...

BARTOLOMEU - E eu te chamarei Lili. Dir-te-ei (*com ternura*), "Lili não ama Bibi" e tu me responderás (*adocicando-se*), "Lili adora - é doida - por Bibi". Hei de dar-te um *coupé* forrado de cetim, assinarei uma frisa no teatro Lírico... (*baixinho*) Hei de ensinar-te a tomar vinho de Champagne por um novo sistema - à primo Basílio...

INOCÊNCIA - Champagne à primo Basílio!...  
que sátira!... (*ladra um cãozinho à E.*).

BARTOLOMEU - Ah!... e a tua cachorrinha?  
Por que não lhe mudas o nome?

QUERUBINA - Também a cachorrinha?!...

BARTOLOMEU - Chamem-na Zizi e dar-lhei  
uma coleira e guizo de prata.

INOCÊNCIA - Coleira e guizo! Será Zizi!

BARTOLOMEU (*satisfeito*) - Muito bem! (*chamando para E. A.*) Sra. Vitória!... D. Sra. Vitória!...

VITÓRIA (*dentro*) - Já aí vou, Sr.!

BARTOLOMEU - Traga também a Joana...

QUERUBINA (*a Inocência*) - Nunca o vi deste  
feito!

#### CENA VII

#### Os mesmos e Vitória

BARTOLOMEU - E a Joana?

VITÓRIA - Está ferrada no ferro, com os co-  
letes brancos do Sr. às voltas

BARTOLOMEU - Aonde se compram [...] os  
pastéis e os bolinhos d'ovos?

VITÓRIA - Na Confeitaria da casa; na [...],  
que o Sr. mesmo diz ser a melhor do Rio de Janeiro.

BARTOLOMEU (*desdenhoso*) - Já foi, já foi. Ago-  
ra a que manda à moda da época é a do Baltresqui, a  
única que confecciona ao sistema do primo Basílio.

VITÓRIA - Não conheço a nenhum deles.

BARTOLOMEU - E como vai o nosso copeiro?

VITÓRIA - Assim!... leva todo o dia a cantar as  
tais modas da terra... tão desafinadinho - benza-o Deus!

BARTOLOMEU - Hei de ensinar-lhe o fadi-  
nho do Vimioso pelo sistema Basílio... Vamos ao caso  
para que a chamei. Quando Vmcê. determinar o jan-  
tar, recomende ao cozinheiro que prepare todos os  
molhos e guisados à moda do primo Basílio... Sopas,  
saladas, assados, legumes, ovos, etc. etc. à Basílio!

INOCÊNCIA - Ovos à Basílio!...

QUERUBINA (*rindo-se*) - Que coisa engraçada!

VITÓRIA - Ora esta!... E o cozinheiro saberá  
cozinhar por este sistema?

BARTOLOMEU - Pois que duvida! É um ra-  
paz inteligente: é pena não se chamar Basílio.

VITÓRIA (*intencional*) - E logo primo - que faz  
lembrar os *pombos* em casa!

QUERUBINA - É uma questão nova?

BARTOLOMEU [...] - [...]

VITÓRIA (*assustada*) - Bexiga?!...

INOCÊNCIA - Falta d'água e de dinheiro?

QUERUBINA - Conferências nos teatros?

BARTOLOMEU - Diga-me cá, Sra. Vitória,  
está contente com o seu sobrenome?

VITÓRIA - Sim, Sr., é um nome de encher as  
bochechas de qualquer uma casa - Colomba Augusta!



BARTOLOMEU - Colomba Augusta! Que corriqueira para a governanta de uma casa como esta! Mude para outro mais eufonético e distinto: Basília, por exemplo.

INOCÊNCIA [...] - Também ela?

VITÓRIA - Ôi!... D'onde saiu semelhante ideia, Sr.?

BARTOLOMEU - Do primo Basílio! Se o conhecessem!... trigueiro, bigodinho retorcido, chapéu ao lado, flor na casaca, gravata encarnada, meias estreadas. Olhe, Sra. Vitória, chame-se Basília e terá para a romaria de Nossa Senhora da Penha uma *toilet de foulard* cor de castanho como usava a prima Lulú do primo Babá... [...] *foulard* cor de castanho à Lulú-Babá - quer?

VITÓRIA - Pois não hei de querer! Venha o *foulard* lulú e serei Basília!

BARTOLOMEU - Estas mulheres, estas mulheres!... Pelos primos Basílios são elas capazes de todos os sacrifícios! Ah!... tentação do fruto proibido!... (*palmas à D. A.*) Retirem-se: um escritório comercial não é *club* de Basílios de ambos os sexos. (*as três saem pela E. B.*) Entre quem está!

#### CENA VIII

Bartolomeu e Manoel Inácio pela D. A.

BARTOLOMEU - É o Sr.?... Há muitos dias que o espero: Vmcê. esquece-se sempre do que promete. (*assenta-se*)

MANOEL INÁCIO - Não é esquecimento, Sr. Santos, é total impossibilidade. Tanta monta que só vim aqui para pedir-lhe mais algum tempo de espera...

BARTOLOMEU (*descontente*) - Ainda esperar! Até quando quer o Sr. que eu espere...

MANOEL INÁCIO (*tristemente*) - Se V<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. soubesse das minhas críticas circunstâncias...

BARTOLOMEU - Nem quero saber! (*ergue-se zangado*) Que ferro! Já parece pulha! (*passeia zangado*).

MANOEL INÁCIO - Ah!... Deus o livre da pobreza!

BARTOLOMEU (*secamente*) - Amém! - e dos importunos!

MANOEL INÁCIO (*triste*) - E como ao pobre chega tudo a um tempo, nasceu-me agora uma menina...

BARTOLOMEU (*parando*) - Ah!... a sua senhora teve o seu bom sucesso?...

MANOEL INÁCIO - O dela, sim, Sr. Santos.

BARTOLOMEU (*com interesse*) - E já está batizada? (*gesto negativo*) Ah! - é mau!... (*indica-lhe uma cadeira e assentam-se*) Uma criança deve batizar-se logo depois de nascida.

MANOEL INÁCIO - Além dos recursos, falta-me o padrinho. Quem quer ser compadre de um pai pobre como eu?

BARTOLOMEU - É ferro, é ferro! Mas,... se-rei eu o padrinho...



MANOEL INÁCIO - V<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>.?!

BARTOLOMEU - Pois que duvida?... Pagarei ao padre, darei o enxoval, mandarei a tipóia para o batizado e terão uma ceia no Hotel Central.

MANOEL INÁCIO (*impressionado*) - [...].

BARTOLOMEU - Agora conheço que o Sr. Manoel Inácio é um bom pai de família e se não é mais pontual no cumprimento dos seus deveres é por dificuldades *reais*; e contra o realismo não há argumento nem lógica possível! Eu cá opto pelo realismo: e o Sr.?... (*Manoel Inácio faz um gesto de estranheza*) Já escolheu o nome para a batizanda?

MANOEL INÁCIO - Ainda não, se V<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. tem algum de vossa predileção...

BARTOLOMEU - Tenho, tenho; Basília. O imortal Rossini e o grande Dr. Macedo, da *Moreninha* usavam desse nome nos seus monumentos gloriosos!

MANOEL INÁCIO - Eu sei: o D. Basílio do *Barbeiro de Sevilha* e tio Basílio no *Fantasma Branco*.

BARTOLOMEU - Agora não é do tio, é do primo Basílio que trata. Isto de primo Basílio já vem de longe! O Sr. verá que os Basílios hão de progredir na nossa sociedade. Hão de [...] brado d'armas, e fazerem coisas do planeta Mercúrio!

MANOEL INÁCIO - Nesse caso, minha filha será Basílio...

BARTOLOMEU (*emendando-o*) - Basília. O Sr. frequenta o teatro Cassino?

MANOEL INÁCIO - Eu, Sr.?... Se o dinheiro mal chega para não morremos à fome, como há de chegar para comprar camarotes, luvas, fazer a barba, pagar passagens de *bonds*...

BARTOLOMEU - Tens razão: a pobreza é um ferro! Porém (*com paciência*) à tática, tudo se consegue. Era com esse [...] que o primo Basílio chamava as rolas ao ninho do seu paraíso. Desejo que leve sua família àquele lindo teatrinho. Hei de oferecer-lhe um camarote, mandar-lhe-ei num cestinho algumas provisões, como sejam pastéis de fígado gordo, iscas de fiambre entre miolo de pão, sorvetes em flanela, frutas, *champagne frappé*...

MANOEL INÁCIO - Oh!... será um festim!...

BARTOLOMEU - Uma merenda... um bacanal! Verão representar o meu primo Basílio!

MANOEL INÁCIO - Não sabia que V<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. tinha um primo ator!

BARTOLOMEU (*entusiasmado*) - Que linguagem! Que doutrinas! Que realismo! Há quem morde no calcanhar do primo Basílio, acham-no cínico, imoral, livre na idéia e licencioso na forma... Ditos de oficiais do mesmo ofício! - [...] zoilos rugidores dos bons Felintos!... compreende-me o Sr. Manoel Inácio?

MANOEL INÁCIO (*duvidoso*) - Perfeitamente!... E demais, quem não gostar dele não o vá ver representar.

BARTOLOMEU - Pois que duvida!... (*tira um papel da escrivaninha e dá-lho*) Faça presente [...] papelotes à pequenina Basília.

MANOEL INÁCIO - O crédito de minha dívida!...

BARTOLOMEU - Pague-o a pequena Bibizinha.

MANOEL INÁCIO (*beijando-lhe a mão*) - Ó Sr. Compadre!

BARTOLOMEU - ... Basílio - de amanhã em diante. (*dá-lhe duas notas do banco*) Aceite estes 20 [...] para cofiar os seus bigoes, e dê estes outros 50 [...] à comadre para pagar a tipóia e comprar um par de luvas claras de *peau de suède*, e de oito botões.

248

MANOEL INÁCIO (*comovido*) - Realmente!... tantos favores, Sr. Compadre!... Há de me dar permissão para que também lh'os venha agradecer a minha Margarida.

BARTOLOMEU (*desgostoso*) - Margarida! O nome da *Dama das Camélias*!... Por que não...

MANOEL INÁCIO - Basta de incomodá-lo e tomar-lhe o tempo, Sr. Compadre; se me der licença que a traga...

BARTOLOMEU - Pois não... com muito gosto. Lembranças a Comadre e a afilhada!... (*sai Manoel Inácio*) Ah!... se eu pudesse transformar o universo inteiro em Basílios de ambos os sexos!... (*batem palmas à D. A.*) Que ferro! Queira entrar quem é! (*aparece o Dr. Panfírio*) Ainda?...

CENA IX  
Bartolomeu e Panfírio

BARTOLOMEU (*friamente*) - Se volta à questão de ontem... hoje penso do mesmo modo... amanhã e sempre! Minha pupila e sobrinha não se casa com um moço que embora seja um excelente caráter, não está em condições de a felicitar.

PANFÍRIO - Oh!... afirmo-lhe que...

BARTOLOMEU - ... a fará feliz, que trabalhará para ela, há de amá-la eternamente. Li todas essas asseverações da frase; mas há uma condição importante para um casal que se ama: não se devem separar por mais de algumas horas; ao contrário, temos casamento no ar!

249

PANFÍRIO - Mas, eu não tenciono separar-me de minha mulher!

BARTOLOMEU - O Sr. é um médico formado a pouco; não tem clínica nem nomeada, e, numa capital aonde os médicos calouros em disponibilidade curam menos doentes do que dos assuntos da rua do Ouvidor. Sem clientes e sem dinheiro, que remédio terá senão separar-se de sua mulher para acudir a algum Convite [...]? O caso prolonga-se, não pode abandonar o doente nem dispensar o proveito de honrarias... Imagina-se a que ferro fica exposta a esposa a suspirar e a cantarolar a *mandolinata* e portanto... *Andiamo a transnottari*... Então chegam os



aborrecimentos, as tristezas... as distrações ou passeatas ao campo... Isto de uns no *Alentejo* e outros na *Patriarcal*... temos conversado! Não lhe dou a mão de minha sobrinha Basília.

PANFÍRIO (*surpreso*) - Basília?!

BARTOLOMEU - Desde há uma hora, pouco mais ou menos. Portanto, já o Sr. sabe que...

PANFÍRIO - Não voltei à questão, conforme o senhor disse a pouco; deixo ao tempo o encargo de advogar os interesses do meu coração; o meu fim, tornando a importuná-lo é o de pedir-lhe um favor importante para mim, para o senhor insignificantisimo! Talvez saiba que eu escrevo para o teatro; sou dramaturgo...

BARTOLOMEU (*com indiferença*) - Fico ciente: e o resto?

PANFÍRIO - Venho solicitar a sua valiosa coadjuvação na distribuição das listas que tenciono espalhar para imprimir o meu trabalho por meio de assinaturas.

BARTOLOMEU - A qual escola pertence a sua composição?

PANFÍRIO - À realista! Nós, os modernos literatos só escrevemos para a moderna escola: somos realistas.

BARTOLOMEU - Então, com certeza o seu drama é bom! - é realista, está dito tudo!

PANFÍRIO (*modesto*) - Pelo menos assim o diz a nossa *Maçonaria*!

BARTOLOMEU (*sério*) - O Sr. é maçom?...

PANFÍRIO - Em letras. Pertencço a uma loja literária muito especial, que foi criada ultimamente com o título de "Iniciadores do realismo" por alguns dos ex-membros de um outro *Club* que existiu, há alguns anos, com a denominação de "Confraria do elogio mútuo" - V<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. recorda-se?...

BARTOLOMEU - Se me recordo... Era uma autocracia secreta mui zelosa dos privilégios e dos interesses dos adeptos da sua *monita*. Já poucos existem dessa Irmandade. Mas, vamos ao seu drama: (*assenta-se e indica cadeira a Panfírio*) conte-me o seu entrecho.

PANFÍRIO - O entrecho é simples; é uma tese que não sendo nova, é ainda muito aceita, defendida nas faculdades das inteligências e muito proclamada pelo otimismo realista. (*Bartolomeu torna-se muito atento*) É uma menina da alta roda que se apaixona por um *guidans* de baixa esfera, e o pai, como é de presumir, opõe-se ao casamento. A consequência foi...

BARTOLOMEU (*malicioso*) - Compreendo: a rapariga fez-se *voluntária*?...

PANFÍRIO (*sorrindo-se*) - E teve logo grande [...] de sucesso! - fugiu com o namorado.

BARTOLOMEU - Um!... o episódio não é lá muito moralizador! Fugir? Isso é moralmente romanesco! Tudo menos a fuga!



PANFÍRIO - Queira ir ouvindo. O sedutor, não querendo onerar de despesas e já enfasiado e saciado da conquista, mandou-a para a casa paterna e safou-se para outro país.

BARTOLOMEU - Peralta!... E o pai?...

PANFÍRIO - Expeliu-a de casa e amaldiçoou-a.

BARTOLOMEU - Isso de maldição é pulha!

PANFÍRIO - Pulha, não Sr., é a moralidade do drama: a falta punida pela própria falta; não acha?

BARTOLOMEU [...] - [...]... eu sei!... E depois?

PANFÍRIO - Há episódios importantíssimos!... de um efeito maravilhoso! A pobre moça percorre toda a escada da degradação social. A cada degrau o remorso a faz parar, mas, o castigo que sempre acompanha a culpa a impele para diante. Ela galga outro degrau... outro... outro...

BARTOLOMEU (*intencional*) - Até que chega ao patamar?...

PANFÍRIO (*sorrindo*) - Entrou no prostíbulo, passou a...

BARTOLOMEU (*vivamente*) - Deixe-a ficar na sala; já sabemos que tornou-se uma mulher perdida; não é preciso ir além. E a conclusão do episódio?... O último ato.

PANFÍRIO - Passa-se numa das enfermarias da Santa Casa de Misericórdia.

BARTOLOMEU - E quando se restabelece, casa-se?

PANFÍRIO - Não, senhor: morre miserável, vítima de mil sofrimentos do corpo e do espírito.

BARTOLOMEU - Antes fosse de um ataque cerebral.

PANFÍRIO - Morreu como havia vivido: abandonada pelos homens e acolhida pela clemência de Deus.

BARTOLOMEU (*admirado*) - Oh!... porém não se regenera?!

PANFÍRIO - Não Sr., eu entendo que a regeneração da mulher culpada não passa de um idiotismo dos hiperbólicos romancistas. A *perdida* pode apresentar-se ante o Cristo absolvida pelo arrependimento, mas não lavar-se do lodo de que a sociedade salpicou-lhe a face. Nem Deus perdoa a mulher perdida!

BARTOLOMEU (*impaciente*) - Ora pulhas! Que parvoice! Em que tempos foi o Sr. [...] esse [...] literário? (*ergue-se*) Não posso coadjuvá-lo conforme deseja: a sua produção é muito imoral!

PANFÍRIO - Imoral!?... E esses tantos outros...

BARTOLOMEU - Nesses as protagonistas se regeneram - os pais, os maridos dizem que *sim senhor, está bonito!*... - esquecem e perdoam.

PANFÍRIO (*intencional*) - E onde se purificam elas das máculas da prostituição?

BARTOLOMEU - Nas águas das ideias realistas dos seus autores! No seu drama, meu caro Sr., não há só imoralidade e inverossimilhança, há também tacanhez e pobreza de pensamento. Que lembrança foi a sua de atirar a pobre piorrinha aos braços de um pobretão que não podia sequer dar-lhe um *coupé* e um chapéu com miosótis azuis! Alugasse-lhe ao menos uma sala em uma casa particular e não deixasse morrer no [...] de um hospital!... Não se deve apresentar o vício sob tão reles e burguesas aparências! Isso aperta, punge o coração! Quem leva sua família ao teatro é para diverti-la e não mostrar-lhe tais horrores.

PANFÍRIO - Mas senhor, manda a moralidade...

BARTOLOMEU - Ora!... a moralidade!... a moralidade não passa de uma pulha pregada pelos senhores literatos do antigo rojão!

PANFÍRIO (*secamente*) - Desculpe-me: não estamos de acordo. Queria então que apresentasse as mais repugnantes pústulas entre ouros e brocados? Pretende que se ilumine os antros do vício com a luz que só deve irradiar em torno da virtude?... Aconselha-me em sua consciência que eu escreva um drama nestas condições?

BARTOLOMEU - Pois que duvida!... Faça um trabalho esplêndido, iluminado por todos os fogos da imaginação e todo o espírito da verdade e do realismo!... Muitas sedas, muitas jóias, muitas luzes!... Componha um episódio assim sobre qualquer caso da época reinante e conte comigo naquilo que

precisar. Estude, indague, reflita e procure os bons autores modernos: é assim que procede quem quer obter sucesso nas letras.

[...]³

[ve-]jamos as suas alterações. Assentem-se senhores. (*assentam-se todos*) Atenção!

PANFÍRIO - Vou colocar os protagonistas em boas posições sociais e regenerar a heroína.

BARTOLOMEU (*aprobativo*) - Muito bem!

PANFÍRIO - Vou apresentá-la arrependida e torná-la limpa de toda a mácula física e moral - lançando-a pura e digna à sociedade [...] e exigente.

BARTOLOMEU (*com interesse*) - Vai então mexer em toda a *fábrica*?...

PANFÍRIO - Não é necessário; basta arrumar-lhe no fim alguns tropos e figuras de retórica, preparar um [...] final que fale às [...] de todas as ideias, adornando tudo com bonitas tiradas poéticas, frases sentimentais que comovam e exaltem as sensibilidades!...

BARTOLOMEU (*satisfeito*) - Isso! Por aí... por aí! E o último ato?... O último ato, especialmente, é o que deve haver mais cuidado.

³ Neste ponto há um salto na numeração dos fólhos do manuscrito, de 30 para a 38. [N. O.]



PANFÍRIO - O último ato fá-lo-ei passar num opulento *buduás* com todos os acessórios próprios para deslumbrar a vista, os sentidos e a imaginação.

BARTOLOMEU - Sim senhor! Está muito bonito! Nesse andar obtém o senhor o primeiro e o maior impossível drama da quadra! (*às duas senhoras*) Vejam o que perdiam as letras nacionais se eu não o empurrasse para fora da estrada rotineira aonde estava encharcado! É preciso luxo! Muito luxo nas coisas da vida! O senhor não sabe que as aparências valem tudo no mundo real? Espelhos, decorações, quadros, bronzes, cristais, porcelanas, sanefas, alcatifas, dourados... *coupés*... barulhos, alegrias, bacanais, festas campestres...

BARTOLOMEU (*entusiasmado*) - Muito bem!... Muito bem! Faça como diz que eu pago toda a impressão do drama!

INOCÊNCIA - Desculpem-me o meter a minha mão em seara alheia: por que não os casa no último ato?... Bem vê que... acabando em casamento...

#### CENA X<sup>4</sup>

Os mesmos e Vitória pela E.

BARTOLOMEU - Sim, case-os, case-os no fim da peça; acabe o episódio em casório... É preciso atender à moralidade.

PANFÍRIO - Lembrou bem, minha [...]! casá-los-ei, é coisa que pouco custa.

<sup>4</sup> Esta e as últimas cenas não estão numeradas no manuscrito. [N. O.]

BARTOLOMEU - E qual o título do drama?

PANFÍRIO - "Honra e Paixão".

BARTOLOMEU - Sim senhor! Está bonito! Mas... há coisa mais nova e original.

QUERUBINA (*intencional olhando para Panfírio*) - Titio tem muito bom gosto para nomes...

PANFÍRIO - Nesse caso, será o senhor seu tio quem crisme o meu trabalho.

BARTOLOMEU - Com muito gosto: (*pensa*) pois será...

VITÓRIA (*à meia voz*) - Lá vem um...

BARTOLOMEU - O *Novo Basílio*!

PANFÍRIO - *Eureka*! O senhor adivinhou-me a aspiração desse título - que eu não ousava mencionar!

BARTOLOMEU - De quantos exemplares pretende fazer a edição?

PANFÍRIO - Dois mil...

BARTOLOMEU - Dois mil! Que ninharia para um *Novo Basílio*! Nada! Pelo menos dez mil exemplares da primeira tiragem! Esgotada essa, tira-se outros tantos...

VITÓRIA - Jesus, Santo nome de Jesus!... dez milheiros de *Basílios*!!!

INOCÊNCIA - E aonde se há de acomodar tantos *Basílios*?!...

BARTOLOMEU - Não lhes faltará aonde! A nossa sociedade é imensa! E as inteligências e o bom gosto literário aí estão para proteger o *Novo Basílio*.

BARTOLOMEU - Prepare-se para fabricar novos episódios domésticos e conte que os *primos*



Basílios não os deixarão ficar mal! O senhor há de ser no drama realista o que é o D'Eça no romance realíssimo! O seu nome há de ilustrar o século XIX nas páginas imortais do realismo brasileiro. De um polo a outro hemisfério, há de ressoar a fama do Criador dos futuros Basílios americanos!

PANFÍRIO - Oh!... quanta benignidade!... quantos favores!

BARTOLOMEU (*entusiasmado*) - Parabéns! Parabéns maravilhoso escritor. Avante, nobre arauto da propagação do *racionalismo* brasileiro! Caminha, valente conquistador do progresso póstumo! Não pares, nem descanses no marco miliar da regeneração das gentes! Ergue, autor, ergue a basílica grimpada que tem de perpetuar a vitória...

VITÓRIA (*acudindo*) - Senhor?...

BARTOLOMEU (*zangado pela interrupção*) - Quem chama aqui o ferro do seu bedelho?!... (*a Panfírio*) Sim! É com semelhantes jatos que o gênio da moral pública há de avançar gigantescamente para o seu brilhante retrocesso!

PANFÍRIO - Obrigado! O senhor acaba de mostrar-me as portas do Bazar aonde devem se acolher os mercadores do templo das letras! Procurarei nunca me desviar dessa trilha - sempre que precisar escrever para obter dinheiro e grande sucesso!

BARTOLOMEU - Faça isso e deixe correr o barco. Não encare as coisas da vida pelas lentes da rotina carunchosa! Não é com a maturidade - embora sensata e respeitável, mas, rabugenta e sensaboria - que os teatros e a bolsa dos empresários dos autores se encham! A miséria em cena é uma coisa hedionda! A mediocridade... *púb!* nem pensas em tal! Venham, venham os prestígios das altas posições! O brilho dos diamantes, o valor das rendas, o *ruge ruge* das caudas de veludo, as essências aristocráticas, o aveludado das alcatifas, os esplendores dos camarins! Oh!... Vivam os Basílios!

PANFÍRIO - E as Basílias!

BARTOLOMEU (*entusiasmado*) - Dr.! A Posteridade é sua! E também a minha sobrinha Basília!

PANFÍRIO - Oh! Felicidade!!

INOCÊNCIA (*admirada*) - Pois, mudaste assim de repente de resolução?...

BARTOLOMEU - Estou pelo meu dito: não dou a mão de minha pupila a um médico, mas a um dramaturgo eminente - a um escritor sublimado autor realista!

QUERUBINA (*abraçando-o*) - Oh! Meu bom titio!... isso é sério?!...

BARTOLOMEU - Muito sério: com estas coisas não se brinca. (*aparece José Pereira à D. A.*) Oh! Chega a propósito senhor...

## CENA XI

Os mesmos e Pascoal pela D. A.

BARTOLOMEU - Ande, ande compadre Basílio!... Vamos tomar um copo de *champagne frappé* em honra dos nubentes Basílios! (*chamando para a E.*) Ó Juliana!... Ó Pintéus!... Tragam uma garrafa de *champagne frappé*. À saúde dos noivos!

PASCOAL - Dos noivos? Quem são os noivos?

BARTOLOMEU (*apresentando*) - O casal Basílio.

PASCOAL (*estupefato*) - O casal Basílio!! (*ri-do-se*) Ah!... ah!... ah!... ah!... ah!... ah!... Sim senhor! Está bonito! (*a Inocência*) Como se fez este casamento?

INOCÊNCIA - Foi dito e feito... (*entra um criado trazendo copos e garrafa de champagne, põe a bandeja sobre a mesa e sai*)

PANFÍRIO (*cumprimentando*) - Ao sistema do primo Basílio!

JOSÉ PEREIRA (*abrindo a garrafa com estrondo da rolha*) Urra! Viva o Sr. Bartolomeu dos Santos Basílio! (*risadas de Pascoal*).

TODOS MENOS BARTOLOMEU E PASCOAL - Hip!... hip!... Urra!... hip!... hip!... Urra!...

BARTOLOMEU - Um brinde ao excelso autor do *Novo Basílio*.

TODOS - Bá... bá... bá... - Basílio!

PASCOAL [...] (*a ação à palavra*) - Cá... cá... cá... caçoleta na cachola do supremo chefe da colônia basifáca!

BARTOLOMEU (*com força*) - E morram os ferros contrários aos apologistas da literatura realista!

Cai logo o pano<sup>5</sup>

## Fim da comédia

O pano pode ser erguido outra vez para o autor agradecer aos atores o grande sucesso do *Novo Basílio*.



<sup>5</sup> Podendo [...] o contra regra [...] para [...] do pano abaixo, a frase que vai aqui escrita no verso desta nota, fora do mesmo pano. [N. A.]